

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARCELO FRÓES DE MATOS

O Mistério Pascal na Homilia:

Um serviço à Comunidade por meio da Liturgia da Palavra

MESTRADO EM LITURGIA

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARCELO FRÓES DE MATOS

O Mistério Pascal na Homilia:

Um serviço à Comunidade por meio da Liturgia da Palavra

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia Sistemática com especialização em Liturgia à comissão julgadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, sob a orientação do Pe. Dr. Valeriano Santos Costa.

São Paulo

2011

BANCA EXAMINADORA

.....
1º Leitor

.....
2º Leitor

.....
Presidente da Banca

.....
Prof. Dr. Pe. Valeriano Santos Costa
Orientador da Dissertação

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todas as
pessoas (de ontem e de hoje) que
consagraram sua vida ao estudo da ciência
litúrgica. Aos agentes da pastoral litúrgica e
aos nossos queridos sacerdotes, pastores do povo
de Deus, que na simplicidade e dedicação, ajudam na
celebração do Mistério Pascal de Jesus Cristo em nossas
comunidades.

*Ao meu querido pai, amigo e conselheiro MONSENHOR JOÃO ALVES GUEDES, pelo
incentivo, confiança e amizade. Pelo amor e respeito que me ensinou a ter da Sagrada Liturgia.*

Fides ex auditu
(Rm. 10,17)

Palavras são palavras
Muito mais do que palavras
(Carlos Alberto Rodrigues Alves)

AGRADECIMENTO

Esta é uma página que poucos lêem, mas que o autor não se pode furtar a escrevê-la. Apresento minha gratidão a quem, por esta ou aquela razão, se tornou cúmplice do trabalho que acabei realizando:

- Ao Deus da Vida e da Aliança, terno e compassivo, doador de todos os dons.
- Ao Pe. Valeriano, por sua dedicação à ciência litúrgica e que conduziu a orientação desta dissertação.
- Aos amigos do curso de Especialização em Liturgia e Mestrado, com quem compartilhei angústias e desafios, avanços e alegrias da caminhada da liturgia.
- À direção, professores e funcionários do Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC-SP, pelo serviço prestado nestes anos.
- À Arquidiocese de São Paulo, que me acolheu e a convivência no Seminário Bom Pastor, na pessoa dos Reitores: Pe. José Miguel e Pe. Eduardo.
 - Ao Pe. Cristiano Marmelo Pinto, pela acolhida em sua casa durante o Mestrado.
 - Às comunidades que me acolheram e alimentaram a minha vida espiritual, pela amizade e celebrações ferias e dominicais: Paróquia de São João Batista no bairro Utinga em Santo André, Paróquia N^a S^a da Conceição em Rio Bonito e a minha querida Paróquia São José Operário em Jardim Catarina – SG.
- A minha querida família, de forma especial minha mãe, pelo testemunho de vida e esperança, minha avó D. Adia (*Im Memoriam*), que me iniciou na fé.
 - Ao arcebispo da Arquidiocese de Niterói-RJ, irmãos no presbitério, pela liberação e apoio recebidos.
 - Ao povo da Arquidiocese de Niterói, de modo particular, as lideranças que atuam na caminhada litúrgica e doam sua vida para que as celebrações sejam expressão de sua luta e fé.
 - Aos amigos e amigas que, mesmo apartados pela distância e atividades, estiveram presentes e torceram pelo sucesso desta iniciativa, Célia e Humberto pelo carinho sempre presente e de modo especial: Diác. Nelson Rogério e Luciana Carla, meus padrinhos de ordenação e inspiração na fé.

RESUMO

MATOS, Marcelo Fróes de. *O Mistério Pascal na Homilia: Um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra*. Dissertação de Mestrado (Teologia Sistemática com área em Liturgia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

Pelo olhar da ciência litúrgica, buscaremos apresentar subsídios sobre a relação entre o Mistério Pascal e homilia e a sua contribuição à comunidade por meio da liturgia da Palavra. Momento este em que o povo de Deus faz a experiência mistagógica do mistério celebrado. Inicialmente defenderemos a hipótese de que o discurso homilético deve ter como base de preleção o anúncio querigmático enraizado no Mistério Pascal de Cristo. A metodologia científica foi desenvolvida com base em um olhar biográfico de leituras, textos, reflexões e constatamos que a homilia ainda é um espaço de construção e re-construção do “ethos” e visão de mundo. O discurso do padre durante a homilia é a porta mistagógica por onde os leigos farão a leitura pelo anúncio querigmático da vivência no Mistério de Cristo, fato que será evidenciado no primeiro capítulo, no qual demonstraremos as categorias epistemológicas que surgiram na pesquisa. Verificaremos que o Mistério Pascal exerce um enorme poder de persuasão por meio de seus símbolos, ritos e sobretudo nas celebrações. No segundo capítulo, conheceremos a homilia sob a ética do querigma e na ação pastoral prática: comunicação, linguagem, estética da oratória. No terceiro capítulo demonstraremos alguns aspectos da homilia que levam a uma perfeita conversão e como a Palavra lida e atualizada torna-se fundamento teológico (e não rubrica) mostrando o motivo pelo qual a homilia é feita durante a Liturgia da Palavra e como parte constitutiva da Liturgia da Palavra, esclarecendo que o Mistério Pascal na Palavra celebrada e de quem celebra é a palavra-chave para que o discurso homilético seja considerado eficaz por parte dos fiéis que o legitimam pela fé.

Palavras-chaves: Mistério Pascal – homilia – anúncio – querigma – liturgia - Palavra

ABSTRACT

Matos, Marcelo Froes of. *The Homily in the Paschal Mystery: A service to the community through the Liturgy of the Word*. Master Thesis (with area Systematic Theology in Liturgy) - Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2011.

By the look of liturgical science, we try to provide subsidies on the relationship between the Paschal Mystery and the homily and its contribution to the community through the liturgy of the word. At which point the people of God mystagogical makes the experience of the mystery celebrated. Initially defended the hypothesis that the homiletic discourse must be based on the lecture announcement kerygmatic rooted in the Paschal Mystery of Christ. The scientific methodology was developed based on look biographical readings, texts, reflections and found that the homily is still an area of construction and reconstruction of the "ethos" and worldview. The speech by the priest during the homily is the door through which the laity mystagogical will lecture on the ad kerygmatic of experience in the mystery of Christ, a fact that is evident in the first chapter, which shows the epistemological categories that emerged in the research. Find that the Paschal Mystery has a tremendous power of persuasion through its symbols, rites, and especially in celebrations. In the second chapter, we in the homily of the kerygma ethics and pastoral practice: communication, language, aesthetics of oratory. In the third chapter demonstrate some aspects of the homily that lead to a perfect conversion and how the Word read and updated becomes theological foundation (not line) showing why the homily is made during the Liturgy of the Word and as a constituent part of liturgy of the Word, explaining that the Paschal Mystery celebrated in the Word and who celebrates is the keyword for the homiletic discourse is considered effective by the faithful that the legitimate faith.

Keywords: Paschal Mystery - Homily - advertisement - kerygma - Liturgy - Word

SUMÁRIO

• SIGLAS E ABREVIATURAS	10
• INTRODUÇÃO	11
• CAPÍTULO I – O MISTÉRIO PASCAL	
• 1. Introdução	15
• 2. O Mistério	21
• 2.1. No Sentido Filosófico	22
• 2.2. No Sentido Teológico-Litúrgico	23
• 2.3. No Sentido Bíblico	25
• 2.4. Nos Escritos dos Padres da Igreja	26
• 3. A Páscoa	28
• 3.1. Origem da festa da Páscoa	29
• 3.2. A Páscoa no Antigo Testamento	30
• 3.3. Etimologia da palavra Páscoa	31
• 3.4. A Teologia da ceia pascal judaica	33
• 4. O Mistério Pascal	34
• 4.1. O Uso do termo em Militão de Sardes e S. Leão Magno	36
• 4.2. O Memorial da Páscoa	42
• 4.3. Mistério Pascal núcleo da pregação querigmática	43
• 4.4. Mistério Pascal razão de ser da pregação, expressão prática da Homilia	45
• 5. Considerações Finais	46
• CAPÍTULO II – A HOMILIA COMO ANUNCIO QUERIGMÁTICO DO MISTÉRIO PASCAL	
• 1. Introdução	49
• 2. O querigma enquanto anúncio	50
• 2.1. O anúncio libertador do evangelho	55
• 2.2. O querigma como lugar teológico da ressurreição	60
• 2.3. O Espírito Santo e o anúncio do querigma	62
• 3. A Homilia na Liturgia	64
• 3.1. O Significado da palavra Homilia	65
• 3.2. Homilia e Magistério	67
• 3.3. Algumas características e elementos característicos da homilia	68
• 3.4. As atitudes que desperta a Homilia	69
• 3.5. Complementos e as funções da pregação litúrgica	70
• 3.6. O desempenho indispensável da Homilia	72
• 3.7. Elementos temáticos da Homilia	74

•	3.8. Características da Homilia – <i>O Locus Liturgicus</i>	75
•	3.8.1. O Caráter Memorial da Homilia	76
•	3.8.2. O Caráter Pascal da Homilia	77
•	3.8.3. Caráter Narrativo da Homilia	78
•	3.8.4. Caráter Orante da Homilia	79
•	3.8.5. A Dimensão Trinitária da Homilia	80
•	3.9. Pressupostos para a realização da Homilia	81
•	3.9.1. Preparação Próxima e Remota da Homilia	83
•	3.9.2. Elementos Pertinentes da Homilia	83
•	3.9.3. Funções da Homilia	84
•	3.9.4. Linguagem e Comunicação da Homilia	85
•	4. Considerações Finais	86
•	CAPÍTULO III – PALAVRA DE DEUS: FONTE DA CONVERSÃO CONTÍNUA COMO META DA HOMILIA	
•	1. Introdução	88
•	2. A Repercussão na vida da sociedade	89
•	2.1. A Igreja e a Palavra, fundamentos da sacramentalidade	89
•	2.1.1. Vivência e Espiritualidade Litúrgica: Meditação e Ação	91
•	2.1.2. A Celebração da Palavra	93
•	2.2. Escuta da Palavra e Conversão	94
•	2.3. A Palavra na celebração do perdão	96
•	2.4. A Palavra é viva na Igreja	98
•	2.4.1. A Igreja, comunidade do diálogo com Deus	99
•	2.4.2. A Liturgia: Lugar privilegiado para a escuta da Palavra	100
•	3. Exigências da Santidade do Pregador como elemento importante na sua Formação Litúrgica	103
•	3.1. Três dimensões do sinal litúrgico na Homilia	104
•	3.2. O Homiliasta: Pedagogo dos Mistérios Sagrados	104
•	4. Considerações Finais	107
•	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO	109
•	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113

SIGLAS E ABREVIACÕES

AA.:	Decreto sobre o apostolado dos leigos <i>Apostolicam Actuositatem</i>
CELAM:	Conselho Episcopal Latino Americano
CDC:	Código de Direito Canônico
CIC:	Catecismo da Igreja Católica
CNBB:	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CT:	Catechesi Tradendae
DAP:	Documento de Aparecida
DM:	<i>A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio</i> (Conclusões de Medellín)
DP:	<i>Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla.</i>
DV:	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EN:	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS:	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
IGELM:	Introdução Geral ao Elenco das Leituras da Missa
IGLH:	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR:	Instrução Geral sobre o Missal Romano
LG:	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
MD:	Encíclica <i>Mediator Dei</i>
MR:	Missal Romano
NMI:	Novo Milênio Ineunte
ODC:	Ofício Divino das Comunidades
PO:	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
SC:	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD:	<i>Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã: Santo Domingo, conclusões.</i>
SEDOC:	Serviço de Documentação

INTRODUÇÃO

Com o título “*O Mistério Pascal na Homilia: Um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra*”, pretendo apresentar nesta dissertação a presença e o valor do Mistério Pascal na Homilia e a contribuição desta para a Palavra proclamada e ouvida nas assembléias litúrgicas. O Mistério Pascal nos faz recordar o memorial de Cristo e nos leva a viver plenamente a ação celebrativa no decorrer de todo o Ano Litúrgico, por isso o mesmo se torna ação mistagógica na vida do cristão em decorrência da Palavra de Deus e, como fermento na massa, nos insere na celebração da vida.

A partir do nosso aprofundamento no curso de especialização em liturgia, no qual tivemos a oportunidade de apresentar um trabalho a respeito do caminho pedagógico, que é o Mistério Pascal na homilia, procuramos pesquisar sobre este tema, que consideramos uma contribuição para a ciência litúrgica.

Como a direção do nosso estudo está na linha da participação que brota da experiência mistagógica, escolhemos para o objeto material dessa pesquisa: O Mistério Pascal que constitui a essência, o auge e fonte de vida do fiel e da comunidade cristã. Sobretudo na liturgia, este único mistério é atualizado por obra do Espírito Santo, que volta a derramar-se sobre a assembléia celebrante em todos os sacramentos e momentos do ano litúrgico. Deus continua se manifestando hoje, quando nós, com fé, lembramos cada um dos momentos da vida de Jesus e os celebramos como mistérios, que revelam e nos fazem participantes do único mistério.

Porém, para a maioria dos participantes de nossas assembléias litúrgicas, isto não é suficientemente claro. A celebração de cada um dos mistérios de Cristo ao longo do ano litúrgico, muitas vezes, é interpretada apenas como uma recordação de uma sucessão de fatos ocorridos na vida terrena de Cristo e não como presença na forma sacramental-ritual do mistério de Cristo no espaço de um ano.

E como objeto formal: A homilia que celebra o Mistério Pascal, núcleo da pregação querigmática, evangelização esta recolhida nos Atos dos Apóstolos. Daí faz-nos entender que a

palavra proclamada deve ser refletida à luz do Mistério de Cristo, sendo assim, é mistagógica, pois, nos leva a viver com mais coerência a espiritualidade da celebração realizada.

A homilia pode ser entendida como um prolongamento da palavra da Escritura atualizada. Mas, assume como que a ressonância litúrgica revestida de espiritualidade de cunho orante, porém, não moralizante ou doutrinária.

O objetivo da homilia é atingir o coração dos fiéis, possibilitando conversão, mudança de rumo, e mostrar a assembléia o itinerário a ser percorrido. Portanto, a homilia visa fazer com que os fiéis mudem de vida e avancem para as “águas mais profundas” (Lc 5, 4).

Ela nasce da inteligência e do coração do pregador. Isso acontece quando ocorre uma íntima escuta da palavra, quando ele (homiliasta) acolhe e medita ardentemente por meio da intuição e análise. O êxito comunicacional da homilia é fruto da familiaridade com os textos bíblicos, do olfato espiritual que aumenta a fé. Sem fé, a homilia, se reduz apenas a chavões triviais, moralismo barato e improvisado, repetição de textos e, não poucas vezes, fundamentalismo.

Apresentar a dinâmica do Mistério Pascal dentro da homilia será o eixo central deste trabalho, que de modo algum pretende se tornar um tratado exaustivo. Pelo contrário, a minha intenção será apenas elucidar alguns aspectos teológico-litúrgico, que ajudarão a comprovar o meu pensamento diante da temática apresentada. Para isso, resolvi organizar esta pesquisa da seguinte maneira:

No capítulo I, que tem como título “O Mistério Pascal e seu anúncio querigmático”, terá como objetivo definir claramente o que significa o termo “Mistério Pascal” dentro da liturgia e demonstrar como ele faz presença durante todo o ano litúrgico. De certo modo, isto já comprovará a sua presença nas homilias, pois o seu anúncio querigmático colabora para a vivência do Mistério de Cristo e dará ao leitor condições de identificá-lo mais especificamente no capítulo seguinte, através do estudo da homilia como anúncio querigmático do Mistério Pascal.

Iniciaremos o estudo do termo, elucidando a sua valorização dentro da liturgia atual a partir do sentido filosófico, teológico, bíblico e patrístico. Logo após, aprofundaremos a temática buscando o significado original de cada um dos seus termos e do conjunto desta expressão. Tendo fixado estes conceitos, partiremos para comprovação de sua presença como núcleo da pregação querigmática e expressão prática da homilia.

No capítulo II, intitulado “A Homilia como anúncio querigmático do Mistério Pascal”, iniciaremos apresentando o querigma enquanto anúncio libertador do evangelho e lugar teológico da ressurreição. Abordaremos o Espírito Santo como protagonista do anúncio querigmático e homilético.

A Igreja, ao longo dos séculos, proclamou, no fervor do Espírito, a Palavra de Deus em suas assembléias cúlticas. A proclamação alegre e expectante da Palavra de Deus assumiu, desde sempre, entre os cristãos, as dimensões: eucarísticas, querigmáticas, mistagógicas, didáticas, todas elas tornadas possíveis graças ao caráter pneumático da Liturgia da Palavra.

Consideraremos a Homilia na Liturgia, como fonte de uma perfeita experiência pascal e sua análise da prática litúrgica, a etimologia da palavra homilia e a sua presença pascalizada nos documentos do Magistério da Igreja. Seguindo, apresentarei os subsídios da preparação e na vivência litúrgica da homilia, tais como: suas características e elementos que a constituem, atitudes que despertam a homilia, as funções da predicação litúrgica, o seu desempenho indispensável e os elementos temáticos que a compõem.

Nas características da homilia, apresentaremos o *Locus Liturgicus*, o lugar litúrgico e mistagógico de pensar a fé, seguindo aos pressupostos para a realização da mesma: preparação, elementos pertinentes, dinamismo na celebração, suas funções, linguagem e comunicação.

Depois de haver construído a base instrumental do nosso estudo, chega-se ao capítulo III, onde teremos o desfecho da homilia como meta contínua para a conversão. A Palavra de Deus é o único meio de fazer uma autêntica exegese da vida, pois suscita o arrependimento e estimula à conversão.

Prosseguiremos neste capítulo, fazendo a análise da Palavra na liturgia, a sua repercussão na comunidade enquanto sacramentalidade, espiritualidade e celebração e a sua contribuição para uma perfeita mistagogia litúrgica.

Concluiremos esta pesquisa, sistematizando a exigência da santidade do homiliasta como elemento importante na sua formação litúrgica.

A dissertação mostrará, em seu desenvolvimento, que a compreensão da ação litúrgica é o ponto de partida para uma verdadeira participação na homilia e que os participantes da assembleia devem ser iniciados no mistério da salvação, atualizados nos “sinais” sagrados como

caminho privilegiado para uma autêntica participação. Assim, poder-se-á compreender o profundo significado das palavras e dos gestos de Jesus.

Temos consciência dos limites do trabalho. É um trabalho biográfico, o início de um aprofundamento que, sem dúvida, deverá ter continuidade no projeto de pesquisa adiante, para que as celebrações dominicais da Palavra de Deus sejam mais orantes – e as homilias um verdadeiro encontro de amor com o Senhor da aliança.

CAPÍTULO I

O MISTÉRIO PASCAL

1. Introdução

Este capítulo tem como objetivo específico abordar o tema do Mistério Pascal e seu anúncio querigmático, especialmente na sua etimologia e na sua significação teológico-litúrgica.

Introduziremos este capítulo fazendo algumas considerações preliminares e, depois, exporemos como se procede o desenvolvimento do pensamento.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, através da constituição *Sacrosanctum Concilium*, sancionou a recuperação de um conceito de grande profundidade teológica, que se tornou essencial para a teologia e espiritualidade litúrgica pós-conciliar: o Mistério Pascal¹.

Apesar desta expressão já pertencer a muito tempo ao vocabulário cristão², o movimento litúrgico³ promoveu a redescoberta do termo, que posteriormente foi reafirmado e consagrado pela *Sacrosanctum Concilium*⁴, que o colocou como base de sua reflexão teológica⁵. Mas, isso representa um ponto de chegada de um itinerário cujo início coincide com a história do movimento litúrgico:

¹ Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade: Introdução teológica à liturgia*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 138.

² Segundo Pedro Sorci, o termo *mistério pascal* “encontra-se pela primeira vez, e com notável frequência, na homilia sobre a páscoa de Melitão de Sardes descoberta por C. Bonner em 1936. Já no exórdio da homilia, que pode ser datada entre 165 e 185, Melitão afirma que ‘novo e antigo, eterno e temporário, perecível e imperecível, mortal e imortal é o mistério da páscoa’” (SORCI, Pedro. *Mistério Pascal*. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 772). O texto acima mencionado pode ser encontrado em: De Pascha (PL 54, 493-494).

³ “No início do século XX, inicia-se uma grande cruzada de reforma e renovação litúrgicas na Igreja do Ocidente. Trata-se do assim chamado ‘movimento litúrgico’, que teve sua pré-história no período do Iluminismo (século XVIII) e da restauração católica (século XIX).” (SILVA, José Ariovaldo da. *O Mistério celebrado ao longo dos tempos – Panorama histórico geral da liturgia*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – Curso de Especialização em Liturgia, 2005, mimeografado, p. 52).

⁴ A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC), procurou reformar e incrementar a liturgia. Foi o primeiro documento do Concílio Ecumênico Vaticano II solenemente promulgado em 04 de dezembro de 1963.

⁵ Cf. SORCI, Pedro. *Mistério Pascal*, in: *dicionário de Liturgia*, São Paulo, Paulinas, 1992, p. 771.

Pode-se até mesmo dizer que, sobretudo na perspectiva da reflexão teológica, os acontecimentos do movimento litúrgico nada mais são do que a história da retomada e amadurecimento da categoria pascal e de sua irradiação em todos os aspectos da vida da Igreja, a começar da vida litúrgica. Trata-se de um caminho longo e complexo, já descrito e avaliado em seu conjunto e em suas particularidades.⁶

O apelo a uma nova evangelização, que anualmente se impõe como programa prioritário para toda a Igreja, implica em primeiro lugar o novo anúncio do evento pascal como núcleo da mensagem cristã. No interior desse programa, exigências especiais se impõem à homilética, parte pastoralmente determinante e delicada das celebrações em que a Igreja repropõe continuamente o Mistério Pascal, de diversas maneiras e com acentos diferentes. Na perspectiva do mistério homilético, serão levados em conta aqui os aspectos do mistério pascal para definir o aspecto da homilia como tema direta ou indiretamente pascal.

O Mistério Pascal constitui a essência, o auge e fonte de vida do fiel e da comunidade cristã. Sobretudo na liturgia, este único mistério é atualizado por obra do Espírito Santo, que volta a derramar-se sobre a assembleia celebrante em todos os sacramentos e momentos do ano litúrgico. Deus continua se manifestando hoje, quando nós, com fé, recordamos cada um dos momentos da vida de Jesus e o celebramos como mistério, que se revela e nos faz participantes do grande e único mistério.

Para a maioria dos participantes de nossas assembleias litúrgicas, isto não é suficientemente claro. A celebração de cada um dos mistérios de Cristo ao longo do ano litúrgico, muitas vezes, é interpretada apenas como uma recordação de uma sucessão de fatos ocorridos na vida terrena de Cristo e não como presença na forma sacramental-ritual do mistério de Cristo no espaço de um ano.⁷

⁶ Cf. B. NEUNHEUSER, *Storia della liturgia attraverso le epoche culturali*, CLV, 3ª Ed, Tivoli: Edizioni Liturgiche, 1983, p. 151.

⁷ BASURKO, Xavier/ GOENAGA, Jose Antonio. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica. In: BOROBIÓ, Dionisio. *A celebração da Igreja*. Vol 1: liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, p. 37-160 ; p. 160.

Por Mistério Pascal, entende-se esse conjunto de acontecimentos históricos e meta-históricos, entendidos como uma unidade inseparável do mistério da salvação. Para a teologia cristã, o Mistério Pascal é o principal artigo da fé e o conteúdo essencial da pregação e missão da Igreja. Na verdade, para os cristãos, foi pelo Mistério Pascal de Cristo que se consumou a salvação de todo homem e se inaugurou o tempo novo da redenção. É pelo Mistério Pascal que todos os homens são salvos e participam da vida divina.

A palavra **MISTÉRIO** tem, nesta expressão, não sentido vulgar de “coisa oculta”, “enigma”, mas sim o sentido corrente nos escritos de São Paulo, de realidade que nos supera, mas que é objeto de uma revelação progressiva.

Para São Paulo, o “*Mistério*” se manifesta como uma *economia*, uma ordenação ou disposição temporal da salvação. O mesmo se diz das etapas sucessivas pelas quais se consolidam o plano divino: a vinda ao mundo do Filho de Deus, o tempo da Igreja, a consumação final. Portanto, o mistério é um dinamismo no qual são envolvidos todos os que dele são inseridos.⁸

Em suas cartas, ele assumirá uma posição central para indicar o evento salvífico de Cristo.⁹ Para falar do mistério, se utiliza de locuções que têm significados afins. Fala do *mistério* (cf. Rm 16,25), do *mistério de Deus* (cf. Cl 2,2), do *mistério de Cristo* (cf. Cl 4,3; Ef 3,4), do *mistério da bondade divina* (cf. 1Tm 3,16) ou do *mistério do Evangelho* (cf. Ef 6,19).¹⁰

A doutrina paulina a este respeito pode ser resumida na afirmação de que o *mistério* é vontade salvífica de Deus e o seu admirável desígnio de salvação, cujas linhas estão concentradas e centralizadas em Cristo. Este desígnio, que provém de Deus desde toda a eternidade, foi manifestado de forma plena em Cristo; dele consignou o anúncio oficial aos apóstolos: “lendo-me, podeis compreender a percepção que tenho do mistério de Cristo. Às gerações e aos homens do passado este mistério não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito” (Ef 3, 4-5), para que os mesmos pregassem o Evangelho, despertassem a fé em Jesus como Cristo e Senhor e congregassem à Igreja. Os escritos no Novo Testamento são testemunhos perenes e divinos destas coisas (cf. DV. n. 17).¹¹

⁸ Cf. Cl 2,2; Ef 1,17ss; 3,18s.

⁹ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Mistério. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (org). *Dicionário de Liturgia*, 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 757.

¹⁰ Cf. AUGÈ, Matias. *Espiritualidade Litúrgica*: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”. 1ª Ed, São Paulo: Ave Maria, 2002, p. 42.

¹¹ Cf. *Ibidem*.

É **PASCAL**, porque a entrega de Cristo na Cruz e sua Ressurreição estão intimamente ligadas à Páscoa, ou seja, à festa dos judeus, os quais comemoram a sua libertação da escravidão do Egito; ao que Cristo dá o sentido novo de libertação da escravidão do pecado e da morte. Assim como Cristo morreu, mas voltou à vida, os cristãos creem que, por esse mesmo mistério, são também libertados da morte e reconduzidos à vida.

O Mistério Pascal, como realidade fundamental da fé cristã, está presente na pregação e, de modo especial, nos sacramentos. O Batismo corresponde, para os cristãos, a uma inserção do indivíduo no Mistério Pascal de Cristo, pela qual passa a fazer parte também da Igreja. Pelo Batismo, o cristão, à imagem de Cristo, é retirado da morte para a vida nova da graça. O Mistério Pascal está presente de forma mais intensa na Eucaristia. Neste sacramento, o Mistério Pascal é renovado, ou seja, tornado presente para os que celebram, de modo que todos recebem os seus frutos de salvação. O Mistério Pascal de Cristo, aliás, está presente em todas as celebrações da Igreja, sacramentais e não sacramentais. Todas elas são, de alguma forma, celebração e atualização do Mistério Pascal.

O Mistério Pascal de Cristo abrange toda a vida de Jesus, desde a encarnação até sua glorificação. Diz-nos a Bíblia do Verbo, ao encarnar-se: “Não quiseste sacrifícios nem oblação, mas formaste-me um corpo; não te agradaram holocaustos nem vítimas expiatórias, então eu disse: Eis-me aqui... para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10,5-7).

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia situa e propõe a obra redentora de Cristo como cumprimento antitípico da libertação e da aliança, que a páscoa veterotestamentária tipologicamente significava e preparava. Ela atribui a este evento o lugar central que a páscoa ocupava na história salvífica do Antigo Testamento e declara que este evento constitui o mistério pascal cristão, que por via misteriosa, através de ritos memoriais, é participável a todos os homens e mulheres das gerações futuras.¹²

Portanto, “o Mistério Pascal ou *paschale sacramentum*, em sua acepção litúrgica, bíblica (paulina) e patrística, refere-se essencialmente a Cristo e à sua obra de redenção humana efetuada principalmente pela sua paixão, morte, ressurreição, ascensão e doação do Espírito Santo”.¹³ Mas não apenas como um fato histórico acontecido em um momento concreto da história: “O

¹² Cf. *Ibidem*, p. 772.

¹³ Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade: Introdução teológica à liturgia*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 138.

mistério pascal indica nossa recepção da vida divina, da humanidade vivificada e vivificante do Cristo glorioso, que nos faz passar da morte para a vida por meio dos sacramentos”.¹⁴

Uma novidade importante da teologia de nosso tempo foi à recuperação unitária dos acontecimentos da morte e ressurreição de Cristo como centro do KERYGMA cristão e eixo da história da salvação, sob a denominação concentrada de Mistério Pascal. A Páscoa cristã prolonga e exalta os valores de memória de libertação e de profecia de salvação da páscoa judaica no povo da nova aliança, que é a Igreja. Assim deu-se o redescobrimto da novidade e da originalidade da celebração cristã, graças aos estudos bíblicos, patrísticos e litúrgicos, e particularmente aos trabalhos da “teologia dos mistérios” (Odo Casel, Neunheuser, Warnach, Oñatibia, entre outros)¹⁵. O Vaticano II na Constituição sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n.ºs.: 5-7, incorporou esses valores e enriqueceu a atual concepção da liturgia católica.¹⁶

O Catecismo da Igreja Católica acolhe a doutrina conciliar sobre o Mistério Pascal e propõe com amplitude em forma catequética, principalmente em sua segunda parte, sobre a Celebração do mistério cristão. Assim, por exemplo, ao explicar a razão de ser da liturgia, depois de nos oferecer uma excelente síntese do mistério de Cristo em termos próximos à Carta aos Efésios, cita amplamente o texto conciliar seguinte (SC 5):

Cristo, o Senhor, realizou esta obra da redenção humana e da glorificação perfeita de Deus, preparada pelas maravilhas que Deus fez em seu povo da antiga aliança, principalmente pelo mistério pascal da bem-aventurada paixão, de sua ressurreição dentre os mortos e de sua gloriosa ascensão. Por este mistério, com sua morte destruiu a nossa morte e com sua ressurreição restaurou nossa vida. Pois do costado de Cristo adormecido na cruz nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja. E imediatamente

¹⁴ Ibidem. p. 138-139.

¹⁵ Cf. CASEL, Odo. *El misterio del culto em el cristianismo*. Barcelona: CPL, 2001, cuadernos Phase, n.º. 129, 70p. OÑATIBIA, Ignácio. *La presencia de la obra redentora em el misterio del culto*. Um estúdio sobre la doctrina del misterio de Odo casel, osb. Cuaderno Phase, n.º. 172. Vitória: Editorial del Seminario Diocesano, 1954, 144 p. NEUNHAESER, Burkhard. *Der Beitrag der Liturgie Zur Theologeschen Erneuerung*, Regensburg: Gregorianum. n. 50, 1969, págs. 589-614.

B. NEUNHEUSER, *Storia della liturgia attraverso le epoche culturali*, 3ª Ed, Tivoli: CLV (Collana Bibliotheca Ephemerides Liturg. Subsidia), 1983, p. 171.

WARNACH, Viktor. *Christusmysterium*. Dogmatische Meditationen: ein Überblick, Graz: Verl. Styria, 1977, p. 254.

¹⁶ Cf. LÓPEZ, José Angel Ubieta. Mistério. In: PEDROSA, V. Mª, NAVARRO, Mª. LÁZARO, R. SASTRE, J. (org). *Dicionário de Catequética*, 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 763.

afirma: Por isso, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal pelo qual Cristo realizou a obra da nossa salvação.¹⁷

O dom do Espírito Santo (Pentecostes) inaugura tempo novo na *dispensação do Mistério*: o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta e comunica sua obra de salvação mediante a liturgia de sua Igreja até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). “Cristo vive e age na sua Igreja e com ela de modo agora novo, age pelos sacramentos, a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama de “economia sacramental”; esta consiste na comunicação (ou dispensação) dos frutos do Mistério Pascal de Cristo na celebração da liturgia “sacramental” da Igreja”¹⁸

Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente seu Mistério Pascal. O fato histórico pascal é o único acontecimento da história que não passa: é acontecimento histórico e meta-histórico. Quando chegou sua hora, viveu o único acontecimento singular que se faz presente em cada um dos momentos da Igreja e do mundo: o Mistério Pascal de Cristo... não pode permanecer só no passado... se conserva permanentemente presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição permanece e atrai tudo para a Vida.¹⁹

O Mistério Pascal constitui o tema que inerva e fecunda a palavra homilia. Prescindir dele, ou até mesmo limitar-se apenas a um ou outro motivo ocasional, equivaleria a reduzir essa mesma palavra a um discurso de religiosidade genérica que, ignorando o apelo a fazer a experiência de morrer e ressuscitar no sentido original, específicos e exclusivos que Cristo lhe conferiu, deixaria o ouvinte só consigo mesmo em um mundo sem luz.

Bem enfocada, ou seja, obstinadamente fiel à experiência vivida pelo Filho do homem em sua carne e em seu sangue, a homilia com tema pascal passa a constituir uma singular escola de espiritualidade, porque contribui para fazer da celebração a fonte viva e imediata da conformação a Cristo.

¹⁷ Cf. CATECISMO da Igreja Católica (11.10.1992). Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 1999, n. 1067.

¹⁸ Ibidem. n. 1076.

¹⁹ Ibidem. n. 1085.

Feitas as considerações acima, podemos dizer como se processa o desenvolvimento do pensamento. O capítulo está dividido em três seções e percorrerá os seguintes passos: inicialmente situa-se a etimologia da palavra “Mistério”, no sentido filosófico, teológico-litúrgico, bíblico e patrístico. Em seguida a etimologia da palavra “Páscoa”, seguindo a origem da festa da páscoa e a teologia da ceia pascal judaica e por último faz-se uma análise do “Mistério Pascal” e sua significação teológico-litúrgica na patrística (Melitão de Sarde, Anônimo Quartodecimano e São Leão Magno), Memorial da Páscoa Cristã e núcleo da pregação querigmática expressão prática da homilia.

2. O MISTÉRIO

Para chegarmos a uma compreensão adequada do que é o Mistério Pascal, é importante primeiramente aprofundarmos o conceito *MISTÉRIO*.

A teologia tradicional vem entendendo como mistério uma verdade sobrenatural, cuja compreensão supera a capacidade cognoscitiva do ser humano e é objeto de revelação divina. Pelo contrário, a fenomenologia da religião o concebe como realidade peculiar, sem comparação com as coisas do homem e o envolve radicalmente. Sua incognoscibilidade é apenas consequência de sua superioridade. Para a religião cristã, esta realidade superior é o Deus de Jesus Cristo; em outros credos, ou não tem nome ou é designado com termos, cujo significado fica suficientemente coberto com a palavra mistério.²⁰

Mistério é realidade por excelência, completamente superior ao homem e ao mundo, que concerne intimamente ao sujeito humano e dele exige resposta pessoal incondicional. Já que se trata de realidade inefável, seu melhor conhecimento é a tomada de consciência de sua insondável grandeza. “No entanto, não se quer com isto falar de transcendência inerte e inoperante como o

²⁰ PIKAZA, Xabier. *Mistério*. In: LUCAS, Juan de Sahagún. *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 569.

absoluto dos filósofos, porém de realidade dinâmica que toma a iniciativa de manifestar-se ao homem, fazendo que este responda com a entrega de si mesmo na mais completa confiança”.²¹

2.1. No sentido filosófico

Antes de tudo, falar de mistério não significa falar de algo exclusivamente negativo: não é referir-se somente à obscuridade. Olhando bem, mistério não significa obscuridade de modo nenhum: significa luz, mas uma luz de tal plenitude que nem o conhecimento humano nem a linguagem humana a podem captar na sua totalidade. Mistério não significa que o esforço do pensamento choca-se contra um muro. Significa, pelo contrário, que esse esforço atreve-se a penetrar naquilo que não se pode abarcar com a vista: o espaço – ilimitado em largura e profundidade – da Criação.

A palavra mistério é tradução da latina *mysterium* e da grega *mysterion*. Etimologicamente, *μυστηριον* (*mysterion*) deriva da raiz comum aos verbos gregos *mýo* e *myéo* e ao substantivo *mystes*²². O verbo *mýo* expressa o significado de estar fechado ou fechar-se, mas somente em relação a algo que pode ser aberto; algo oculto que pode ser revelado²³. O verbo *mýeo* possui o sentido de iniciar, e o substantivo *mystês*, de *iniciador*, *mistagogo*. Esse termo surgiu no âmbito das *religiões dos mistérios*, que remontam ao século VI a.C.²⁴

Os cultos místéricos se tornaram muito populares no mundo romano e helenístico: eles iam ao encontro da sede religiosa, que surgia devido à decadência da religião clássica. Além do mais, os elementos estrangeiros e exóticos presentes em quase todos os mistérios suscitavam a curiosidade de muitos.²⁵

Os cultos místéricos apresentam elementos comuns. O rito essencial em todos eles é a renovação ritual do mito, que está presente eternamente em virtude dessa renovação. Todos eles são cultos da natureza, que visam integrar os participantes ao ciclo de renovação da vida. Eles não se baseiam em acontecimentos históricos, mas em acontecimentos que se repetem no ciclo.

²¹ Cf. *Ibidem*, p. 570.

²² Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. v. 1... p. 139.

²³ Cf. BECKHÄUSER, Alberto. *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 37.

²⁴ Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. v.1... p. 139.

²⁵ Cf. MCKENZIE, John L. Mistério. In: *Dicionário Bíblico*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1983, p. 618.

São esforços para fazer jus à vida, fortalecê-la e prolongá-la e, em alguns casos, para além da morte. Algo comum a todos eles é o ritual de iniciação e o avanço por vários graus de purificação até ser alcançada a perfeição.²⁶

Vários estudiosos afirmaram que o cristianismo apresenta muitas semelhanças com os cultos místéricos, a ponto de sugerirem certa dependência em relação a eles, sem, contudo, comprometerem a originalidade do cristianismo.

Uma análise madura desses fatores, geralmente, conduziu os estudiosos a abandonarem a teoria da dependência em relação aos mistérios, passando a ver o cristianismo mais como um movimento formal e explícito contra os cultos místéricos. Em sua concepção do acontecimento salvífico, o cristianismo é histórico e não mítico.²⁷

“De todo modo, deve-se reconhecer que o uso neo-testamentário do termo ‘mistério’ deve ser entendido diversamente daquele que parece ter sido o significado comum da palavra no mundo do AT; o NT revestiu o termo de um novo significado”.²⁸

2.2. No sentido teológico-litúrgico

A teologia tradicional, centralizada na perspectiva do conhecimento de Deus, tem sido mais sensível à incompatibilidade e inefabilidade divinas do que ao seu caráter de ser pleno que se vai manifestando progressivamente. A afirmação de João Damasceno, “*a essência divina é incompreensível e inconcebível*”, compreendia toda uma longa tradição teológica²⁹, que entende o mistério mais como limite intransponível do conhecimento humano do que como plenitude de ser. Os teólogos atuais, pelo contrário, souberam recuperar seu sentido positivo, eliminando e aceitando o de presença transbordante e de total proximidade em sua realidade transcendente.

Esta nova concepção concorda com o sentido da Bíblia, na qual a característica fundamental de Deus não é a incompreensibilidade, mas sua manifestação em Jesus Cristo

²⁶ Cf. *Ibidem*. p. 618-619.

²⁷ Cf. *Ibidem*. p. 619-620.

²⁸ Cf. *Ibidem*. p. 620.

²⁹ *João Damasceno: DE FIDE ORTHODOXA*. Trad.: Eduardo Brandão, apud, GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*, 2ª ed, São Paulo: Martins fontes, 1995, p. 98.

anunciada na pregação dos apóstolos e pelo testemunho de toda a Igreja.³⁰ Dentro desta perspectiva, o caráter “misterioso” faz parte realmente de Deus, embora tenha sentido entender também como mistério outras realidades diretamente relacionadas com ele.³¹ É certo que o núcleo do mistério fica sempre fora do alcance da inteligência humana, porém não é menos verdade que nos concerne intimamente e opera em nós, já que sua revelação vem esclarecer nosso próprio ser. É “Palavra de Deus manifestada visivelmente, expressão do inefável, sinal eficaz, por cujo meio se realiza o desígnio salvífico”³², que atinge a nossa própria realidade humana.

A revelação do mistério de Deus se converte, assim, na resposta ao problema do homem, mas não no sentido de esclarecimento puramente intelectual e, sim, como autocomunicação de amor que se realiza definitivamente em Jesus Cristo – manifestação do mistério de Deus – de onde transborda sobre todos os seres humanos. É isto que significa precisamente a definição de Deus como amor em São João (cf. 1 Jo 4,8.16). Eis por que Agostinho pode, outrossim, dizer que o mistério de Deus nada mais é do que Cristo, presencialização do amor do Pai³³. Com efeito, a vida de Cristo é constante superação do humano, porém de tal categoria que a condição humana não fica suprimida pela divindade, mas enaltecida e plenificada.

Odo Casel, inspirando-se na doutrina paulina, soube captar o sentido do mistério cristão. Ele o concebe qual manifestação e realização, ao mesmo tempo, do plano eterno de Deus mediante ação que, partindo da eternidade, tem seu cumprimento no tempo e no espaço, retornando, contudo, ao próprio Deus como a seu termo definitivo. Sua expressão máxima é Cristo Salvador, palavra encarnada do Pai, que se prolonga ao longo da história em seu corpo místico, a Igreja. Este mistério, expresso na vontade salvífica de Deus, que o leva a ser tudo em todos, comporta três momentos pontuais: a vida íntima de Deus, sua manifestação em Cristo, seu prolongamento na Igreja.³⁴

³⁰ Cf. Mt 4,11; 13,11; 1Cor 2,1-16; Cl 1,26s.

³¹ CASEL, Odo. *El misterio Del culto Cristiano*, 1ª ed, San Sebastián: Dinor, 1953, p. 155.

³² Cf. LUBAC, Henri de. *Que significa El que La Iglesia sea um misterio?* - *Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II*, Barcelona: Flors, 1972, p. 27.

³³ Cf. S. AGUSTÍN. *La ciudad de Dios glorioso doctor de La Iglesia*, apud, KASPER, Walter. *Que significa El que La Iglesia sea um misterio?* - *Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II*, Barcelona: Flors, 1972, p.157.

³⁴ Cf. CASEL, Odo. *Que significa El que La Iglesia sea um misterio?* - *Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II*, Barcelona: Flors, 1972, p.32-35.

Os três se referem a uma realidade inigualável que não pode ser silenciada nem ficar encerrada em seu hermetismo, mas, sim, deixar-se captar por aqueles que desejam vivamente fazer parte de sua essência. “Um Deus que não se oculta é um Deus que tampouco se revela, porque o Deus verdadeiramente revelado é o Deus que se manifesta ocultando-se”.³⁵

Todavia, este ato depende inteiramente do Pai, cuja autocomunicação se realiza gratuitamente pelo Filho na ação do Espírito Santo. Tal é o mistério trinitário.³⁶

O ‘Mistério’ se manifesta como uma ‘economia’ – em grego *Oikonomia* - ordenação ou disposição temporal da salvação, e se diz também das etapas sucessivas por meio das quais se realiza o plano divino: a vinda à terra do Filho de Deus, o tempo da Igreja, a consumação final. O mistério é, portanto um dinamismo no qual são envolvidos todos os que dele são invertidos (cf. Cl 2,2; Ef 1,17ss; 3,18s). Em Cl 1,27 o conteúdo do mistério expresso com a fórmula “Cristo em vós”, consiste na inabituação de Cristo crucificado “em vós”, ou seja, nos gentios. Em Ef 3,4ss, o mistério é admissão dos gentios na herança, no corpo da Igreja, na promessa de Cristo. Em Cristo, portanto, tudo se resume e se aperfeiçoa (cf. Ef 1,9.10).³⁷

2.3. No Sentido Bíblico

O Novo Testamento, nos Evangelhos, só emprega o termo em Mc 4,11 e paralelos: ‘mistério do reino de Deus’; no entanto, nas epístolas do Apóstolo, o termo assume posição muito central para indicar o evento salvífico em Cristo (cf. 1Cor 2,1 e 2,7); sobretudo nas epístolas tardias, como Ef e Cl, ‘*mysterion*’ se torna até um conceito condutor da pregação de Cristo: o Apóstolo quer proclamar o “Mistério de Deus”, “a sabedoria de Deus no mistério” (cf. 1Cor); “fazer conhecer a gloriosa riqueza deste mistério em meio aos pagãos, ou seja, Cristo em vós, esperança da glória” (Cl 1,27); e, um pouco mais adiante, diz ainda mais expressamente que quer introduzir “no perfeito conhecimento do mistério de Deus, isto é, Cristo” (Cl 2,2). Vemos logo

³⁵ Cf. SÖHNGER, Gottlieb. *La sabiduría de la teología por el camino de la ciencia*, in *Mysterium Salutis I*, Madri: Crisandad, 1969, p. 100-102.

³⁶ PIKAZA, Xabier. *Mistério*. In: LUCAS, Juan de Sahagún. *Diccionario Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 2004, p.571.

³⁷ Cf. AUGÉ, Matias. *Espiritualidade Litúrgica*. 1ª ed, São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 42.

tratar-se aqui do conteúdo central da pregação apostólica sobre Cristo; mas por que é empregado o termo ‘*mysterion*’? Qual o seu sentido?

Voltando a vincular-se tal sentido e desenvolvendo-o, ‘*mysterion*’ passa depois a significar no Novo Testamento o “desígnio (ou plano) oculto de Deus, só manifestando mediante a revelação e destinado a ser realizado no fim... O ‘*Mysterion* de Deus’ é, pois, definitivamente, o próprio Jesus como Messias, uma história preparada na esfera de Deus e levada a seu cumprimento. Acento especial é sempre posto na perspectiva escatológica em que tal história se cumprirá, como se apresenta de modo claríssimo, por exemplo, em Ef 1,9: Deus “nos fez conhecer o mistério da sua vontade, segundo decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de nele [em Cristo] recapitular todas as coisas”. Para compreender e valorizar estes nexos, não há necessidade de recorrer ao significado cultural do termo, como queria a tese exagerada de Odo Casel. No entanto, é também verdade que essa referência ao significado cultural permite compreender o sentido concreto da palavra, que indica em primeiro lugar uma ação salvífica de Deus e não, antes de tudo, apenas o caráter do ocultamento no sentido de mistério doutrinal abstrato. O significado originário do termo ecoa, outrossim, na LXX e na literatura apocalíptica em geral.³⁸

2.4. Nos escritos dos Padres da Igreja

Este significado originário permite a surpreendente utilização do termo grego ‘*mysterion*’ no período imediatamente pós-apostólico e em toda a época patrística. O termo ainda é usado raramente pelos Padres apostólicos, mas, com os Padres apologistas, ele se torna conceito de capital importância para a teologia da liturgia sob o impulso das controvérsias com a *gnose*³⁹ e a religiosidade mística.⁴⁰

³⁸ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Mistério. in: *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 757-758.

³⁹ “Por *gnose*, em geral, as modernas pesquisas entendem uma forma particular de conhecimento que tem por objeto os mistérios divinos e é reservada a um grupo de eleitos; com esta veste, pode ser encontrada em correntes religiosas e filosóficas diversas e disseminadas no tempo e no espaço (sobre a *gnose* como conhecimento filosófico no mundo antigo cf. R. Mortley, *Gnosis, I*). Desta forma de *gnose* se distingue pela modalidade, objeto, escopos, a *gnose* do gnosticismo, um movimento religioso surgido no séc. I dC, mas que nós conhecemos através de ampla documentação direta (cf. *Nag Hammadi*) e indireta (cf. *Heresiólogos*), sobretudo em seu período de florescimento durante o séc. II dC. A *gnose* do gnosticismo é uma forma de conhecimento religioso que tem por objeto a

Em resumo, *mysterion* indica ações salvíficas, especialmente figuras (*typoi*), eventos e pessoas veterotestamentárias de caráter tipológico, que aludem à futura realização ou cumprimento em Jesus Cristo e à sua obra redentora. A escola alexandrina indica também as verdades da religião cristã relativas à salvação em Cristo e aos próprios sacramentos. Mistério é o conceito, que abrange tanto a ação salvífica (de Deus em Cristo), bem como o seu aspecto cultural.⁴¹

Para Orígenes, toda a história no símbolo profético, no '*typos*' do Antigo Testamento, realiza-a na vida, morte e ressurreição de Cristo e comunica-a mediante a Palavra e os ritos culturais da Igreja, até que encontre cumprimento escatológico na manifestação clara da realidade de Deus, que estava e está por trás de cada um dos mistérios. Os Padres posteriores seguem esta mesma direção.⁴²

Sob o aspecto sistemático, Gregório de Nissa representa, até certo ponto, o seu vértice. O '*mysterion*' é, no sentido da teologia paulina, a ação salvífica de Deus em Cristo e precisamente na sua tríplice gradação: Antigo Testamento- Cristo- Igreja. Depois, em sentido ainda mais geral, é a realidade salvífica oculta sob o sinal, símbolo ou '*typos*', externo, tanto nas formas históricas do Antigo Testamento e do Novo Testamento, quanto na sua reprodução cultural, destinada a comunicar aos fiéis a participação na própria ação salvífica reproduzida. É assim que permanecem, embora com matizes diversos, o sentido e o significado de '*mysterion*' nos padres gregos: ação salvífica de Deus em Cristo e sua reprodução comunicadora de salvação para o crente através do rito.⁴³

Na tradição latina, a palavra '*mysterion*' passa a significar '*sacramentum*' e passa a assumir rica variedade de sentidos: no plano litúrgico concreto, significando sacrifício e rito sagrado (no sentido hodierno de sacramento e de sacramental). Pouco a pouco, porém, as sutis

verdadeira realidade espiritual do homem. Transmitida por um revelador-salvador e garantida por uma particular tradição esotérica, ela está em condições de per si de salvar quem a recebe. Em geral a *didaskalia* ou instrução gnóstica, pela qual o adepto é iniciado, funda-se na transmissão de uma narração mítica, que tem o escopo de responder às interrogações existenciais próprias de cada gnóstico: "quem somos, que coisa nós nos tornamos; onde estamos, donde fomos precipitados; para onde tendemos, onde seremos purificados; que coisa é a geração, que coisa é a regeneração" – Cf. FILORAMO, Giovanni. *Gnose/Gnosticismo*. In: BERARDINO, Angelo Di (org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002, p. 624.

⁴⁰ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *Mistério*. in: *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 757-758.

⁴¹ Cf. *Ibidem*.

⁴² Cf. *Ibidem*.

⁴³ Cf. *Ibidem*.

distinções entre o *'mysterium'* latino e a sua tradução *'sacramentum'* foram desaparecendo completamente.

Na época seguinte, reveste-se de particular importância Agostinho, que, com o termo *'sacramentum'* vai, cada vez mais, indicando fatos, ações, ritos cristãos e até ritos do Antigo Testamento. Ele desenvolve, de maneira autônoma e criativa, tudo o que haviam afirmado a teologia grega, e, particularmente, a alexandrina, e orienta toda a teologia latina posterior no sentido do ver no *'sacramentum'* um rito sagrado, um sinal santo, um sinal visível (*signum*) de coisas divinas, em que nos são mostradas realidades invisíveis. Isto deve ser entendido, antes de tudo, em sentido muito intelectualista: o sinal faz conhecer algo diferente de si. Estes sinais, todavia, são de natureza tal que também possuem semelhança ontológica com a coisa indicada: com feito, se os sacramentos não tivessem certa semelhança com as coisas de que são sacramentos, não seriam de forma alguma sacramento. Mas a coisa indicada, a *'res'*, a realidade, no fundo sempre foi à mesma, isto é, Cristo e a sua ação salvífica. E aí Agostinho se coloca plenamente na linha da antiga concepção do mistério: os mistérios/sacramentos são os sinais arcanos que aludem à última e suprema realidade salvífica de Cristo.⁴⁴

São Leão Magno possui uma apreciação idêntica em relação ao mistério salvífico. Em suas homilias, mostra com insistência a dimensão atualizadora do sinal que o evoca. A celebração faz reviver o acontecimento salvífico.⁴⁵

Enfim, “Mistérios” é tudo isto: plano salvífico, ação salvífica, ações histórico- salvíficas de Cristo, celebração memorial de tais ações, símbolo (*typos*), ritos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, conteúdo de fé e doutrina que transmite tal conteúdo, santa obrigação.⁴⁶

3. A Páscoa

Entendemos a Páscoa como intervenção libertadora de Deus na vida do povo e falamos da Páscoa como celebração que recorda esta intervenção de Deus. Todavia, Páscoa é entendida

⁴⁴ Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade. V. 1...* p. 142.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*.

⁴⁶ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *Mistério. in: Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 760.

também como *mistério*. Daí a expressão Mistério Pascal, em texto litúrgico e documentos da Igreja:

Acolhei, ó Deus, com estas oferendas as preces de vosso povo, para que a nova vida, que brota do “Mistério Pascal”, seja por vossa graça penhor de eternidade...⁴⁷

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus (...) completou-a Cristo-Senhor, principalmente pelo “Mistério Pascal” de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por este mistério, Cristo, “morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, recuperou a vida (SC 5).

[...] Pelo batismo os homens (e mulheres) são inseridos no “Mistério Pascal” de Jesus Cristo (SC 6).

Celebrar o Mistério Pascal significa, portanto, expressar, no memorial da Páscoa de Cristo, a presença escondida de Deus, a presença ativa e dinâmica do Espírito do Ressuscitado, o processo pascal que está acontecendo em todas as realidades, a realidade escatológica presente na atualidade e buscando sua plena realização no futuro.

Passemos para o adjetivo pascal, que especifica o conteúdo de mistério. Este termo, que quer dizer o mesmo que a expressão da páscoa encerra também uma extraordinária riqueza.⁴⁸

3.1. Origem da festa da Páscoa.

A festa da páscoa possui raízes muito antigas e complexas. Estas raízes devem ser buscadas em duas festas relacionadas com a vida natural: a da imolação dos cordeiros na primavera (rito próprio dos pastores nômades que oferecem a Deus as primícias do seu rebanho) e a festa dos pães ázimos (rito próprio dos povos agrícolas, sedentários que oferecem a Deus as primícias de suas colheitas).⁴⁹

Na primavera, no mês de *abib* depois de *nisan*, na noite imediatamente anterior à partida para as pastagens de verão, os pastores imprimiam cunho solene ao começo do novo ano com a

⁴⁷ Missal Romano. Oração sobre as oferendas, Vigília Pascal, p. 290.

⁴⁸ Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. V. 1 ... p. 142.

⁴⁹ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. 1ª ed, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 46.

festa da imolação dos cordeiros. À luz da lua cheia, imolavam-se os primeiros animais nascidos do rebanho, cujo sangue era usado com finalidade apotropaica⁵⁰ e propiciatória para proteger os pastores e o rebanho de influências demoníacas, ao passo que a carne era consumida em uma refeição cultural.⁵¹

A festa dos pães ázimos, uma festa também de primavera, celebrava o início solene da colheita considerada sagrada. A característica era a oferta do primeiro feixe a Deus, e o comer, durante uma semana inteira, pão não fermentado da nova colheita da cevada.⁵²

Considerando as características destes ritos, no mesmo marco da primavera, o povo de Israel acrescenta o sentido da libertação e saída do Egito, ou seja, o êxodo e a aliança com Javé no monte Sinai. As festas relacionadas com a vida natural convertem-se em um memorial perpétuo da salvação operada por Deus em favor de seu povo. O conteúdo da Páscoa é deste modo, enriquecido. Os textos de Ex 12 e Dt 16 já supõem a fusão de todos os elementos, antigos e novos; naturais e salvíficos.⁵³

3.2. A Páscoa no Antigo Testamento

Das 49 vezes que ele aparece no Antigo Testamento, 34 vezes indicam o rito do primeiro plenilúnio da primavera, e 15 vezes, o cordeiro imolado nessa ocasião. O termo parece ter significado originalmente a dança (ou o saltar) ritual que se desenrolava por ocasião da festa. Tal significado foi assumido pela teologia israelita, enquanto, por coincidência, com uma memorável festa primaveril Javé “saltou = passou adiante” das casas dos israelitas assinaladas pelo sangue do cordeiro sacrificado, poupando-as.⁵⁴

No Novo Testamento o termo ‘*pascha*’ aparece bem umas 29 vezes, para indicar como no Antigo Testamento a festa inteira, o rito e a vítima imolada.⁵⁵

⁵⁰ O apotropismo (do grego *apotrópaios* — que afasta os males + *ismo*) , é o conjunto de *rituais, símbolos, deuses, mitos* que afastam a desgraça, a doença, ou qualquer outro tipo de malefícios.

⁵¹ Cf. SORCI, Pedro. *Mistério Pascal* ... p. 774.

⁵² Cf. *Ibidem*.

⁵³ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 46.

⁵⁴ Cf. Ex 12,13. 23.27.

⁵⁵ SORCI, P. *Mistério Pascal*. in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 773.

3.3. Etimologia da palavra Páscoa

A palavra Páscoa advém, exatamente, do nome em hebraico da festa judaica à qual a Páscoa cristã está intimamente ligada, não só pelo sentido simbólico de “passagem”, comum às celebrações pagãs (passagem do inverno para a primavera) e judaicas (da escravatura no Egito para a liberdade na Terra prometida).

O vocábulo “páscoa” parece assumir nuances específicas.

A palavra *páscoa*, em grego *πασχα* (*pascha*), que procede do hebraico (*pesah*), parece significar “coxear, saltar, passar por cima”; talvez uma alusão a algum salto ritual e festivo dos povos mais primitivos, mas que passou a referir-se ao fato de que Javé “passou adiante das casas dos israelitas no Egito” (Ex 12,27), na última praga infligida aos egípcios. Mais tarde passou a referir-se à passagem do Mar Vermelho e à travessia da escravidão à liberdade.⁵⁶

“No Antigo Testamento e na Literatura judaica em geral, *páscoa* designa tanto a festa celebrada entre os dias 14 e 15 de Nisã⁵⁷ quanto o animal sacrificado nela⁵⁸, e a celebração dos ázimos (*mazzot*), que durava sete dias (cf. Lv 23,6-8)”⁵⁹.

No Novo Testamento, a palavra *pascha* designa, sobretudo, a festa da páscoa e dos ázimos, conjuntamente⁶⁰ apenas a páscoa⁶¹ e naturalmente o cordeiro pascal.⁶²

Apenas em 1Cor 5, 7, tem um significado nitidamente cristão “Purificai-vos do velho fermento para serem nova massa, já que sois sem fermento. Pois nossa Páscoa, Cristo, foi imolado”. Por outro lado, várias vezes aparecem no Novo Testamento o paralelismo entre a antiga e nova páscoa, entre o cordeiro pascal e o Cristo, o Cordeiro de Deus.⁶³

Nos primeiros séculos do cristianismo, houve uma controvérsia sobre a interpretação a ser dada à palavra *páscoa*. Para alguns ela derivava do verbo *padecer* e a relacionavam com a

⁵⁶ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia...* p. 46.

⁵⁷ Cf. Ex 12,11; Nm 9,2; Ez 45,21.

⁵⁸ Cf. Ex 12,5. 21; Dt 16,2.

⁵⁹ MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. V. 1 ... p. 144.

⁶⁰ Cf. Mt 26,2; Lc 2,41; 22,1; Jo 2,13. 23; 6,4; 11,55; At 12,4

⁶¹ Cf. Mt 26,18; Mc 14,1; Hb 11,28

⁶² Cf. Mt 26,7. 19; Mc 14,12. 14.16; Lc 22,7s; Jo 18,28; 1Cor 5,7; Cf. MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. V. 1 ... p. 144.

⁶³ Cf. Jo 1,29.36; At 8,32; 1Pd 1,19; Ap 5,6.8.12; Cf. *Ibidem*. p. 145;

tipologia do cordeiro imolado (cf. Ex 12; 1Cor 5). Outros, de forma mais correta, seguindo Fílon de Alexandria, defendiam a etimologia de *passar* e, portanto se referiam à tipologia da passagem do Mar vermelho (cf. Ex 13-14). Melitão de Sardes preferia a etimologia de *padercer*, Orígenes e Clemente de Alexandria, a de *passagem*, que São Jerônimo empregou na Vulgata⁶⁴. Quem fez a síntese foi Santo Agostinho que diz que a páscoa é, por sua vez, a paixão e ressurreição do Senhor.⁶⁵ “No latim litúrgico, ‘*pascha*’ designa, sobretudo, a festa da ressurreição do Senhor”.⁶⁶

É incerto o momento em que este processo de fusão, cujos vestígios são reconhecíveis nas diversas estratificações literárias do Antigo Testamento, realmente ficou concluído. Enquanto as fontes mais antigas distinguem, nitidamente a páscoa dos ázimos, no tempo do exílio e logo depois atestam a já ocorrida fusão.⁶⁷ No período pós-exílico chegou-se a usar *pesah* e *mazzot* sem distinção para uma única celebração: em 2Cr 30 a mesma festa é chamada tanto de páscoa (vv. 1-2.5) quanto de ázimos (vv. 13-21). Assim, na época do Novo Testamento, páscoa e ázimos têm o valor de instituição única cultural que é indicada ora com um nome, ora com o outro.

Quanto à forma de celebração, podemos distinguir três períodos e, portanto, três tipos de celebração. A celebração familiar doméstica dos primeiros séculos, descrita em Ex 12-13, depois da centralização deuteronômista do culto foi transferida para templo de Jerusalém, tornando-se festa do povo, de caráter nacional. No período pós-exílico, enfim, operou-se a síntese entre as duas formas anteriores: o cordeiro continuava a ser imolado no templo, ao passo que a refeição voltou a ser tomada no restrito círculo doméstico, ainda que agora dentro dos muros de Jerusalém. Esta última, atestada pela *Mishna* (*repetição ou tradição*), é a que existia no tempo de Jesus.⁶⁸

Como demonstra o número elevado de passagens em que se fala dela no Novo Testamento, era a festa por muito tempo mais importante. No contexto da sua celebração, “à lembrança dos grandes acontecimentos de salvação do passado se reacendiam a cada ano as esperanças que iluminavam o presente e projetavam a sua luz no futuro”⁶⁹. Por ocasião de uma

⁶⁴ Texto da Vulgata: *phase, id est, transitus Domini* (Ex 12,11)

⁶⁵ Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia ...* p. 47.

⁶⁶ MARTÍN, Julián López. *No espírito e na verdade*. V.1 ... p. 147.

⁶⁷ Cf. Ez 4,21; 2Cr 30,1-2.5.13.21.

⁶⁸ Cf. SORCI, P. *Mistério Pascal*. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (org). *Dicionário de Liturgia*, 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 773.

⁶⁹ MARSILI, Salvador, OSB. *A Liturgia, momento histórico da salvação*. In VV.AA., *Anámnese I*. São Paulo: Paulinas, 1987, pp. 116-122.

destas páscoas realizou-se a ação salvífica que devia tornar-se centro e fundamento da nova economia da salvação.⁷⁰

3.4. A Teologia da ceia pascal judaica

Para os judeus, a ceia da páscoa é um verdadeiro sinal da salvação operada por Deus em favor deles. Ela converteu-se no ponto máximo de sua teologia e espiritualidade.

A ceia da páscoa é uma celebração comunitária que faz com que os comensais se associem às realidades que recordam e celebram; e que recria continuamente sua consciência de povo eleito de Deus. Ela atualiza a cada ano a aliança entre Deus e seu povo, solenemente selada no monte Sinai.⁷¹ O que celebram é a salvação pascal, a passagem da morte (escravidão, juízo e ira de Deus) à vida (alegria, liberdade, amizade com Deus, terra prometida).⁷²

A ceia pascal é vivida como convergência do passado, do presente e do futuro: o fato histórico é lembrado e proclamado com gratidão, porém com um olhar esperançoso voltado para o futuro messiânico; e tudo isto com a convicção de que, quando se celebra a páscoa, se atualiza essa salvação passada e futura. O memorial não é algo meramente pedagógico, mas sacramentalmente eficaz.⁷³

Deste modo, a ceia pascal se torna chave que resume toda a dinâmica da salvação: une à comunidade, a introduz e a renova na aliança e comunhão com Deus, convida à alegria, bênção e ação de graças, alimenta a esperança messiânica.⁷⁴

O banquete pascal não é o único rito memorial com que Israel celebrava a intervenção libertadora de Deus, que recapitula todas as outras ações salvíficas do passado e prefigura a salvação futura. Como a páscoa constituía o centro de toda a história da salvação, assim o memorial pascal se transformou no conteúdo de todas as ações litúrgicas que celebravam a história.

⁷⁰ Cf. *Ibidem*, p. 47.

⁷¹ Cf. *Ibidem*.

⁷² Cf. *Ibidem*.

⁷³ Cf. *Ibidem*, p. 50.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*.

Assim a páscoa, centro de toda a história da salvação tornou-se, além de o fundamento de toda a legislação moral e social, também o centro de toda a vida litúrgica do povo de Deus. Tais prerrogativas, através de Cristo que realiza em si a lei, os profetas e os salmos, passarão à páscoa do novo povo de Deus.

4. O Mistério Pascal

Após esta primeira abordagem, que nos familiarizou com os termos integrantes da expressão Mistério Pascal, analisaremos agora os dois conceitos unidos.

O Mistério Pascal é o fato central da história da salvação de todos os homens de todas as épocas, do qual fazemos memória na liturgia. Em sua significação teológico-litúrgica, bíblica e patrística, o Mistério Pascal é a plenitude da obra redentora de Cristo em favor da humanidade, realizado de modo perfeito na sua paixão, morte, ressurreição gloriosa e ascensão aos céus, para dar cumprimento ao desígnio salvífico e amoroso do Pai: libertar a humanidade do sistema de dominação e opressão. Este mistério, enquanto fato histórico, isto é, acontecimento realizado num momento concreto da história humana no qual se manifestou o Filho de Deus (páscoa-fato), é atualizado e representado na Igreja por meio dos gestos e sinais presentes na liturgia, sobretudo na celebração dos sacramentos, e de maneira especial no sacramento da eucaristia (páscoa-rito).⁷⁵

A celebração ritual desse mistério dá sentido ao viver cotidiano, aos sonhos e projetos, à experiência de fé e à doação de cada pessoa que se dispõe a trabalhar pela construção de uma nova sociedade e pelo resgate da dignidade humana. O ritual tem a função de atualizar o acontecimento do passado e torná-lo presente para nós hoje. Pela participação na realização do ritual podemos aderir ao acontecimento e ao sentido profundo que ele encerra. A isso se chama “*memorial*”, ou seja, *anamnese* na tradição judaico-cristã. A memória evoca acontecimento, torna-o presente e incorpora a comunidade a este acontecimento por meio da realização da

⁷⁵ Cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1, p. 138ss.

celebração ritual. Nesse sentido, a ceia eucarística que Jesus nos pediu celebrar em sua memória, nos permite participar de sua páscoa, de sua vitória sobre a morte, de sua volta ao pai.⁷⁶

O testemunho bíblico nos mostra que Deus aceitou o autodespojamento e a obediência de Cristo até a morte na cruz, como sacrifício de expiação e reconciliação, ressuscitando-o dos mortos e glorificando-o, levando à plenitude a realização do mistério pascal. Eis o que diz o apóstolo Paulo na sua carta aos Filipenses:

Ele tinha a condição divina, e não considerou a ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achando-se em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para a glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor.⁷⁷

Em Cristo, essas características significaram a plena realização da obra salvífica de Deus, isto é, o mistério pascal. O que aconteceu a Cristo, que se humilhou e sofreu a morte de cruz para dar cumprimento à vontade do Pai, poderá acontecer a todos aqueles que se esforçam para dar testemunho da verdade do Evangelho, e fazem de suas vidas uma entrega obediente a Cristo, trabalhando pelo bem de seus irmãos.

É o que aconteceu com Maria, a mãe de Jesus. Obediente, ela despojou-se dos planos pessoais para realizar a vontade de Deus aceitando ser a Mãe do Salvador (cf. Lc 1,38) e seguindo-o em sua atividade salvífica até o momento máximo da sua entrega total ao Pai, pela salvação do mundo, no alto da cruz (cf. Jo 19, 25-27).⁷⁸

⁷⁶ BUYST, Ione. *A Liturgia na América Latina: celebração da páscoa do povo?* In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, maio/junho, 1989, pp. 10-16.

⁷⁷ Cf. Fil. 2,6-11

⁷⁸ Cf. BUYST, Ione. *A Liturgia na América Latina: celebração da páscoa do povo?* In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, maio/junho, 1989, p. 17.

4.1. O Uso do termo em Melitão de Sardes e São Leão Magno

Da Patrística a expressão ‘Mistério Pascal’ foi redescoberta pelo movimento litúrgico que desembocou no Concílio Vaticano II; portanto, não é uma criação recente,⁷⁹ uma novidade teológica no campo da liturgia. Os autores mostram que essa expressão remonta os primórdios da liturgia da Igreja nascente no século II.

A expressão *Mistério Pascal*, foi encontrada pela primeira vez e, com notável frequência, na *homilia sobre a Páscoa* de Melitão de Sardes, entre os anos 160 e 170 da nossa era cristã, descoberta por Claud Bonner em 1936⁸⁰ e, publicada em 1940 com a qualificação de um *sermão pascal*.⁸¹ Essa obra litúrgica é um dos mais antigos textos pascais que chegaram até nós. O texto da homilia contém três partes, e todas elas referem-se ao tema da paixão de Jesus Cristo, diferenciado apenas na forma de considerá-la em cada uma das partes.

O conteúdo teológico e doutrinal dessa homilia influenciou o estudo da cristologia, da soteriologia, da patrística e da história da liturgia. Trata-se, portanto, de um documento importante cujo valor litúrgico consiste no fato de ser uma obra de referência para a Igreja da época; além disso, é a primeira de uma série do gênero homilético pascal dos padres da Igreja, embora seja difícil demonstrar alguma conexão literária entre essa obra e outras desse gênero ou similares, contemporâneas ou posteriores. De acordo com Julián López Martín, podemos afirmar que a homilética pascal cristã desenvolvida no século II tem como fonte de inspiração a *haggadá* pascal e alguns textos do Novo Testamento considerados de grande valor catequético, a respeito da moral de atitudes, das virtudes cristãs (prudência, humildade, etc) e da plenitude da revelação.⁸²

Na primeira parte de sua homilia, Melitão apresenta a paixão como a verdadeira realidade significada e presente no mistério da Páscoa judaica; na segunda parte, Melitão entende a paixão como a grande intervenção de Deus na história humana, para redimir a humanidade que se encontra oprimida pelo mal e pela morte. E, na última parte, o autor considera a paixão do Senhor como um evento histórico que provocou a recusa de Israel por parte de Deus. Para Melitão, a

⁷⁹ Cf. SORCI, Pedro. *Mistério Pascal*. In: *Dicionário de Liturgia*, p. 772.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*.

⁸¹ Cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1, p. 148.

⁸² Cf. *Ibidem*; (cf. 1Cor 5,6-8; 10,1s; Hb 1,1s).

páscoa judaica já não tem sentido, porque a verdadeira páscoa foi cumprida por Jesus Cristo, vencedor do pecado e da morte.⁸³ Ao referir-se ao mistério pascal, Melitão afirmava que novo e antigo, eterno e temporário, perecível e imperecível, mortal e imortal é o mistério da páscoa.⁸⁴ Pois, Ele (Cristo) é a Páscoa da nossa salvação.⁸⁵

Em toda a sua homilia, Melitão chama atenção dos cristãos para a compreensão do valor salvífico da Páscoa; procura mostrar a obra da salvação como um mistério universal que supera os limites do próprio povo da Páscoa. A celebração da Páscoa é necessária para a compreensão do valor redentor, divino e universal da morte de Cristo.

Em vista da assimilação desse valor teológico-litúrgico e doutrinal por parte dos fiéis, Melitão recorre às tipologias bíblicas (patriarcas, profetas, povo da aliança, etc) para explicar o mistério da páscoa. Porém, para que os cristãos compreendam a riqueza salvífica desse mistério, não é suficiente escutá-lo em sua narrativa bíblica, é necessário captá-lo com os olhos da fé; trata-se de uma realidade, anunciada e simbolizada na páscoa antiga, realizada na imolação perfeita de Cristo e atualizada na celebração pascal.⁸⁶

Oh! Mistério surpreendente e inexplicável!
A imolação do cordeiro tornou-se salvação de Israel,
e a morte do cordeiro chegou a ser a vida do povo,
e o sangue intimidou o anjo.
Dize-me, anjo, o que te amendrontou?
A imolação do cordeiro, ou a vida do Senhor?
A morte do cordeiro ou a prefiguração do Senhor?
O sangue do cordeiro ou o espírito do Senhor?
É claro que estás amendrontado por teres visto
o mistério do Senhor realizado no cordeiro,
a vida do Senhor na imolação do cordeiro,
a prefiguração do Senhor na morte do cordeiro.⁸⁷

⁸³ Cf. CANTALAMESSA, Raniero. *I più antichi testi pasquali della chiesa: Le omelie di Melitone di Sardi e dell'Anonimo Quartodecimano e altri testi Del Il secolo*, 1ª ed, Roma: Edizioni Liturgiche, 1972, pp. 27-51.

⁸⁴ Cf. Ibidem, p. 25.

⁸⁵ Cf. Ibidem, nota, p. 40; cf, também AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade*, p. 294.

⁸⁶ Cf. MARTIN. Julián López. *No espírito e na verdade*, v.1, p. 149.

⁸⁷ MELITÃO DE SARDES, *Homilia sobre la Pascua*, ed. Or J. Ibáñez – F. Mendonza, apud, MARTIN. Julián López, *No espírito e na verdade*, v. 1, p. 149.

Assim, servindo-se da Palavra de Deus, Melitão alcança o objetivo de sua homilia demonstrando que a Páscoa visava os cristãos e que estes devem, pois, celebrá-la. A paixão e a ressurreição de Cristo constituem a realidade e a obra salvífica definitiva. O mistério da páscoa, revelado em Cristo, manifesta a presença deste em toda a história salvífica.⁸⁸

Hoje seria possível afirmar que, a partir de uma leitura atenta da obra de Melitão de Sardes, no mistério da Páscoa, a Igreja celebra a libertação da humanidade de todas as formas de pecado e injustiças sociais que impedem os filhos e filhas de Deus de viverem com dignidade, especialmente os imigrantes pobres e vítimas das discriminações sociais, políticas e econômicas provocadas pelo capitalismo neoliberal globalizado.

Na Ásia Menor (séc. II), o Anônimo Quartodecimano (pseudo-Hipólito) também fez uma homilia intitulada sobre a Santa Páscoa, no mesmo tom daquela feita por Melitão de Sardes. Nessa homilia, o Quartodecimano fala do mistério da páscoa como um mistério que abrange toda a existência de Jesus, e se estende por toda a história da salvação. Esse mistério é chamado por Quartodecimano de:

[...] mistério cósmico da páscoa na sua totalidade,⁸⁹ festividade comum a todos os seres, envio ao mundo da vontade do Pai, aurora divina de Cristo sobre a terra, solenidade perene dos anjos e dos arcanjos, vida imortal do mundo inteiro, alimento incorruptível para os homens, alma celeste de todas as coisas, iniciação sagrada do céu e da terra, anunciadora de mistérios antigos e novos.⁹⁰

Depois de Melitão de Sardes, o Padre da Igreja que mais escreveu e pregou sobre o *Mistério Pascal* foi o Papa São Leão Magno.⁹¹ O seu pensamento teológico e litúrgico representa uma elaboração original com precisão de conceito e uma grande riqueza de conteúdo com caráter doutrinário. De fato, São Leão Magno legou-nos, com sua obra (homilias e sermões), uma reflexão sistemática sobre o significado da páscoa do Senhor, a partir da dinâmica da celebração pascal. Com certeza, São Leão Magno contribuiu de forma decisiva tanto para o enriquecimento da noção cristã da páscoa, quanto para aprofundar a teologia da liturgia. Sua doutrina é elaborada

⁸⁸ Cf. *Ibidem*.

⁸⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *I più antichi testi pasquali della Chiesa: Anônimo Quartodecimano (pseudo-Ippolito), Sulla Santa Pasqua*, nota 40, Roma: Edizioni Liturgiche, 1972, p. 67.

⁹⁰ Cf. *Ibidem*, nota. 10, p. 57; ver também SORCI, Pedro. *Mistério Pascal*, in *Dicionário de Liturgia*, pp. 773s.

⁹¹ Para o que segue, a respeito de São Leão Magno, cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v.1, p. 152-157. Nesse texto, o autor faz uma leitura da obra de São Leão Magno no que diz respeito ao seu pensamento sobre o mistério pascal. E, para isso, o autor usa como referencial teórico as homilias e os sermões proferidos pelo santo pontífice.

a partir de uma visão prática da teologia litúrgica, em vista da pregação homilética, tendo como modelos inspiradores a arte da homilia e da pregação, São Máximo, confessor de Turim⁹² e São Pedro Crisólogo. Este último nasceu por volta do ano 380, em Fórum de Cornélio (Imola), na região da Emília, Itália, onde fez parte do clero.⁹³

O pensamento teológico-litúrgico de São Leão Magno apresenta algumas coordenadas teológicas e litúrgicas, que nos permitem ter uma visão profunda do Mistério Pascal; este mistério não é um fato isolado na história da salvação, mas o centro dessa história. Esse mistério é um fato dinâmico que tem sua origem na criação, sua realização plena em Cristo, sua extensão na Igreja (doutrina, celebrações das festas e dos sacramentos) e no testemunho dos fiéis. As coordenadas teológicas do pensamento leonino podem ser resumidas da seguinte maneira:

a) *paralelismo* entre a *criação* e a *redenção*, entendendo por esta não só a paixão, morte e ressurreição do Senhor, mas, também, a encarnação como premissas necessárias à obra da salvação da humanidade.⁹⁴

Ele afirma que, com o nascimento de Jesus, “brilhou para nós o dia da nossa redenção”.⁹⁵ Em Jesus, Deus se aproximou do mundo, desposou a nossa humanidade, por isso, o mesmo refere-se às festas do natal como ao dia das nossas núpcias, em que se realizou o admirável intercâmbio entre o céu e a terra, isso também é Mistério Pascal: o poder do verbo que, com sua graça atrai os Magos em direção a Jesus, antes ainda que a criança pudesse falar; Jesus, que no horto era capaz de aterrorizar com sua voz os soldados, se submete ao desígnio da salvação; Jesus crucificado que ao bom ladrão promete de imediato o paraíso. Nesses e em tantos outros pontos

⁹² Máximo, o confessor (579-662) foi teólogo e místico representante do acaso da Patrística grega, criador da tese sobre Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Sua tese foi vitoriosa, mas ele pagou com muito sofrimento esta luta: sua língua foi cortada, sua mão direita amputada e, em seguida, foi mandado para o exílio. Criador de vultuosas obras entre elas *Ambíguo*, *Questões a Talássio*, *Pensamento sobre o amor*, *Pensamentos sobre o conhecimento de Deus e de Cristo*, *Livro ascético*, *Interpretação do pai-nosso*, *Discussão com Pirro*, *Mistagogia*, numerosos *Opúsculos teológicos e várias Epístolas*.

⁹³ Em 424 foi eleito bispo de Ravena, dedicou-se incansavelmente à instrução do seu rebanho por meio de sermões e de atos práticos no campo da atenção pastoral. S. Pedro não escreveu nenhum tratado de teologia especial. Apenas teceu comentários a trechos do Novo Testamento, ao Credo, ao Pai-Nosso, á vida dos santos. Morreu provavelmente por volta do ano 450 (cf. SILVEIRA, Ildefonso. *A vida dos santos na liturgia*, p. 101; ver também, *Liturgia das Horas* (LH), v. III, p. 1458).

⁹⁴ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermones et Epistolae: Homilías sobre el año litúrgico: Serm. 22,3*, apud, MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1. p. 153.

⁹⁵ PAPA PIO XII, *SEMPITERNUS REX CHRISTUS*, *Carta Encíclica sobre o XV Centenário do Concílio Ecumênico de Calcedônia*, nº. 32, São Paulo, Paulinas, 1951. p. 29.

da instrução dada no âmago do Mistério Pascal, percebe-se na temática entre *criação e redenção* uma noção estreitamente relacionada com a dinâmica da obra salvífica.⁹⁶

Exultemos no Senhor, queridos meus, e abramos nosso coração à alegria mais pura. Porque amanheceu o dia que para nós significa a nova redenção, a antiga preparação, a felicidade eterna. Renova-se assim para nós no ciclo anual o elevado mistério da nossa salvação que, prometido no começo e realizado ao final dos tempos, está destinado a durar sem fim.⁹⁷

b) *relações* entre a antiga e a nova aliança, ou seja, o povo de Israel e a Igreja, entre os ritos antigos e os sacramentos cristãos;⁹⁸

c) *íntima* conexão entre a doutrina da fé e as celebrações das festas no decorrer do ano litúrgico; para isso, recorre à homilia para ilustrar os mistérios da fé e para iniciar os fiéis na vivência desses mistérios;⁹⁹

d) *conexão* entre a celebração e a vida, ou seja, entre o rito celebrado, a festa e a conduta moral dos fiéis no cotidiano da vida.¹⁰⁰

Essas coordenadas teológicas são frutos de uma profunda relação feita por São Leão Magno entre as Sagradas Escrituras e a celebração litúrgica. Desta maneira, em cada celebração litúrgica, valoriza-se a Palavra de Deus, explicando-a por meio da homilia, em vista da iluminação da fé dos fiéis, da vivência do mistério celebrado e da celebração do mesmo no culto e na vida.

Para São Leão Magno, o *paschale sacramentum* ou sacramento pascal significa a celebração da páscoa, cujo objeto central é a paixão, morte e ressurreição de Cristo.¹⁰¹ Esse objeto da celebração é evocado pela liturgia da Palavra, de modo especial, na narrativa do texto evangélico.

⁹⁶ Cf. PINELL, Jordi. *Leão Magno*. In: SORDI, Manlio, TRIACCA, Achille M. (org). *Dicionário de Homilética*, 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 902.

⁹⁷ Cf. Ibidem, Serm. 20,1. p. 66-65.

⁹⁸ Cf. Ibidem: Serm. 20,1. p. 65-66; Serm. 51,4. p. 212-213; Serm. 66,2. p. 271.

⁹⁹ Cf. PINELL, Jordi. OSB. *Paschale Sacramentum nei sermoni di San Leone*, in: *Rivista Teologia e Celebrazione*, apud, MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1. p. 153;.

¹⁰⁰ Cf. Ibidem, p. 153.

¹⁰¹ Para o que segue, cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1. p. 154. O autor faz uma leitura atenta e sistemática de alguns fragmentos referentes aos Sermões de São Leão Magno.

Porém, no dinamismo da celebração, é a homilia que contribui de forma significativa para tornar vital o mistério pascal celebrado na comunidade eclesial:

A narração evangélica, caríssimos, nos apresentou todo o mistério pascal, e de tal modo penetrou, através do ouvido corporal e até espiritual, que nenhum de nós deixou de recompor os fatos. O texto da história divinamente inspirada evidenciou como o Senhor Jesus Cristo foi impiedosamente traído, a que Juízo foi submetido, a crueldade com que foi crucificado e a glória na qual ressuscitou. Sinto, porém, o dever de acrescentar a minha palavra. Percebo como vossa expectativa piedosa reclama o que costume vos dar, e por isso junte-se à solenidade da leitura sagrada, a exortação do sacerdote. Através dos ouvidos dos fiéis nada de instrutivo devem ignorar, cresça a semente da palavra, a pregação do evangelho, na terra de vosso coração. Removidos os espinhos e abrolhos, sufocantes, brotem livremente e dêem frutos as plantas dos sentimentos piedosos e os germes das vontades retas.¹⁰²

Além de apontar para a importância do ministério da palavra como meio importante e essencial para a compreensão do Mistério Pascal, São Leão Magno convida a contemplar o Mistério Pascal no contexto da história da salvação, presente no conjunto de todas as festas, que são celebradas no decorrer do ano litúrgico. Essas festas têm como característica principal a celebração de alguns aspectos da obra da redenção e, de certo modo, a preparação dos fiéis para o mais solene dos mistérios cristãos, ou seja, o *mistério pascal*. Dentre todas as solenidades cristãs, o mistério pascal ocupa o primeiro lugar,¹⁰³ e compreende a totalidade da celebração pascal da Igreja que comemora e atualiza sacramentalmente na festa, no batismo e na eucaristia, toda a redenção humana verificada na paixão, morte e ressurreição de Cristo.¹⁰⁴

Contata-se que nas primeiras homilias pascais, o conceito de mistério da páscoa ou pascal, é apresentado de tal forma que possibilita a recapitulação de toda a economia da salvação realizada em Cristo, participada e comunicada à Igreja através dos Sacramentos. Segundo Pedro Sorci,¹⁰⁵ isso fez que o termo passasse para os *Sacramentários romanos* e destes para os livros

¹⁰² Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermones et Epistolae: Homilias sobre el año litúrgico: Serm. 22,3*, apud, MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1. p. 153.

¹⁰³ Cf. Ibidem. Sermão XLVII, 1, p. 105. De acordo com os escritos de Leão Magno, os sacramentos pascais do batismo e da eucaristia constituem o último ato de uma série de acontecimentos e intervenções salvíficas de Deus na história da salvação.

¹⁰⁴ Cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1, p. 157.

¹⁰⁵ SORCI, Pedro. *O termo mistério pascal*. In: *Dicionário de Liturgia*, p. 773.

litúrgicos do Vaticano II, de modo particular para o *Missale Romanum*, onde o termo aparece com frequência para designar aspectos fundamentais referentes à compreensão e à vivência cristã do mistério.

São Leão Magno contempla no contexto de toda a história sagrada e evoca em todas as festas do ano litúrgico o mistério da paixão e ressurreição do Senhor. As festas celebram diversos aspectos da obra da redenção e, de algum modo, predispõem os fiéis para o mistério pascal. A páscoa é, sem dúvida, a maior delas, porque celebra todo o mistério da redenção, desde o desígnio divino de salvar o ser humano até a realidade presente na vida sacramental da Igreja. Para São Leão Magno, fazem parte da plenitude da obra da redenção *a encarnação, a epifania, a paixão e a glorificação de Cristo*.¹⁰⁶

4.2. O Memorial da Páscoa

A categoria memorial é fundamental para entender a relação entre o mistério de Cristo e a liturgia que o celebra como único motivo.

Da páscoa antiga, o Mistério Pascal extraiu a sua estrutura memorial. A redenção realizada por Deus em Cristo trouxe a condição perene de salvação e a perfeição do culto, que permanecem na Igreja e nos fiéis. Mas, para que esta seja eficaz, precisa ser continuamente atualizada. Isto acontece através da celebração litúrgica, que, como a eucaristia, é anamnese da páscoa (cf. Lc 22,19; 1Cor 11,24-25). No seu aspecto subjetivo, os fiéis anunciando a morte do Senhor, colocam diante de si a representação da passagem histórica de Cristo deste mundo para o Pai e são fortalecidos na fé, na esperança e na caridade. Mas, sobretudo, este memorial é objetivo: a celebração realiza-se para que o Pai se lembre de Cristo e dos cristãos; e Cristo, com sua presença, atualize, aplique e continue sua obra como Cabeça e Chefe.¹⁰⁷ “Memorial significa a presença e a eficácia atuais do comemorado, de maneira que acontecimentos que historicamente pertencem ao passado se tornam de fato presentes na vida de hoje do povo de Deus que celebra a fé”.¹⁰⁸ “A liturgia é uma ação ritual temporal na qual se atualiza um evento salvífico do passado

¹⁰⁶ Cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*, v. 1, p. 154.

¹⁰⁷ Cf. SORCI, Pedro. *Mistério Pascal ...* p. 784.

¹⁰⁸ Cf. ROSA, Guillermo. *O que celebramos? ...* p. 95.

histórico, por meio de sinais e símbolos, apresentando-se com toda a sua força libertadora no hoje da assembléia celebrante”.¹⁰⁹

Em sua grande complexidade, o Mistério Pascal nos remete “essencialmente a Cristo e à obra da sua redenção humana.”¹¹⁰ Cada vez que celebramos o memorial de nossa redenção na liturgia, o Mistério Pascal “nos faz passar da morte para a vida”¹¹¹ e nos coloca em contato direto com a graça divina¹¹² provinda principalmente da sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão do Cristo Senhor.¹¹³ No Mistério Pascal, toda a vida litúrgica, bem como o ano litúrgico, adquire a sua eficácia.¹¹⁴

4. 3. Mistério Pascal, núcleo da pregação querigmática

O Mistério Pascal é o núcleo das pregações querigmáticas ou de evangelização recolhidas nos Atos dos Apóstolos. Quatro de Pedro¹¹⁵ e duas de Paulo.¹¹⁶

Em relação com os textos litúrgicos, convém citar a anáfora mais antiga que possuímos a de Hipólito, escrita no princípio do século III. Foi adaptada para o atual Missal Romano como a Oração Eucarística II. É influenciada pelas homilias de Melitão e do Pseudo-Hipólito. Recordamos o núcleo da versão de nosso missal atual: “Ele, para cumprir a vossa vontade e reunir um povo santo em vosso louvor, estendeu os braços na hora da sua paixão, a fim de vencer a morte e manifestar a ressurreição”.¹¹⁷

Do Missal Romano atual vale a pena destacar seu prefácio pascal I, um dos mais antigos (do século VI). Foi o único acolhido pelo missal de Pio V (1570) e, portanto, o único empregado desde então até o novo missal do Vaticano II (1970). Diz assim: “Porque ele é o verdadeiro Cordeiro, que tirou o pecado do mundo; morrendo destruiu nossa morte e ressuscitando restaurou

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*, p. 96.

¹¹⁰ Cf. MARTIN, Julián López. *No espírito e na verdade*. V. 1... p. 138.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*, p. 139.

¹¹² Cf. SC. N. 61.

¹¹³ Cf. *Ibidem*, n. 5.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, n. 61; 102-106.

¹¹⁵ Cf. At 2,22-24; 3,15-16; 5,30-32; 10,37-43.

¹¹⁶ Cf. At 13,27-37; 17,31.

¹¹⁷ Cf. Missal Romano (MR). Oração Eucarística II, p. 477.

a vida”¹¹⁸ e encontramos também no embolismo acrescentado aos domingos às anáforas II e III em parágrafos dedicados às intercessões pelos fiéis: “no Domingo, dia em que Cristo venceu a morte e nos fez partícipes de sua vida imortal”.¹¹⁹ A Igreja e o mistério nasceram ambos da paixão de Cristo. É neste fato que encontramos a razão última pela qual o mistério do culto torna-se liturgia.

A homilia faz parte da liturgia, propicia comunhão, comunicação com Deus. Num processo recíproco entre homiliasta e assembleia, nesta perspectiva comunicativa, o Vaticano II que aponta para a renovação litúrgica, “de modo que possibilite a adaptação da nossa época às instituições suscetíveis de mudanças, favorecendo a união dos cristãos conduzindo-os para o seio da Igreja”.¹²⁰

A pregação querigmática seja cumprida com fidelidade e exatidão. Deve ser ardente e fiel de modo a haurir os temas da Sagrada Escritura e da liturgia.¹²¹ A homilia deve ajudar os fiéis a fazerem à experiência com Deus. Nesta perspectiva de anúncio e a sua participação na liturgia expressão máxima do Mistério Pascal.

O querigma nos anuncia esta realidade na história: a salvação é oferecida por Deus a cada um de nós. É o anúncio da chegada do Reino de Deus na pessoa de Jesus, realizando o ideal da justiça desejado pela humanidade.

Acolher o querigma significa abrir-se ao mistério de Cristo, que vem ao encontro da pessoa como Senhor e Salvador, reconhecendo somente a sua soberania. A adesão ao querigma introduz o discípulo no Reino de Deus. A proclamação do querigma faz parte do ato de comunicar a Boa Nova de Jesus Cristo.

O anúncio é uma proposta de libertação atual e real (cf. Rm 6,4) que se comunica por meio daquele que proclama o nome de Jesus, fonte de conversão para todas as pessoas e povos (cf. Mt 12,21).

Como no início da pregação apostólica, hoje também é necessário dar testemunho do Senhor que toca a vida, a transforma, enchendo-a de alegria e de paz. A resposta e acolhida do

¹¹⁸ Cf. MR, Prefácio Pascal I, p. 421.

¹¹⁹ ARENAS, Luis Maldonado. *Mistério Pascal na Celebração*. In *Dicionário de Catequética*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 781.

¹²⁰ SC n°52

¹²¹ BECKHÄUSER, Alberto. *Comunicação Litúrgica: Presidência, homilia e meios eletrônicos*, 2ª Ed, Petrópolis: Vozes, 2003, p.36.

anúncio querigmático se expressa na conversão, que implica uma adesão à pessoa de Jesus Cristo e na disposição de segui-Lo.

4.4. Mistério Pascal razão de ser da pregação, expressão prática da homilia

O Mistério Pascal é um dom do Pai para cada pessoa e para toda a humanidade, como fonte de libertação e como experiência de comunhão, ainda que sob o véu dos sinais sacramentais. Assim, pela invocação do Espírito Santo, as celebrações litúrgicas nos fazem participar dos fatos passados, e atualizam sobre nós a mesma graça redentora que se derramou sobre Maria, sobre os apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus: O Batismo nos faz filhos adotivos do Pai, a Crisma nos dá o Espírito Santo e a Eucaristia nos mantém em comum união com Jesus e com os irmãos.

A homilia não expõe temas e não desenvolve verdades e doutrinas. Ela se constitui numa narrativa da ação de Deus por sua Palavra no aqui e agora da comunidade celebrante, pois a liturgia é um momento da história da salvação.

A Palavra revelará os motivos da ação de graças. A homilia, ao penetrar mais profundamente na Palavra, preparará a todos para participarem na grande ação de graças ao Pai, junto com Jesus que oferecerá sua vida. A Páscoa se converte no acontecimento da autentificação do Filho, da aparição da Igreja e do futuro do mundo.

A pretensão do Jesus histórico foi selada com o selo da autenticidade na manhã da Páscoa. Dando-lhe a vida, o Pai ratificou a sua Palavra como Palavra de vida. O que dizia era verdade. Porém, a vida do Ressuscitado tem como componente novo o que está sentado à direita do Pai. A Palavra entrou na esfera de Deus e se eternizou no tempo. O Mistério Pascal converteu a palavra do tempo em palavra eterna, a palavra concreta em palavra universal, a palavra do amigo em palavra do Senhor, a palavra do homem em Palavra de Deus. Agora, o que disse Jesus converteu-se na palavra que Deus queria dizer a todos sempre e para sempre.

A Palavra que a Igreja serve em sua práxis pastoral tem como destinatário o mundo. Ela é capaz de fazer novas todas as coisas. Com o acontecimento pascal, o mundo se abriu para um

futuro de ressurreição para o qual vive a Igreja e que será dom escatológico do Pai. A palavra que a Igreja anuncia não é alheia à construção deste mundo, mas a implica e a compromete.

A palavra da Igreja é anúncio e denúncia, palavra profética que é pronunciada para que o Reino de Deus seja semeado e fermente a complexidade das realidades mundanas. A pastoral da Palavra está inseparavelmente unida à pastoral do compromisso e do testemunho eclesial em meio às realidades temporais.

5. Considerações Finais:

Este capítulo teve como objetivo aprofundar a compreensão da realidade teológico-litúrgica do Mistério Pascal, enquanto centro da história da salvação e da liturgia cristã. Percebe-se que este mistério foi revelado e realizado, por etapas, ao longo da história da salvação, essa realidade salvífica – o Mistério Pascal de Cristo – continua na Igreja e atualiza-se em suas ações litúrgicas, especialmente na homilia, ou seja, o Mistério de Cristo, que em Nosso Senhor cumpriu-se em toda sua realidade histórica e física, realiza-se em nós simbolicamente, sob as formas representativas e figurativas, através da palavra revelada, o querigma, a participação mística denominada pelos primeiros cristãos; estas, contudo, não são simples aparências, sinais puramente exteriores e vazios, mas contém para nós e nos comunicam a plena realidade da vida nova que nos oferece o Cristo, nosso Mediador e na celebração dos sacramentos. Além disso, o Mistério Pascal continua presente em todos aqueles que, a exemplo de Cristo, obedecem a Deus e, por isso, fazem da própria vida um serviço prestado à causa da justiça e da solidariedade.

O Mistério supremo e último do cristianismo, o fundamento e princípio de todos os mistérios cristãos, é a revelação de Deus na Pessoa do Logos encarnado. Deus, escondido no silêncio eterno, revela-se ao mundo por uma epifania maravilhosa; ele aparece em sua natureza humana visível, a fim de trazer a salvação para a humanidade.

O Mistério Pascal apresenta-se, portanto, como uma ação, mas uma ação que brota das profundezas divinas e assim floresce na plenitude do ser.

Uma das recuperações da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II é a homilia, cuja presença já era atestada na liturgia eucarística do séc. II. Justino de Roma, de quem recebemos a

primeira indicação de um formulário completo de celebração eucarística, diz que, “no dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo permite, o presidente faz uma exortação e um convite para imitarmos esses belos exemplos”.¹²²

Vemos como já nos primeiros séculos a homilia era importante. Tinha uma identidade muito definida, pautada na revelação da Palavra de Deus e no Mistério Pascal de Cristo. Não era um discurso moralista ou temático, mas um comentário querigmático-exortativo, a partir dos textos da liturgia. Com o passar do tempo a homilia pascal vai desaparecendo, sendo substituída pela pregação, não necessariamente litúrgica, desvinculando-se, portanto, das normas fundamentais que regem a celebração litúrgica.

Com a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a homilia reaparece como parte da própria liturgia, proporcionando ao fiel a mistagogia da Palavra Proclamada e a experiência do Mistério Pascal celebrado de forma ativa, consciente e frutuosa.

O Mistério Pascal acontece ou se torna ação mistagógica na vida do cristão em decorrência da Palavra de Deus, é como fermento na massa, nos insere na celebração da vida.

A homilia vive do Mistério Pascal, por isso tem um objetivo claro e definido: levar a verdade divina, revelada, até o coração do homem, para além das limitações culturais. Sua natureza universal, no entanto, não anula os valores das diversas culturas nem se torna hegemônica diante da liberdade humana. Ao contrário, ela se identifica e se reconhece nessas culturas como a *semina verba*.

É um serviço à comunidade por meio da liturgia da palavra, parte integrante das celebrações sacramentais. A proclamação da Palavra de Deus pela Igreja é decisiva para a fé do cristão, possibilitando o acolhimento livre do anúncio salvífico da pessoa de Cristo, acolhimento este possibilitado pela atuação do Espírito Santo.¹²³

No próximo capítulo iremos aprofundar o tema da homilia como anúncio querigmático do Mistério Pascal. É uma exigência e uma necessidade que a Palavra do Evangelho se torne palavra encarnada na vida daqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo, e o anunciam missionariamente.

¹²² I Apologia, 67. In: JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias. *Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 83.

¹²³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2008-2010*, n.º. 60, São Paulo: Paulinas, 2008.

Somente uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio de Seu nome é que pode despertar outros para o mesmo seguimento, sendo iluminados e participantes do Mistério de Cristo.

O anúncio e a experiência da fé se baseiam “no poder de Deus e não na sabedoria humana” (1Cor 2,5), tendo como base o Mistério Pascal fundamento primeiro da nossa fé.

CAPÍTULO II

A HOMILIA COMO ANÚNCIO QUERIGMÁTICO DO MISTÉRIO PASCAL

1. Introdução

O centro do primeiro anúncio ‘querigma’ é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior àquele que utilizou na criação do mundo. Essa Salvação “é o grande dom de Deus, libertação de tudo aquilo que oprime a pessoa humana, sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e ser por ele conhecido, de o ver e se entregar a ele.”¹²⁴

O querigma apresenta o primeiro anúncio vigoroso da pessoa de Jesus Cristo, do Reino, da Igreja e da salvação. Intui-se que o Deus anunciado por Jesus Cristo é significativo e vital para sua realização pessoal.

Neste capítulo queremos apresentar a participação teológica do Querigma na liturgia, enquanto Boa-Nova (evangelização e Missão), anúncio do mistério celebrado e mostrar como o Mistério Pascal aparece e é a base da homilia; abordaremos, então, o anúncio do querigma como dimensão do Mistério Pascal, e a homilia querigmática como pressupostos para um serviço de conversão.

A homilia será querigmática na medida em que apresenta certas características e finalidade do querigma:

- Emprego da Sagrada Escritura, mostrando como Deus em e por Jesus de Nazaré entra na história da humanidade;
- Anúncio do Mistério Pascal de Jesus Cristo em e por quem Deus nos dá a salvação;

¹²⁴ PAULO XVI. *Exortação Apostólica: Evangelii Nuncianti.*, São Paulo: Paulinas, 1975, n° 9; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*, São Paulo: Paulinas, 1997, n° 101.

- Testemunho feliz da atualidade da redenção, pois o que se anuncia é o que se experimenta e se vive.

Anunciar o querigma implica comunicar a própria experiência de fé, posicionar-se como pessoa de fé numa sociedade que duvida, questiona, põe à prova as convicções do homiliasta. Não se trata só de falar a verdade de fé, antes se trata de apresentar um estilo de vida, uma postura, um modo de ser no mundo, em que se demonstra a fé na qual e se crê se celebra e se estabelecem relações com o próximo.

O querigma envolve a pessoa do homiliasta; sua experiência de fé é determinante para anunciar. O grau de sua realização pessoal interage com a mensagem. Só se empolga o ouvinte com a mensagem de vida que se tem a oferecer, mas que, antes de tudo, é mensagem de vida para quem anuncia. A vibração interior é fundamental.

Sendo o querigma a base teológica para a homilia, o Mistério Pascal é o aspecto querigmático da homilia.

Integrado ao Mistério Pascal de Cristo está o mistério da vida terrena de Jesus, toda ela orientada pelo querigma, que tem a culminância na morte e anúncio da sua glorificação. O modo de viver terreno de Jesus, além disso, é paradigma para todos os que vivem a comunhão e isso só se dá por uma homilia pascalizada.

O Mistério Pascal atinge todas as pessoas, sem distinção: “Sendo que Cristo morreu por todos e que a vocação última do homem é realmente uma só, a saber, divina, devemos sustentar que o Espírito Santo oferece a todos, sob a forma que só Deus conhece, a possibilidade de se associarem ao Mistério Pascal” (CIC. 1260).

Ninguém deve ficar de fora do Mistério Pascal: eis o objetivo da homilia. Por isso ela é querigmática.

2. O querigma enquanto anúncio

A primeira forma do anúncio é o querigma, que tem como finalidade anunciar a fé e solicitar a conversão. No seu significado pleno, o querigma é o anúncio atual e historicamente determinado da Palavra de Deus na Igreja, por parte de quem, a partir de Deus, tem o poder de dar testemunho. “A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, particularmente, do nosso

é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira para o mistério de Cristo”¹²⁵.

A característica do querigma é sua forma concreta e histórica de ‘acontecimento’ e ‘momento’ presente: o anúncio se torna salvação para quem o acolhe. Por meio do querigma se proclama eficazmente a salvação na comunidade, com outras palavras, o querigma torna Cristo presente na comunidade e constrói, assim, a ação eclesial.

O querigma é a proclamação de um evento histórico salvífico e, ao mesmo tempo, um anúncio de vida. É o anúncio de uma pessoa, Jesus de Nazaré – seu nome, seu ensinamento, sua vida, suas promessas, o reino de seu Pai e de Jesus o Cristo, do Mistério Pascal nele realizado, sua Paixão, Morte e Ressurreição (cf. 1Cor 15, 3-5), que é força, sabedoria de Deus (cf. 1Cor 1, 23-25), que torna e salva a vida.

Quando se pensa a missão da Igreja neste terceiro milênio e se percebe que há um grande número de batizados católicos que não foram evangelizados, bem como um grande número de pessoas que ainda não receberam o anúncio de Jesus Cristo, torna-se necessária a descoberta de novos caminhos e de novos métodos para a ação evangelizadora. Neste âmbito, portanto, é preciso ter presente e conhecer a tradição bimilenar da Igreja com sua diversidade de meios evangelizadores.

No grego existem três palavras-chaves: “*Kerygma*” (anúncio), “*Keryssein*” (anunciar) e “*Keryx*” (pregoeiro, arauto, mensageiro). “*Kerygma*”, portanto, é a proclamação solene, em praça pública, que um arauto faz em nome do rei, para anunciar um fato importante e decisivo para a nação.

O substantivo “*Keryx*” ou “arauto” quase não aparece no Novo Testamento, diferentemente do mundo grego,¹²⁶ o verbo “*Kerysso*”, que é traduzido por “gritar em voz alta,

¹²⁵ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1997, n°. 4 e 8

¹²⁶ Na Grécia, o “arauto” é aquele que, encarregado pelo Rei, pelo príncipe ou pelo Estado, deve anunciar com voz forte e ressonante a notícia que lhe foi entregue para que todos os interessados a conheçam (cf. na literatura bíblica Ap 5,2 e Mt 10,27). Carrega um cetro ou um bastão, símbolo de que está dotado de autoridade oficial. Cada rei ou príncipe tem seu “arauto” (ou mais de um), que não age por iniciativa própria, mas proclama exatamente o que seu superior lhe ordena, não lhe sendo permitido inventar ou explicar qualquer coisa; corresponde a eles também, no âmbito cultural, oferecer orações, invocar bênçãos para o rei e maldições para seus inimigos. Os “arautos” são os responsáveis para que se cumpra a ordem político-religiosa estabelecida pela administração real. O que o “arauto” anuncia entra em vigor apenas depois de anunciado. O que define a função de arauto é o ato de dar a conhecer a todas as pessoas o que foi enviado por seu superior. Importa tanto a mensagem como o próprio fato da proclamação pública. (cf. FRIEDRICH, Gerhard Libri e KITTEL, Gerhard. *Grande lessico del Nuevo Testamento*. 18° Vol.

proclamar, anunciar, dar a conhecer, pregar”; também tem outras possibilidades e às vezes significa “oferecer, ordenar, pedir” e, no âmbito comercial, “oferecer em venda, vender”. O Substantivo abstrato “Kerygma” possui duas acepções: indica “o que um arauto anuncia” (assim “mensagem”, “notícia” como produto do ato de proclamar) e o próprio ato de proclamar, igual ao verbo.¹²⁷ Assim, “Keryx” é “quem proclama”. “Kerysso”, a “ação de proclamar” e “Kerygma”, sobretudo, o conteúdo da proclamação, ou seja, a “mensagem”.

No Antigo Testamento, tal proclamação significa um grito de alarme, quer político, quer religioso, que um enviado proclama para anunciar a proximidade do dia de Javé. Daí a palavra de ordem dos profetas: “Fazei penitência” (cf. Mt 3,2).

No Novo Testamento, a palavra grega “Kerygma”, traduzida geralmente por pregação, ocorre oito vezes, enquanto o verbo “Kerussein” aparece 61 vezes,¹²⁸ número que se distribui desta forma: 32 vezes nos sinóticos, 8 nos Atos dos Apóstolos, 19 nas Cartas Paulinas, 1 vez em Pedro e 1 vez no Apocalipse.¹²⁹ O verbo não aparece na literatura joanina, na carta aos hebreus nem em Tiago.

Para Cristo, o “Kerygma” consiste na proclamação pública e solene da chegada do Reino de Deus. Para os apóstolos, o “Kerygma” consiste na proclamação, por ordem do mestre, da Boa-Nova, ou seja, a salvação, cujo ponto é o Mistério Pascal, unido ao significado da vida toda de Jesus Cristo.

Dentro desse conceito, o arauto é um enviado. Ele não fala em nome próprio, mas em nome daquele que o enviou, enquanto o objeto desse anúncio é a Boa Nova, ou seja, a Pessoa de Cristo. Portanto, o querigma não consiste num sistema de normas ou de verdades, nem mesmo em especulações abstratas, antes, é o anúncio da pessoa de Jesus em seu mistério de morte e ressurreição, em conexão com toda a sua vida.

O fruto do querigma consiste na aceitação, por parte do receptor, da pessoa de Jesus, e não propriamente na aceitação de verdades, de preceitos. A Igreja nasce da pregação querigmática.

Brescia: Paideia, 1969, p.423-433). FRIEDRICH, Gerhard Libri e KITTEL, Gerhard. *Grande lessico del Nuevo Testamento*. 18º Vol. Brescia: Paideia, 1969, p. 472 – 473.

¹²⁷ FRIEDRICH, Gerhard Libri e KITTEL, Gerhard. *Grande lessico del Nuevo Testamento*. 18º Vol. Brescia: Paideia, 1969, p. 472 – 473.

¹²⁸ MOECH, Olavo. *O anúncio da Palavra de Deus*, Petrópolis: Vozes, 1980, p. 24.

¹²⁹ BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, Salamanca: Sigueme, 1996, pp. 2315-2326.

Ela é, portanto, a comunidade daqueles que acreditam, aceitam e confiam no Cristo-Pessoa,¹³⁰ no Deus feito gente. Segundo o Papa Paulo VI, “o querigma ocupa tal lugar na evangelização que, com freqüência, se tornou sinônimo dela. No entanto, ela não é senão um aspecto da evangelização” (EN, 22).

Para Ivo Zanolrenzi, a tradução por “sermão” ou “pregação” dada ao termo Kerygma é sem expressão. “Keryssein” significa fazer retumbar a própria voz, proclamar aos brados. O que é, portanto, uma proclamação que explode a vista do mundo numa tentativa de se fazer ouvir pela multidão.¹³¹

O substantivo abstrato Kerygma ou “mensagem” – assim como na versão dos LXX – é poucas vezes atestada no Novo Testamento: aparece somente 8 vezes.

O Kerygma ou mensagem cristã consiste na proclamação de Jesus como Messias morto e ressuscitado para a salvação de todos, promessa anunciada pelo Pai mediante os profetas do Antigo Testamento e cumprida em Jesus de Nazaré,¹³² de forma que a aceitação dessa verdade atualize a salvação para o crente, dando-lhe a esperança da vida eterna (cf. Jo 20,1).

A mensagem exorta à adesão à fé, instaura a salvação e inaugura processos de conversão. A muitos, sobretudo aos judeus, a mensagem parecia uma loucura (cf. 1Cor 1,2-10), porque não é um discurso sábio e persuasivo que funde sua afetividade na retórica do arauto, mas no poder do Espírito (cf. 1Cor 2,4). É que a fé em Cristo não se fundamenta “na sabedoria dos homens, mas na força de Deus” (1Cor 2,5).

O conteúdo fundamental do Kerygma é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo como acontecimento salvífico atual. Se Cristo não morreu nem ressuscitou, nenhuma mensagem cristã e nenhuma adesão de fé tem razão de ser, e o arauto não é mais do que uma voz vazia de conteúdo, uma falsa testemunha (cf. 1Cor 15,14s). O arauto recebe a autoridade da parte de Deus para manifestar sua palavra (cf. Tt 1,3) e, deste modo, levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade (cf. Tt 1,1). Por ter sido enviado pelo Senhor, o arauto conta – em meio à solidão e às perseguições – com a permanente assistência de quem o envia, por isso não tem razões para discriminar a mensagem ou se abater na tarefa de anunciá-la (cf. 2Tm 4,17).

¹³⁰ MOECH, Olavo. *O anúncio da Palavra de Deus*, Petrópolis: Vozes, 1980, pp. 24-25.

¹³¹ ZANLORENZI, Ivo. *A Pregação na renovação da Igreja*, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1965, p. 85.

¹³² Cf. Rm 16, 25-27, Mt 12, 41 e Lc 11, 32.

Em nenhum caso e em nenhum método pode faltar a experiência de fé e o testemunho do evangelizador e da comunidade cristã. Sem a palavra e o exemplo de cristãos tocados no mais profundo de suas vidas pelo encontro com Jesus Cristo, os métodos mais detalhados e sofisticados podem significar muito pouco. É uma exigência e uma necessidade que a Palavra do Evangelho se torne palavra encarnada na vida daqueles que abraçam a fé em Jesus como o Cristo, e o anunciam missionariamente.

A atenção à santidade do evangelizador, proposta pelo Papa João Paulo II ao indicar a santidade como prioridade pastoral para o terceiro milênio (cf. NMI, n.30), é determinante na ação evangelizadora. Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio do seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar os outros para o mesmo seguimento. Portanto, a ação evangelizadora da Igreja precisa qualificar-se na escola do discipulado e da missão (cf. DAp, n. 170).

Jesus é o exemplo completo, o modelo fundamental. Seu Evangelho é anunciado por obras e palavras (cf. Lc 7,22). Ele percorre aldeias e cidades ensinando, curando, expulsando demônios e fazendo o bem.¹³³ Sua fama atrai as pessoas até Ele. Jesus encontra-se diretamente com elas, e estas se sentem interpeladas e amadas. De modo semelhante, os apóstolos Pedro e Paulo e as comunidades cristãs que se espalharam pelo mundo então conhecidos, procedem desta maneira. Tocados pelo ardor da experiência de Cristo, anunciam-no destemidamente a todos. Tornam-se permanentes proclamadores do Kerygma, mestres e testemunhas de uma paixão que inundavam toda a vida contagiando seus interlocutores e destinatários do anúncio. Por isso, tornam-se educadores e formadores de outros discípulos missionários.

A Linguagem do querigma, portanto, há de expressar a novidade de um encontro que transforma e dá sentido à existência dos discípulos missionários. “Assim, o evangelizador está permanentemente diante do desafio e da exigência em encontrar uma linguagem que, no estilo dos primeiros discípulos, interpele o ouvinte em seu coração, o entusiasme e o atraia a uma adesão firme e apaixonada a Jesus Cristo”.¹³⁴

O povo de Israel, ao se reunir para celebrar e rezar se relaciona com um Deus Pessoa, que age na história. Ele é um Deus próximo, que ama, elege e defende. É um Deus libertador que

¹³³ Cf. Mt 4,2; 9,35; At 10,38.

¹³⁴ CNBB. *Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental*, Brasília: Edições CNBB, 2009, pp. 9-10.

salva da deportação e da escravidão. A experiência de Deus é vital para Israel, realizada no marco de sua própria história nacional. Dessa maneira, as ações do Deus que intervém na história se convertem para o povo hebreu em autênticas teofanias.

A experiência de Israel, sem dúvida, não deve ser considerada como um fato isolado. Nossa experiência, como cristãos, é exatamente idêntica. Jesus de Nazaré, definido por São João como Palavra de Deus, é a suprema e definitiva revelação de Deus. Em sua páscoa – na entrega de sua vida – conhecemos que Deus é amor. Na cruz, revelou-nos para sempre o verdadeiro rosto de Deus.¹³⁵

Na celebração da Palavra de Deus, a comunidade, ao celebrar a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, entra no dinamismo do Mistério Pascal. Faz a experiência profunda do mistério de uma forma orante, dialogal. A assembléia lê, escuta, recorda os feitos de Deus ao longo da história salvífica e dá sua resposta ao Senhor da aliança. É o anúncio libertador de um Deus que intervém na história do homem. É o que veremos no próximo item.

2.1. O Anúncio libertador do Evangelho.

Não podemos entender a homilia nem refletir sobre ela, se não a situamos em seu contexto, que é o anúncio libertador do Evangelho.

A homilia – o mistério do homiliasta – acontece dentro desse diálogo inefável entre Deus e sua comunidade que implica o anúncio e a acolhida libertadora da Palavra de Deus. O homiliasta faz o papel de ponte entre Deus e a comunidade, levando-a à experiência libertadora por meio do anúncio evangélico.

O querigma da Igreja pós-moderna precisa trazer, mais do que nunca, os sinais e a presença plenos do Reino de Deus (cf. Mc 1,15), que tem a ver com a realeza de Deus, atuando nos corações dos homens e mulheres desse tempo, provocando verdadeira liberdade interior e nas dimensões externas do ser humano e no meio onde ele habita.¹³⁶

¹³⁵ Cf. BERNAL, J. M. *La celebración litúrgica como experiencia íntima de Dios. Phase*, n.114, p. 486-487.

¹³⁶ GUTHRIE, Shirley C. *Sempre se Reformando: A Fé Reformada em um Mundo Pluralista*. São Paulo: Pendão Real. 2000, p. 7.

A ação da Igreja, na história, concretiza o Reino na medida em que o anúncio do Evangelho libertador produz a plenitude salvífica futura, resultado da salvação presente, como resposta à oferta graciosa de Deus.¹³⁷

Paradoxalmente, submeter-se ao senhorio desse novo reino é encontrar a verdadeira liberdade, pois a graça de Deus nos convida a uma resposta de amor, de relação, de entrega, jamais de totalitarismos. Na verdade, o domínio de Deus é de amor. Experimentar a realidade do reino é fazer a própria experiência salvífica, é encontrar as sendas da liberdade. A experiência de salvação oferecida *por e em* Jesus é integral, permeando todas as dimensões do ser humano.

A práxis de Jesus expressa muito mais preocupação com o homem do que com tradições e prescrições. Sua liberdade era sempre capaz de relativizar todo tipo de religiosidade opressora de sua época, fundamentalmente resultado de sua experiência com o Pai. Ou seja, Jesus Cristo revelou um Deus sem preocupações em avaliar as ações meritórias do homem – religiosas – para com Ele, mas “um Deus que aceita o homem como é, que o ama e perdoa sem impor condições”¹³⁸.

A beleza do ministério de Jesus como paradigma eclesiológico é a sua capacidade em revelar, concretamente na história, o mistério de Deus de forma compreensível e tangível aos homens e mulheres de seu tempo, sobretudo, os mais simples e marginalizados. Ao demonstrar quem era Deus para Ele – Jesus -, concretiza-se a relevância do Reino de Deus, pois sua intervenção no mundo não acontece pela via de qualquer programa ético-moral, mas pela nova e graciosa forma de relacionamento com Deus, ofertada ao homem. Eis o Evangelho libertador, que não apenas perdoa e justifica o imperdoável, mas propicia uma nova relação com o doador da liberdade, o Pai, por meio do Filho, pela ação do Espírito Santo. Aí está a Trindade agindo na redenção do homem.¹³⁹

A presença da Igreja, no mundo, como continuação do ministério de Jesus Cristo, firma-se pela sua práxis e anúncio do Reino de Deus, que carrega em si o chamado à liberdade. Ou seja, não existe salvação sem a experiência da liberdade.¹⁴⁰

¹³⁷ MIRANDA, Mário de França. *Libertados para a Práxis da Justiça: A Teologia da Graça no Atual Contexto Latino-Americano*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 26.

¹³⁸ Ibidem, p. 28.

¹³⁹ Ibidem, p. 59.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 60.

A Igreja é chamada por Deus, enviada por Jesus Cristo e capacitada pelo Espírito Santo a viver historicamente a experiência trinitária, estando fundamentalmente a serviço do ministério da reconciliação. Ou seja, como parte da natureza eclesial, ela vive voltada para fora de si mesma, jamais endogenamente, fechada em si mesma.¹⁴¹

Se entendermos este fato, compreenderemos que a vida total da Igreja está relacionada e envolvida no que Deus está anunciando no mundo por meio de seus interlocutores (homiliastas, pregadores, etc.).¹⁴² Por isso, a Igreja vive para a sua missão.¹⁴³ A missão da Igreja é a razão de ser da sua existência. Não como uma de suas atividades, mas como a sua atividade específica, a sua vocação especial, pois não há participação em Cristo sem participação na sua missão: eis o objeto central do anúncio libertador do Evangelho.¹⁴⁴

A Igreja precisa saber como ela deve *ser* e o que ela deve *fazer*.¹⁴⁵ Precisa, para realizar a obra de evangelização, sentir-se parte efetiva do movimento do Espírito Santo de Deus, do contrário ela não faz missão. Assim, evangelizar é participar com Deus no processo de redenção e salvação dos seus escolhidos; é participar da *Missio Dei*.¹⁴⁶ Portanto, “sem a missão da Igreja, a história nada mais é do que a história humana, cujo progresso consiste, na melhor das hipóteses, na intensificação de sua catástrofe. Mas, se sabemos da vinda do Reino, nos alegamos em proclamá-lo”.¹⁴⁷

Karl Barth descreve a missão da Igreja da seguinte maneira:

Entendida no sentido mais estrito da palavra – o qual, contudo é o sentido real, original - “Missão” significa “enviar”, enviar às nações com o propósito de testificar o Evangelho, o qual representa a raiz da existência e ao mesmo tempo a raiz também de

¹⁴¹ CARRIKER, Timóteo Charles. *Missão Integral: Uma Teologia Bíblica*. São Paulo: SEPAL. 1992, p. 202.

¹⁴² FOX, H. Eddie & George E. Morris. *Anunciemos o Senhor. A Evangelização na Virada do Século*. São Paulo: Imprensa Metodista. 1994, pp. 125-139.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 140.

¹⁴⁴ PADILLA, C. René, op. cit., pp. 139-142. Cf. V.V.A.A. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. Principais Palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial Realizado em Lausane, Suíça. Howard A. Snyder. *A Igreja como Agente de Deus na Evangelização*. São Paulo: ABU. 1984, pp. 87-91. Ver também: CÉSAR, Élben Magalhães Lenz. *Missões e Tentações*. In.: CARRIKER, Timóteo (Org.). *Missões e a Igreja Brasileira. A Vocação Missionária*. Vol. 1. São Paulo: Mundo Cristão. 1993, pp. 41-43. Ver ainda: CARRIKER, Timóteo Charles. *Missões e a Igreja Brasileira. A Vocação Missionária*. Vol. 01. São Paulo: Mundo Cristão. 1993, pp. 1-10.

¹⁴⁵ Isso era algo que devia estar muito claro na mente e no coração da Igreja. Era uma nova sociedade com uma nova mensagem. Cf. C. PADILLA, René, op. cit., pp. 24-37.

¹⁴⁶ PATE, Larry. *Missiologia: A Missão Transcultural da Igreja*. São Paulo: Vida. 1987, pp. 4-26.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 30.

toda a tarefa do povo de Cristo. Na “Missão”, a Igreja se descobre e se põe no seu caminho (Cf. Mt 28,19) e, para tanto, dá o passo necessário nas profundezas do seu próprio ser, passo além de seu próprio ser e além de seu próprio ambiente, para dentro daquela humanidade que está aprisionada a tantas crenças falsas, obstinadas e impotentes, e sujeita a tantos deuses falsos de invenção e autoridade mais antigas e mais recentes - para aquele mundo dos homens que ainda são estranhos à Palavra de Deus, concernente à Sua garantia de misericórdia que os inclui à palavra que em Jesus Cristo também lhes foi enviada [...].¹⁴⁸

O conteúdo da evangelização é Jesus Cristo, Evangelho do Pai, que anunciou com gestos e palavras que Deus é misericordioso para com todas as suas criaturas, que ama o homem com um amor sem limites e que quis entrar na sua história por meio de Jesus Cristo, morto por nós, para nos libertar do pecado e de todas as suas conseqüências e para nos fazer participar de sua vida divina.

Jamais poderemos considerar o Evangelho como uma mensagem a atingir parcialmente o ser humano; a Boa Nova atinge com amplitude e solicitude o ser humano na sua totalidade. A liberdade promovida pelo Evangelho é profunda e integral. Profunda, porque o liberta de si mesmo, de seu egoísmo, de sua auto-independência; integral porque o liberta para a entrega radical a Cristo, para o outro, para o amor-serviço, para um novo relacionamento com o Criador e a criação, alterando seu *ethos* existencial. Esta liberdade profunda e integral é operada pelo Espírito Santo, pois, no espaço da ação do Espírito, a liberdade se concretiza (cf. 2 Cor 3,17).¹⁴⁹

A força do Espírito Santo é elemento fundante da comunidade cristã e se revela na palavra, na koinonia, nos sinais e nos prodígios realizados por Jesus.

A força – dynamis - do Espírito Santo, dada aos discípulos, não é mediada por instituições, nem pela capacidade das pessoas, mas é uma força gratuita incontrolável, que dá ânimo e coragem frente ao poder estabelecido e capacita as pessoas a enfrentar e a transformar.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Ibidem., p. 117. Cf. “Relatório do Conselho Consultivo do Principal Tema da Segunda Assembléia - Cristo, a Esperança do Mundo”, p. 18. In *The Christian Hope and the Task of the Church*, Nova York: Harper Bros, 1954.

¹⁴⁹ ARANA, Pedro. *Bases bíblicas da missão integral da Igreja a serviço do Reino*. Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja. In.: STEUENAGEL, Valdir (Editor). Belo Horizonte: Missão Editora. 1992, pp. 84-86.

¹⁵⁰ ROBERTI, Carlos. *O Espírito Santo na Obra de Lucas*. Revista Estudos Bíblicos 45 – *O Espírito Santo - Formador de Comunidades*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 57.

O evento do Pentecostes foi a oportunidade dos homens ouvirem as maravilhas de Deus e captarem a mensagem universal da salvação. O Pentecostes nada mais foi do que a ação do Espírito Santo inculturando o Evangelho em outras línguas (culturas).¹⁵¹ Ora, aqui está uma grande pista para a Igreja hoje alcançar, com sua mensagem, os diferentes povos, línguas e culturas.

A evangelização toma sentido e impulso fundamentados na obra que Cristo realizou, ou seja, na sua entrada no processo histórico através de sua encarnação e doação de vida ao homem perdido, que estava e está em processo de ruptura com Deus.¹⁵² Isto significa resistir à tentação de não se constituir em valor mais elevado daquilo que já foi feito por Jesus Cristo e que continua sendo feito mediante o Espírito Santo.¹⁵³

Um dos textos-chave do Evangelho de Lucas é a passagem (cf. 4, 16-22) segundo a qual Jesus vai à sinagoga num sábado – como era seu costume – quando, ao levantar-se para fazer a leitura, lhe foi entregue o livro do profeta Isaías. Jesus leu o texto de Isaías 61, 1-2, causando espanto. O que é essa graça senão a própria presença do Espírito Santo, a mesma com que fora cumulada Maria na anunciação: “Alegra-te cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1, 28b).¹⁵⁴

Toda a vida de Jesus será pautada por essa “presença graciosa”, que o conduzirá a sempre realizar a vontade do Pai. Os discípulos, repletos de seu Espírito, também são chamados e enviados a experimentar, anunciar e comunicar esse mesmo dom.

O conteúdo central da boa-nova de Jesus é o anúncio do reinado e a manifestação misericordiosa de seu Pai. A vida dos discípulos será, assim, um contínuo “engravidar-se da presença” de Jesus. Essa “fecundação espiritual” acontece, de maneira especial, no encontro com os pobres e pequeninos, provocando uma verdadeira exultação no Espírito: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10, 21).¹⁵⁵

¹⁵¹ ROBERTI, Carlos, op. cit., p. 58.

¹⁵² KIVENGERE, Festo. *A Cruz e a Evangelização Mundial: A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo: ABU, 1982, p. 231 passim. Todo o artigo é dedicado à fundamentação da evangelização na obra redentora de Jesus Cristo na Cruz do calvário, que teve como objetivo salvar e libertar os oprimidos e cativos. Portanto, a cruz não pode ser vista e analisada como sendo um fim em si mesma. A cruz pela cruz não tem significado algum para a realidade existencial do homem.

¹⁵³ STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. 1ª Ed, São Paulo: Vida, 1990, p. 149.

¹⁵⁴ Id., ibid., p. 57-58

¹⁵⁵ Id., ibid., p. 59-60.

O Mistério Pascal “refere-se à vida, morte e ressurreição de Jesus, o Cristo, como revelação do mistério de Deus, de seu desígnio para com a humanidade, que envolve o mistério da pessoa humana. É ainda a presença dinâmica de Cristo Ressuscitado que, juntamente com o Espírito Santo, vai permeando e transformando toda a realidade humana e cósmica. É este o Mistério que atualizamos e do qual participamos em todas as celebrações litúrgicas. É o querigma, anúncio da libertação, protagonista da ressurreição, como veremos no ponto a seguir.

2.2. O querigma como lugar teológico da Ressurreição

Como vimos, a “Boa-Nova” de Jesus, cujo conteúdo central é o anúncio do Reino de Deus, que se torna presente na obra realizada por Jesus. Esse anúncio difundido pelos discípulos concretiza-se para o cristianismo primitivo na pessoa de Jesus, ressuscitado por Deus ¹⁵⁶ e feito Filho de Deus com poder, Cristo ¹⁵⁷ e Senhor ¹⁵⁸. O Jesus que anuncia torna-se, portanto, o Jesus anunciado, o Jesus ressuscitado. “Os cristãos tomaram de empréstimo a expressão querigma para identificar a proclamação da Boa-Nova centrada nos acontecimentos pascais a morte e a ressurreição de Jesus”.¹⁵⁹

Temos nos Atos dos Apóstolos uma série desses “discursos querigmáticos”, normalmente lidos na primeira leitura de nossas celebrações eucarísticas durante o tempo pascal.¹⁶⁰

A estrutura básica do querigma (cf. At 2,24-36) é a seguinte:

Jesus, o Nazareno,
Por meio Dele, Deus operou: **VIDA**
Prodígios, sinais, milagres...
Este homem foi entregue,
Por desígnio determinado, à **MORTE**
Morto;
Deus o ressuscitou (exaltação) **RESSURREIÇÃO**
Nós somos testemunhas, pelo
Espírito Santo derramado.
Constituído Cristo e Senhor da história!¹⁶¹

¹⁵⁶ Cf. At. 13,32s; 17,18;

¹⁵⁷ Cf. At. 5,42; 8,12; 9,22;

¹⁵⁸ Cf. At. 10,36; 11,20; 15,35;

¹⁵⁹ ROBERTI, Carlos. O Espírito Santo na Obra de Lucas. *Revista Estudos Bíblicos* 45 – O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes, p. 149.

¹⁶⁰ Cf. At 2,24-36; 3, 13-26; 4, 10-12; 5, 30-32; 10, 36-43; 13, 17,4-33.

No seu desenvolvimento e na sua compreensão, o querigma não pode ser separado de toda a vida de Jesus. Vida, Morte e Ressurreição formam uma unidade, em que a pessoa e a obra de Jesus se apresentam como a manifestação do Reinado de Deus.

Evangelizar, de acordo com o Espírito de Jesus, significa apresentar hoje a pessoa de Jesus como central e decisiva para os homens de nosso tempo. Trata-se de anunciar o Senhor ressuscitado, o mesmo que viveu fazendo o bem e que, por causa de sua decisão radical pela vida, pelo amor, pela não-violência, se entregou à morte.

O querigma, como estamos vendo, proclama o mistério central da fé cristã: a morte e a ressurreição de Jesus. Esse “mistério” – um evento significativo da vida de Jesus (assim como o são a sua encarnação, narrativas da infância, batismo, vida pública, pregação, sinais maravilhosos, etc.), nós o celebramos em cada Eucaristia, seguindo a sua ordem: “Fazei isto em memória de mim!” (1 Cor 11, 23-26).¹⁶²

A palavra ressurreição, do latim, *resurrectio*, e do grego *egeírein* (acordar do sono) e *anástemi* (levantar-se), suscita uma imagem belíssima para expressar que Jesus acordou do sono da morte e levantou-se. Então, Jesus está vivo; venceu a morte! Ele se fez ver por seus discípulos, apesar deles manifestarem uma grande dificuldade em crer.¹⁶³ Essa maneira de falar da nova condição do Senhor, “que morreu e ressuscitou”, indica que a iniciativa e a primazia pertence a ação de Deus.

Essa mensagem principal, cheia de entusiasmo, e que desperta para a conversão e aceitação de toda a mensagem de Jesus, o “querigma”, desenvolveu-se posteriormente nas confissões de fé, nos relatos da paixão e morte, das aparições do Ressuscitado e na composição dos Evangelhos. A “confissão de fé” se vê, desde muito cedo, sintetizada no “credo” ou “símbolo apostólico”.

O anúncio feito pelos Apóstolos, enquanto proclamação do querigma era acompanhado de “sinais maravilhosos”, desde curas, conversões, pregações corajosas, até a própria maneira de viver dos primeiros cristãos: “A multidão daqueles que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma e ninguém considerava como propriedade sua algum bem seu; pelo contrário, punham tudo em comum”.¹⁶⁴

¹⁶¹ ROBERTI, Carlos. *O Espírito Santo na Obra de Lucas*. Revista Estudos Bíblicos 45 – *O Espírito Santo - Formador de Comunidades...* p. 150.

¹⁶² Id., *ibid.*, v. 5, n. 10, p. 151-196, jun. 2007.

¹⁶³ Mt 28, 8; Mc 16, 11.13; Lc 24, 11.16; 24, 37.41; Jo 20, 9, 20, 20b; 21, 4.

¹⁶⁴ Cf. At 4, 32; At 2, 42-47;

2.3. O Espírito Santo e o anúncio do querigma

O Vaticano II, no documento sobre a Revelação, afirma-se que:

[...] o Espírito Santo, pelo qual ressoa a voz viva do Evangelho na Igreja e por ela, no mundo, introduz os crentes na verdade plena e faz que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cf. DV, 50).

[...] a Sagrada Escritura é palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos seus sucessores dos apóstolos, para que os sucessores destes, com a luz do Espírito Santo aos apóstolos, para que os sucessores destes, com a luz do Espírito de verdade, conservem a exponham e a difundam fielmente na sua pregação (cf. DV, 50).

Ora, neste processo de comunicação deificante, destaca-se principalmente o que podemos chamar pneumatização, que quer dizer que Jesus ressuscitado não só possui corpo pneumático (cf. 1Cor 15,44), mas que ele próprio já se tornou o pneuma vivificante. Seu corpo, isto é, ele próprio em seu ser para nós, transformou-se, a partir de então, no lugar permanente de Deus para voltar-se a nós, a fim de possibilitar-nos e dar-nos nova vida. Podemos entender isto da seguinte maneira: em Jesus, que se entregou totalmente a Deus e que, livre de todo egoísmo, viveu para os outros doando sua vida por eles, Deus se comunicou de modo definitivo com toda a força e plenitude vivificante de seu Espírito.

Assim, levou à plenitude sua vida e sua morte em favor dos outros. Por isso, a humanidade do ressuscitado e glorificado como *kyrios* se acha tão impregnada e penetrada pelo pneuma, que ela concentra e encarna em si a força vivificante de Deus, de modo tal que age para todos como transmissora de vida e salvação.

Além da presença ativa de Cristo na pregação da palavra, há outro protagonista importante: o Espírito Santo. A Palavra, que soa e é eficaz há milhares de anos, torna-se viva e atual, para nós aqui e agora, pelo Espírito Santo ¹⁶⁵.

Estamos acostumados a reconhecer o protagonismo do Espírito na parte “sacramental” da Eucaristia, com a primeira invocação ou epiclesse sobre o pão e o vinho, para que os tornem Corpo e

¹⁶⁵ ALDAZABAL, José; ROCA, Josep. *A arte da homilia*, 1ª edição, São Paulo: Paulinas, 2006, p.20.

Sangue de Cristo, e com a segunda invocação ou epíclase sobre a comunidade, para que a torne também o Corpo de Cristo no qual não haja nenhuma divisão.

Também costumamos atribuir ao Espírito uma ajuda muito eficaz em nossa oração, porque é ele que, segundo já nos dizia São Paulo, nos ajuda a rezar, ou inclusive ora, dentro de nós com gemidos inenarráveis e nos faz dizer: “Abbá, Pai!” (Rm 8,15).

Não estamos tão acostumados a relacionar o Espírito com a primeira parte da celebração: a proclamação da palavra, contudo, foi ele que inspirou os autores sagrados. Ele inspira os cristãos de hoje que celebrem a Palavra. Ele faz com que a palavra escrita se torne palavra viva aqui e agora.

Essa é uma convicção que provém da própria revelação. Jesus prometeu que o Espírito conduziria os crentes à verdade plena: “Essas coisas vos disse [...] mas o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” (Jo 14,25-26); o primeiro efeito da vinda do Espírito sobre os discípulos de Éfeso foi o impulso para missão profética da palavra: “Quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles: puseram-se então, a falar em línguas e a profetizar” (At 19,6).

“Na introdução ao Lecionário, a eficácia salvadora da Palavra de Deus, tanto na celebração como na vida, é atribuída insistentemente á atividade do Espírito”¹⁶⁶. Por ele se faz a realidade hoje e aqui a História da Salvação proclamadora pela Palavra. É ele que nos abre o coração para entendê-la e sintonizar com sua força salvadora. “Ele inspirou os livros sagrados”¹⁶⁷, “ele age internamente em cada fiel”¹⁶⁸, “por seu poder se faz viva e eficaz a Palavra na liturgia”¹⁶⁹, “é ele que dá eficácia à resposta dos fiéis à Palavra”¹⁷⁰, “que congrega a Igreja na celebração litúrgica para escutar e proclamar a Palavra”¹⁷¹ e faz todos, pelo dom do Batismo e da Confirmação, pregoeiros da palavra, se são dóceis a ele. O diálogo entre os fiéis e Deus se faz com sua ajuda. A Palavra, na celebração, torna-se por ele sacramento e ilumina os fiéis¹⁷².

“É o Espírito Santo que dá aos leitores e ouvintes, segundo as disposições de seus corações, a compreensão espiritual da Palavra de Deus. Através das palavras, das ações e dos símbolos que formam a trama de uma celebração, o Espírito Santo coloca os fiéis e os ministros em relação viva

¹⁶⁶ Cf. Instrução Geral ao Elenco das Leituras na Missa (IGELM), nº 1

¹⁶⁷ Cf. IGELM, nº 2

¹⁶⁸ Cf. IGELM, nº 3

¹⁶⁹ Cf. IGELM, nº 4

¹⁷⁰ Cf. IGELM, nº 6

¹⁷¹ Cf. IGELM, nº 7

¹⁷² Cf. IGELM, nº 47

com Cristo, palavra e imagem do Pai, a fim de que possam fazer passar à sua vida o sentido daquilo que ouvem, contemplam e fazem na celebração”¹⁷³.

O anúncio da Palavra de Deus não se limita a um ensinamento; quer suscitar a resposta de fé, como consentimento e compromisso, em vista da aliança entre Deus e seu povo. É ainda é o Espírito Santo que dá a graça da fé, que fortifica e faz crescer na comunidade.

Atuando dinamicamente no plano da revelação, o Espírito, de fato, não somente é a origem da Palavra inspirada – o querigma encontra no Espírito a sua fonte (*Spiritus spirat*), como também é no próprio Espírito que a Escritura encontra a sua meta: inspirar e comunicar Deus (*spirat Spiritum*).

Isso significa que Deus se compraz em “expirar”, por meio do Ressuscitado, seu sopro de vida sobre a “tenda da Reunião” convocada para celebrar o seu nome; este alento é comunicado à Igreja, como primeiro fruto do Mistério Pascal (cf. Jo 20,22), tendo em Pentecostes sua plena realização.

3. A Homilia na Liturgia

Neste item, iremos apresentar como a homilia é o momento culminante da narrativa bíblica e contemplação da realidade. Abre perspectivas, esclarece; mostra a presença e a ação de Deus dentro dos acontecimentos. “Não obstante, tais perspectivas acontecem na liturgia, pois este momento sagrado é a dinâmica humana que reflete o Mistério Pascal e constitui a sua glória vivente”.¹⁷⁴

A própria colocação da homilia entre as leituras bíblicas e a oração universal já demonstra que ela faz parte integrante da ação litúrgica. Com todos os direitos, ela faz parte da Liturgia da Palavra e lhe prolonga a eficácia; ou melhor, lhe constitui o ápice. De fato, normalmente ela é reservada ao celebrante presidente, que depois da proclamação das leituras, feitas pelo leitor e o diácono, intervém solenemente, “a fim de partir o pão da Palavra”.¹⁷⁵

A homilia não é, pois, um elemento estranho, que se encaixa na celebração como uma interposição mais ou menos agradável. Certo modo de, no passado, compô-la com os mais variados ingredientes dava esta impressão. Nela havia de tudo: exortações morais, orientações

¹⁷³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Paulus: São Paulo, 1996. nº 1101

¹⁷⁴ CELAM, *Conclusões da Conferência de PUEBLA*, 3ª ed, São Paulo, 1979, p. 134.

¹⁷⁵ BUYST, Ione. *A Palavra de Deus na Liturgia* – Coleção Rede Celebra, 6ª edição, São Paulo: Paulinas, 2006, p. 13.

políticas, pedidos de dinheiro, até um pouco de catecismo abstrato e (nas grandes ocasiões) peças oratórias, acompanhadas da gesticulação adequada. A homilia, ao contrário, não deve ser assim. Ela é “liturgia” no sentido pleno e deve assumir o tom e estilo litúrgicos.

A homilia não deve, portanto, ser sempre calcada apenas pelo “senso pastoral”, típico de nós ocidentais, mas também pelo “senso de mistério” do qual os orientais são mestres. Imersa na celebração, embebe-se de sua atmosfera e aceita seus dois grandes movimentos: o descendente, de santificação, e o ascendente, o do culto. A homilia é também louvor, que jubiloso proclama as maravilhas de Deus.

Não basta encarar a homilia como tal, ou seja, o seu conteúdo e a sua apresentação, sem tomarmos em consideração as circunstâncias em que ela é anunciada. Todo o ambiente, que de uma ou outra forma se relaciona com a celebração litúrgica, pode favorecer o prejudicar a pregação homilética.

A homilia pode ser entendida como um prolongamento da palavra da Escritura atualizada. Mas, assume como que a ressonância litúrgica revestida de espiritualidade de cunho orante, porém, não moralizante ou doutrinária. A homilia é um momento privilegiado da transmissão do Mistério Pascal em um contexto celebrativo.

3.1. O significado da palavra homilia

A palavra **HOMILIA** tem a ver com o termo grego **homiletica**, que significa “*o ensino em tom familiar*”. No grego **clássico** temos a palavra **homilos - multidão**, assembleia do povo - e o verbo **homileo** que significa conversar. De **homileo** adaptou-se o termo homilia. Foi a partir da raiz, **homiletike**, que passamos a entender a forma de **pregação** dos **apóstolos** no primeiro **século** da era cristã.

A homilia é a pregação cristã que ocorre no âmbito de uma celebração litúrgica. São duas as suas características: ser pregação e ser pregação litúrgica.

Como pregação deve corresponder às características fundamentais desta tarefa pastoral básica na Igreja, que podemos também denominar serviço à palavra de Deus.

Como pregação litúrgica reunirá e refletirá os traços e elementos essenciais de toda a liturgia. Desta maneira, não há de ser corpo estranho dentro da celebração, nela inserido apenas

de modo extrínseco, mais ou menos forçado, porém, enxertar-se-á harmoniosamente em seu contexto como etapa mais de fluência ritual e como ingrediente perfeitamente homogêneo dentro do conjunto do universo festivo celebrativo.¹⁷⁶

Uma definição simples e objetiva a partir da origem da própria palavra nos permite dizer que homilia significa “conversa familiar”.

Sendo a homilia uma conversa familiar, é preciso encontrar o tom certo e não se esquecer de que ela serve, antes de tudo, para encorajar, animar, exortar, consolar (cf. At 13,14-42) e não tanto para ensinar ou dar lições de moral¹⁷⁷. O clima que deve reinar entre aquele que faz a homilia e assembléia é de familiaridade, proximidade e não de distanciamento provocado por uma linguagem magisterial e erudita.

Sua definição na integra encontra-se na SC, nº. 52: “recomenda-se vivamente como parte da própria Liturgia a homilia, pela qual, no decurso do ano litúrgico, são expostos os mistérios da fé e as normas da vida a partir do texto Sagrado; não deve ser omitida sem grave causa nas missas dominicais e nos dias de guarda, celebrados com assistências de povo”.

Desse modo, pode-se, pois, falar que a homilia é uma pregação litúrgica. Adquire característica da própria liturgia, revestindo-se do ministério celebrado e iluminado pela Palavra de Deus.

É parte da liturgia da palavra que é exposta ao longo do ano litúrgico, fruto das reflexões acerca da Sagrada Escritura. Ela tem por finalidade, assim como a Eucaristia, proclamar as maravilhas do Reino de Deus durante o itinerário salvífico de Cristo.

Busca levar os fiéis a uma ativa participação na Eucaristia, vivendo conforme a fé que professaram. Portanto, a homilia deve ser fruto da meditação devidamente pregada, nem longa, nem breve, e que leve em conta toda a assembléia de um modo geral. A homilia é ação do Espírito Santo, que abre a comunidade para compreender e aceitar a Palavra proclamada, perceber o sentido dos acontecimentos à luz da Páscoa, renovar sua fé e os motivos de sua esperança e se comprometer com a fraternidade. Esta ação não se dá automaticamente. É trabalho conjunto do Espírito e de toda a comunidade celebrativa.

¹⁷⁶ MALDONADO, Luis. *A Homilia – Pregação, liturgia, comunidade*. 2ª edição, São Paulo: Paulus, 2002, p. 6.

¹⁷⁷ BUYST, Ione. *Homilia; partilha da palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 12

3.2. Homilia e Magistério

A Homilia é Ação Simbólica, como cada momento da liturgia da Palavra. Cristo está presente na sua Palavra, quando na Igreja se lê e comenta a Escritura. Esta afirmação nos lembra a experiência dos discípulos de Emaús, que sentiram o coração arder quando pelo caminho Jesus lhes falava e explicava as Escrituras (cf. Lc 24,32).

No sentido original e estrito supõe o querigma e a catequese; já no sentido habitual, a homilia é a explanação que se faz durante a missa ou outra celebração litúrgica, a partir do texto escriturístico (cf. SC, 32), que tenha relação com o mistério que se celebra e venha ao encontro das necessidades da comunidade celebrantes. Nos domingos e dias de preceito, recomenda o Vaticano II, a homilia não deve ser omitida sem causa grave (cf. SC, 52). Sendo que a Instrução sobre a Sagrada Liturgia acrescenta a obrigatoriedade da homilia também em outras

Tecnicamente, na homilia distinguem-se duas funções litúrgicas importantes: a primeira, é a de ser aplicação da mensagem ao aqui e agora da vida humana, pois a mensagem da Escritura tem uma atualidade e não simplesmente uma aplicação moral, lembra o documento conciliar ¹⁷⁸.

A outra função da homilia é ser ponte entre a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística ou sacramental. Ela não é um ato isolado, mas está inserida na celebração. Isso segundo a melhor tradição patrística, bem como a declaração do Vaticano II ¹⁷⁹.

Ambas as funções coincidem, pois, no fato de ligar a Palavra de Deus com o aqui e agora da história humana como um todo e também da comunidade celebrante. ¹⁸⁰

Desde o processo renovador desencadeado pelo Movimento Litúrgico, assumido pelo Concílio Vaticano II, cuja Constituição “Sacrosanctum Concilium” tornou-se regra da vida espiritual de toda a Igreja Ocidental, e também para aquelas que com ela têm comunhão, embora de ritos diferentes, a Liturgia voltou a ter lugar de destaque não só no âmbito das preocupações mais funcionais, mas também no que diz respeito a seu papel na educação da fé do povo cristão. Conforme ditas ambas as tradições ocidental e oriental a Liturgia é verdadeira cátedra de teologia e verdadeira didascália da Igreja.

¹⁷⁸ Idem, pp. 7 e 13

¹⁷⁹ Idem, pp. 35 e p. 2

¹⁸⁰ Idem, p. 15.

Pode-se, inclusive, falar de um magistério litúrgico, ou seja, no sentido de que a oração litúrgica é de pleno direito, mestra de fé.¹⁸¹

Daí o interesse crescente e contínuo de recuperar a metodologia antiga da formação cristã, sobretudo, naquilo que os santos padres compreendiam da catequese inicial explicitadas em suas mistagogias, muitas delas realizadas no interior de suas homilias. Se há um momento destinado à mistagogia propriamente dita no interior da celebração, enquanto explicitação e explicação do mistério da fé, não há outro senão a homilia. Como “conversa familiar”, ela “versa” sobre o Mistério Pascal de Cristo que alcança a comunidade celebrante para levá-la à salvação.

3.3. Algumas características e elementos constitutivos da homilia

Em decorrência do que afirmamos até aqui sobre a homilia, podemos sintetizar algumas características:

A homilia não se dirige propriamente à região intelectual, mas ao núcleo central da pessoa. Isso significa que o importante, antes de tudo, é enviar, por meio da homilia, uma mensagem pessoal àqueles que a estão escutando.¹⁸² Para isso temos de admitir que:

- A homilia não é um exercício de exegese, embora tenha estreita relação com a Sagrada Escritura. Não se trata, portanto, de uma exegese formal do texto, mas de interpretá-lo (hermeneútica) para que possa interpelar os ouvintes.
- A Homilia é um acontecimento atual. O ocorrido *in illo tempore* torna-se presente em sua eficácia atual. É fundamental que apresentemos o texto evangélico como a palavra atual que Jesus dirige agora a todos, pois ele é o núcleo dos acontecimentos atuais.
- A Homilia trata de Deus, mas em relação com o homem, inseparável de seu contexto histórico-social. É em meio às realidades humanas, visíveis, sociais, nos fatos, que se estabelece o destino do Reino.

¹⁸¹ GIRAUDO, Césare. *Admiração Eucarística. Para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008, p.60.

¹⁸² CELAM. *A Celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos*, São Paulo: Paulus, 2005, p. 184.

- A Homilia deve expor um kerygma e não uma moral. Devemos recordar que a primeira denominação que se dá à Palavra de Deus é a de Evangelho (“notícia jubilosa”), e a outra é Kerygma (= *anúncio solene de um evento importante*). São notícias e acontecimentos, mais do que conselhos.

Por certo, depois do kerygma vem a parênese, isto é, após o anúncio da ação de Deus, vem a exortação à nossa conversão. Não pode faltar essa dimensão interpelante-exortativa. Mas deve estar subordinada ao que é mais importante (e disso ser deduzida): a iniciativa gratuita de Deus. Além disso, essa exortação à conversão não é um receituário de normas, mas um convite à mudança radical das atitudes que, no âmbito da liberdade de iniciativa pessoal, será traduzida em fatos concretos.

Uma das características predominantes da homilia é ser a base para a vivência espiritual e mistagógica do Mistério de Cristo. Pedagogicamente é bom começar valorizando o positivo do nosso ambiente ¹⁸³, para se chegar ao núcleo que é o Mistério Pascal, estabelecendo um movimento que vai do Jesus terreno ao Jesus ressuscitado e do Jesus ressuscitado ao Jesus terreno. É o mesmo que dizer que tudo parte de uma assembléia convocada e reunida, que se dirige para a escatologia da glória, mas que reconhece que precisa de indicações éticas claras para poder continuar sua peregrinação na terra.

3.4. As atitudes que despertam a homilia

Dizer que a Palavra torna-se luz para a vida é afirmar que ela ilumina a vida daqueles que estão celebrando a Páscoa salvífica, naquele momento. Trata-se, portanto, de algo que se atualiza; torna-se realidade para quem está celebrando. Quem ajuda a acender a luz da Palavra na vida do povo é o pregador, por meio da homilia. Então, a responsabilidade que compete ao pregador é acender a Palavra de Deus no coração de cada celebrante e no coração de cada membro da assembléia celebrante. Isto faz supor que a luz da Palavra de Deus esteja acessa na vida do pregador.

Pela experiência de participar de tantas celebrações e ouvir muitas homilias, sabemos que nem todas as homilias empolgam, porque lhes falta brilho. São homilias apagadas ou turvas; sem

¹⁸³ MALDONADO, Luis. *A homilia*, p. 27.

luz e sem graça. A culpa não é da Palavra, evidentemente, mas de quem não está iluminado para acender a luz que essa Palavra possui. Não é capaz de fazer a Palavra brilhar. Um princípio da teoria da comunicação diz que a mensagem não empolga se for transmitida por quem não está convicto do que diz. É embaraçoso (e doloroso) ouvir um pregador litúrgico comunicando sua mensagem de modo apagado, sem nenhum entusiasmo, sem demonstrar que está convicto daquilo que fala. Ninguém empolga pelo desânimo.

Pierre Babin, teórico da comunicação, afirma que não existe comunicação sem consequências. Não há necessidade de provas ou exemplos para aceitar com facilidade tal enunciado.¹⁸⁴

Depois da homilia de Esdras, o povo levantou-se, cantou salmos e hinos de aclamação e voltou para casa feliz, porque uma luz tinha sido acesa na vida pessoal e na vida daquela comunidade. É a função primeira da homilia: iluminar a vida de cada celebrante e a vida da comunidade.

Há uma provocação que precisa ser aceita, com humildade, por parte dos pregadores: a provocação de se deixar interrogar pela avaliação constante em vista das consequências as homilias têm na vida dos celebrantes e na vida da comunidade. Que mudanças estruturais, por exemplo, acontece na comunidade, fruto das homilias. Se nada se transforma, uma terrível decepção talvez esteja fazendo morada no coração do pregador.

Não existe receita para uma boa homilia, mas existe uma indicação que vem do Sl 18,9; Ali, a Palavra de Deus é tratada como alegria do coração e como luz dos olhos. A homilia encontra aqui uma bela síntese: alegrar a vida mostrando as maravilhas de Deus na história pessoal e comunitária e acender a luz divina iluminando o caminho da existência pessoal de cada celebrante.

3.5. Complementos e funções da pregação litúrgica

O que é essencialmente importante é que a pregação litúrgica volte a ser entendida como um acontecimento celebrativo, e não mais meramente literário. Prédica é muito mais o resultado final, aquilo que é ouvido, do que as palavras escritas ou mesmo ditas por quem prega.

¹⁸⁴ BABIN, Pierre. *A Era da Comunicação*, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1989, pag. 99-100.

Os tradicionais métodos discursivo-dedutivo-propositivo-explanatórios de pregação falham neste aspecto, porque são bastante dependentes da textualidade. Trata-se de métodos que, por via de regra, seguem a lógica de textos científicos, acadêmicos, que é basicamente uma lógica dedutiva. Prédicas são pensadas e confeccionadas como aulas, como conferências; escritas em forma de parágrafos. No entanto, como afirmam os defensores da nova homilética, pregação é intrinsecamente comunicação oral, e não escrita.

A comunicação oral, cotidiana, é cheia de repetições, metáforas, estórias, piadas, contradições, etc., características na maioria das vezes desprezadas por homilistas e pregadores que seguem os métodos dedutivo-proposicionais. Nesses últimos, busca-se acima de tudo a transmissão e o repasse de idéias ou verdades, livre de contaminações mundanas ou cotidianas. Sem a intenção de esgotar o assunto, passo a apresentar algumas características que, de maneira geral, diferenciam os modelos tradicionais de pregação dos modelos mais contemporâneos, representados pela Nova Homilia. Faço essa diferenciação com propósitos explicitamente didáticos e não em tom julgador.

<i>Modelos tradicionais de pregação (Homilia Clássica)</i>	<i>Modelos contemporâneos de pregação (Nova Homilia)</i>
1. ponto de partida: pessoa que prega ou o texto bíblico.	1. ponto de partida: ouvinte.
2. objetivo: persuadir (fazer-se acreditar); transmitir (a mensagem); servir (uma conclusão).	2. objetivo: dar oportunidade para que as pessoas ouvintes pensem seus próprios pensamentos e cheguem às suas próprias conclusões.
3. conteúdo: idéias (verdades, doutrinas, instruções a serem seguidas).	3. conteúdo: estórias, narrativas, tramas, situações concretas.
4. linguagem: clara, dicotômica, segue princípios da escrita, pouca ou nenhuma redundância.	4. linguagem: poética, oral, redundante.

5. forma: dedutiva, proposicional, discursiva, explicatória, unidirecional, lógica, conclusiva.	5. forma: indutiva, narrativa, indireta, sugestiva, dialogal, uso de suspense.
6. pregador/a: autoridade (fala por Deus, especialista em Bíblia, conhece).	6. homiliasta: testemunha do texto bíblico (narrativa bíblica): conta o que viu, ouviu, sentiu durante seu encontro com o texto.
7. ouvinte: passivo/a (recebe a conclusão do/a pregador/a).	7. ouvinte: ouve ativamente, participa das decisões e conclusões.

Propus a diferenciação acima com a consciência de que não existe uma pureza total na homilia. Um modelo de pregação certamente contém traços de outros modelos e vice-versa.

3.6. O desempenho indispensável da homilia

A compreensão do discurso homilético depende tanto da pessoa que fala como da que ouve, porém, se o emissor fala com clareza, coerência, coesão, etc, facilita de forma decisiva a compreensão do interlocutor. O caminho sentimentalista é o segundo ponto crítico que deve ser observado. Toda boa homilia naturalmente deve comover o público, algumas, porém vão muito além disso, caem no exagero sentimentalista, que abandona o texto evangélico e se ancora puramente em aspectos psico-afetivos. Quem assim age conduz o público mais a um estado de transe emotivo do que à fiel abertura para com a divindade. Pode até parecer que se está conseguindo maravilhas ao se apelar para o sentimentalismo das pessoas, mas geralmente ele não converte, não liberta e nada produz de significativo na vida delas. O sentimentalismo sempre entorpece e infantiliza o outro, impendendo-o de crescer.¹⁸⁵

A excessiva preocupação didática é outra crítica a ser considerada. Recebeu um impulso da reforma conciliar, mal compreendida. Na verdade, a reforma mandava oferecer algumas informações de caráter litúrgico, exegético e doutrinal à assembléia. E isso levou muitos a conceberem a homilia como uma espécie de lição explicativa, sem diferenciá-la em nada de uma aula de história da liturgia ou de um curso de interpretação bíblica. Evidente que a homilia é

¹⁸⁵ Ibidem, p. 75.

também didática. Outra coisa, porém, é reduzi-la a mero momento didático ou de interpretação dos sinais e do simbolismo litúrgico, com o conseqüente esquecimento da vida concreta dos que ali celebram, sem ligar a mensagem bíblica à existência dos fiéis e, pior ainda sem levá-los a fazer a necessária experiência da plena comunhão com Deus.¹⁸⁶

O moralismo excessivo também está muito presente nas pregações homiléticas. É tanto que a palavra “sermão” em nossa língua ganhou também o sentido de discurso de reprovação, repreensão e descompostura. É claro que a exortação moral não só é bem-vinda, como até necessária a qualquer homilia. O moralismo, porém, limita-se a tecer juízos genéricos e generalizados e, por vezes, insiste em pontos extremamente difíceis de serem cumpridos. Quem ouve é tentado a pensar que tal palavra não se dirige a ele, simples cristão imperfeito, mas apenas aos mais perfeitos e santos. O moralismo, além de destruir toda e qualquer possibilidade de transformação dos ouvintes, não obedece à pedagogia divina em que o perdão e a graça sempre antecedem o castigo e a reprovação¹⁸⁷.

Os meios comunicativos são, por vezes, desprezados por alguns pregadores. O pregador até consegue preparar bem o conteúdo de sua homilia, todavia, pouco se interessa em buscar meios eficazes para transmitir a mensagem. O padre prepara somente o que falar e esquece que como falar é um dos elementos mais relevantes do discurso. Para haver boa comunicação é preciso sempre apelar para os eficazes meios retóricos, que promovem sintonia entre quem fala e quem escuta. Para que a homilia dê mais frutos, o pregador deve ter especial cuidado com as palavras que usa, evitando termos teológicos que, embora normais entre os eclesiásticos, são completamente incompreensíveis para a maioria de nosso povo. Importante é que a homilia jamais perca seu caráter coloquial, cativante, que conduz com simplicidade os fiéis a bem compreenderem o sentido da Palavra de Deus.¹⁸⁸

Finalmente, recorda-se que a função da homilia “é atualizar para os fiéis a palavra da Escritura, o que aumenta a sua eficácia, nutre a vida cristã, introduz no espírito do mistério celebrado e anuncia a realização da maravilhosa obra de salvação de Deus em Cristo, cujo memorial é celebrado sacramentalmente.”¹⁸⁹

¹⁸⁶ Ibidem, p. 6-7.

¹⁸⁷ Id., *ibid.*, p. 7.

¹⁸⁸ Id., *ibid.*, p. 8.

¹⁸⁹ Id., *ibid.*, p. 9-10.

A homilia deve ser preparada com cuidado, no estudo e na oração, para permitir à palavra humana ser fiel veículo da mensagem divina, sem obscurecê-la. Uma saudável homilia em geral é simples, clara, sóbria, objetiva, factível, pertinente. E, o que é muito importante, consegue realizar tudo isso em breve tempo.

3.7. Elementos temáticos da homilia

Os elementos teológicos ou temáticos que a homilia deve conter são três: *elemento exegético*, *elemento vital*, *elemento litúrgico*. “A exegese é a arte e ciência de encontrar e propor a intenção do autor, o sentido verdadeiro de um texto bíblico.”¹⁹⁰ O elemento exegético é a interpretação da mensagem da Sagrada Escritura. O pregador, ao preparar a homilia, pode iniciar com a pergunta: que quer dizer Deus através deste texto? Para encontrar a resposta, Latourelle (1981) sugere alguns passos:

Primeiramente entender bem o texto, os conceitos e palavras com o auxílio de dicionários bíblicos. Descobrir a intenção principal do texto. Distinguir entre texto literário e mensagem que contém. Considerar que Deus quis dizer algo naquela época e quer dizer algo agora. Ver o que diz o texto na fé, na oração e na meditação. Pensar no ouvinte ordinário da Palavra, a quem vou dirigir a homilia. Expor primeiro a parte do pregador e somente após, expor o comentário exegético. Afinal o que interessa não é a letra, mas o Espírito.¹⁹¹

O elemento vital consiste na aplicação da mensagem à vida da comunidade e de cada um dos que a integram¹⁹². É o momento hermenêutico de fazer brotar o sentido que o texto tem hoje para nós. A arte de traduzir. Trata-se de descobrir ou revelar todo o impacto que a mensagem do texto pode ter, na situação que vivemos. Ao homiliasta cabe a tarefa de refletir para que o estilo seja: profético, iluminador, interrogante, de busca, não moralizante, não fundamentalista, não casuísta, não politizante.¹⁹³

Para conseguir relacionar a exegese à vida, Latourelle, propõe alguns cuidados: conhecer o auditório, seu estilo de vida, suas dificuldades na fé, sua vivência cristã, seu mundo político e

¹⁹⁰ LATOURELLE, R. *Teologia , Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 251.

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, p. 250.

¹⁹² BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética, em Comunicação litúrgica*: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003.

¹⁹³ LATOURELLE, R. *Teologia , Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 252.

social; ter como único critério a palavra revelada, sem convertê-la em uma teoria ou gostos do povo; evitar excesso de afã moralizante, insistir mais nas conseqüências para a fé do que para a moral; iluminar situações gerais urgentes à luz do Evangelho, também como atitudes concretas, mas suficientemente gerais à assembléia; construir deduções para a vida em detalhes insignificantes do texto é construir sobre a areia.¹⁹⁴

O elemento litúrgico é exatamente a aplicação da mensagem à celebração litúrgica e à assembléia que celebra¹⁹⁵. A homilia está a serviço da liturgia, deve conduzir aos mistérios da fé a partir da palavra proclamada até a ação sacramental. O pregador faz com que a homilia seja dobradiça, entroncamento, exerça a função conjuntiva.¹⁹⁶

O elemento litúrgico consiste em aplicar o texto à celebração sacramental como cumprimento da palavra, da aliança. Muitas vezes, o texto por si mesmo já é litúrgico sacramental, tem uma estrutura típica de profecia, acontecimento e sacramento. De acordo com o tempo, festa ou ano litúrgico os textos bíblicos variam e terão aplicações litúrgicas e vitais com um colorido e matizes específicas.¹⁹⁷ Podem-se fazer relações entre o texto lido e as atitudes e gestos da mesma celebração litúrgica. Por exemplo: a reconciliação e o abraço da paz, sobretudo quando está ligado ao Mistério Pascal.

3.8. Características da Homilia – O *Locus Liturgicus*

De acordo com Beckhäuser (2003, p.42), a homilia apresenta seis características que são “próprias da Sagrada Liturgia na sua compreensão teológica de mistério do Culto de Cristo e da Igreja”. O autor usa o termo “Mistério de Cristo” ao referir-se à celebração litúrgica. Segundo ele, a Igreja (referindo-se à comunidade e não ao templo físico) contempla os mistérios de Cristo e os traz à memória por meio da Palavra de Deus que narra, revela e atualiza a “economia divina da Salvação”. Eis o lugar eminente da homilia na liturgia.

As seis características da homilia envolvem o seu *caráter memorial, dimensão pascal, caráter narrativo, caráter orante, dimensão trinitária e sinais litúrgicos nas homilias*, que iremos descrever com detalhes.

¹⁹⁴ Cf. Ibidem, p. 252-253.

¹⁹⁵ BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética, em Comunicação litúrgica*: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 56.

¹⁹⁶ LATOURELLE, R, *Teologia, Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981, pp. 252 – 253.

¹⁹⁷ Cf. Ibidem, p. 253.

3.8.1. O caráter memorial da homilia

Conforme Beckhäuser, o primeiro passo para tornar evidente o caráter memorial é a “proclamação da Palavra de Deus que em si já tem um caráter memorial, celebrativo, sacramental. A palavra de Deus não é apenas lida ou proclamada, mas celebrada. A proclamação da palavra de Deus tem valor salvífico em si mesma, segundo o mesmo autor.¹⁹⁸

O Concílio Vaticano II reconhece que a homilia se situa entre a proclamação da Palavra de Deus e a Liturgia Sacramental, formando ambas as partes de um só culto: “As duas partes de que consta de certa forma a missa, a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, estão intimamente unidas e formam um único ato de culto” (Cf. SC, 56).

Nessa perspectiva, há relevância de se introduzir o Evangeliário no rito de entrada e entronizá-lo no altar. “A homilia está a serviço tanto da Mesa da Palavra como da mesa do Pão. Situa-se entre a proposta de Deus, manifestada na palavra e a resposta da assembleia, que se expressa, na profissão de fé e nas preces, mas, sobretudo na Liturgia sacramental e na vida”¹⁹⁹. Percebe-se coerência entre uma das características da homilia e a finalidade de nosso trabalho: a resposta da assembleia na própria vida.

A homilia é diferente do antigo sermão. Na homilia, a palavra de Deus proclamada é que orienta a pregação. Ela não busca ser aula de Teologia. Não tem com finalidade instruir ou ensinar a doutrina. Não é uma exposição de um assunto de Moral, de Exegese ou mesmo Catequese, embora esses aspectos possam estar presentes²⁰⁰.

“A homilia no contexto da celebração constitui um colóquio ou uma conversação sobre a Palavra de Deus proclamada e o mistério celebrado”²⁰¹.

Segundo Beckhäuser: a homilia procura ajudar “a assembleia celebrante a descobrir, a trazer à memória, a expressar e a viver” mais profundamente a liturgia eucarística que é

¹⁹⁸ BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética, em Comunicação litúrgica*: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 44.

¹⁹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 44

²⁰⁰ Cf. *Ibidem*, p. 46.

²⁰¹ Cf. *Ibidem*, p. 46.

carregada de símbolos: pão, água e vinho. Estes representam o sentido das oferendas, por tudo que o ser humano é e faz na perspectiva do “mistério pascal do Corpo e Sangue de Cristo”.²⁰²

O caráter memorial, conforme as características descritas buscam levar assembléia a transformar sua maneira de ser e fazer na dimensão mais verdadeira de vida e amor e o que completa o sentido da memória é o valor pascal do mistério celebrado. É o que veremos a seguir.

3.8.2. O caráter Pascal da homilia

A dimensão pascal da homilia faz memória da Páscoa de Cristo e dos cristãos. “Os mistérios de Cristo (Páscoa de Cristo) continuam, por obra do Espírito Santo, nos cristãos. Cristo continua agindo pelo seu Espírito nos serviços de salvação através dos cristãos”.²⁰³

João Paulo II (apud Beckhäuser) diz que “na ação litúrgica devem encontrar espaços para todas as realidades da vida cotidiana do cristão [...]. Ao participar da celebração, o cristão terá presente suas aspirações, alegrias, sofrimentos, projetos, bem como de todos os seus irmãos”. Beckhäuser considera as palavras de João Paulo II, porém acrescenta que a verdadeira natureza das ações litúrgicas está no “Sacrifício que torna Cristo realmente presente no Sacramento”.²⁰⁴

Assim, a dimensão pascal da homilia está intrinsecamente relacionada com toda a ação litúrgica. O ser humano poderá refletir nas suas diversas dimensões no momento celebrativo de sua vida. O *homo sapiens*, que descobre as ciências e a conquista das técnicas, se reflete no mistério do Culto? A dimensão do *homo faber*, o trabalho visto como graça de Deus é refletido na expressão cultural? O *homo ludens*, o lazer: o ser humano que brinca que é livre recebe expressão devida na linguagem litúrgica? O *homo socialis*, e assim por diante, recebe na celebração litúrgica o ânimo e a fortaleza da esperança?

Ao rito da liturgia é peculiar expressar o mistério do Cristo total, cabeça e membros, em sua dimensão pascal. Esta função cabe tanto à liturgia como à própria homilia, sendo esta parte da ação litúrgica. À luz da palavra de Deus proclamada, o Evangelho, o homiliasta deverá evocar o Cristo total, o Cristo que serve e anima a comunidade em diversas dimensões:

²⁰² Cf. Ibidem, p. 53.

²⁰³ Cf. Ibidem, p. 50.

²⁰⁴ Cf. Ibidem, p. 50.

A dimensão comunitária e participativa, o Cristo enviado do Pai; na dimensão missionária, o Cristo mestre; na dimensão catequética, o Cristo orante; na dimensão sociotransformadora, o Cristo profeta, que exige libertação integrado ser humano, sem que o púlpito ou ambão se transforme em palanque de mentalização política e partidária ²⁰⁵.

O homiliasta deverá narrar de forma eficiente todas estas ações pascais levando os cristãos à memória (Mistério Pascal) para que os fiéis as transformem em ação de graças e oblação, com Cristo e em Cristo, de acordo com o ano litúrgico, aos domingos e nas diversas circunstâncias da comunidade eclesial é o que aprofundaremos no caráter narrativo.

3.8.3. Caráter narrativo da homilia

A homilia narra a “Economia Divina da Salvação manifestada na História da Salvação, sobretudo em Jesus Cristo.” ²⁰⁶ Embora uma das funções da homilia seja “expor os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado” ²⁰⁷, o Concílio Vaticano II, ao tratar da pregação e da Palavra de Deus na Liturgia, afirma:

Deve a pregação, em primeiro lugar, haurir os seus temas da Sagrada Escritura e da Liturgia, sendo como a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo, que está sempre presente em nós e opera, sobretudo, nas celebrações litúrgicas. ²⁰⁸

A homilia deve “anunciar sempre de novo, o amor de Deus, o Deus-amor, que pede uma resposta de amor da parte do ser humano”. ²⁰⁹ A homilia ajuda a atualizar os mistérios do amor de Deus na comunidade. Beckhäuser defende que “os fiéis, já iniciados na fé cristã e no seguimento

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, p. 55.

²⁰⁶ Cf. *Ibidem*, p. 57.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*, p. 52.

²⁰⁸ Cf. SC, 35, 2.

²⁰⁹ BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética, em Comunicação litúrgica*: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 57.

de Cristo, não se reúnem em assembleia eucarística para conhecer mais, mas para amar mais”.²¹⁰ A primeira afirmativa é válida, porém, complexa, pois apesar do cristão ter uma iniciação na fé, poucos conhecem a Sagrada Escritura e isto não significa que não desejem conhecer, pelo contrário, os fiéis, em assembleia eucarística têm uma profunda sede de conhecer e alimentar-se da palavra de Deus.

A Homilia, fazendo parte de uma ação mistagógica, deve se expressar numa profunda atitude orante, levando o cristão à aliança e à comunhão com o Senhor dentro da celebração, através das preces, do rito penitencial, da comunhão, dos cantos dos gestos e das atitudes do corpo é o que falaremos no próximo item.

3.8.4. Caráter orante da homilia

Para Beckhäuser, “a Palavra de Deus celebrada distingue-se por seu caráter orante. Ela é ouvida em atitude de fé. Contemplando os mistérios de Cristo, a assembleia mergulha neles. A palavra de Deus é contemplada”.²¹¹ Ele aponta a importância de ajudar a assembleia litúrgica a realizar uma escuta orante da Palavra de Deus. Na homilia também deverá estar presente a oração sob vários aspectos. A homilia é antes de tudo contemplação do mistério da fé e sua explicação, atualizando o aqui e agora da comunidade de fé.

A homilia em si constitui uma forma de oração, com caráter de contemplação dos mistérios celebrados. A homilia possui um caráter de louvor e de glorificação.

Grandes homiliastas (Leão Magno – séc. V, Gregório Magno – séc. VI/VII, Orígenes – séc. II/III) dos primeiros séculos muitas vezes terminavam a homilia em forma de oração com uma doxologia explícita.²¹²

A mensagem transmitida pela palavra de Deus é sempre maior do que o conteúdo da pregação do homiliasta. Cada fiel ouvinte captará os conteúdos também pela ação do Espírito Santo: “A própria Palavra proclamada e rezada já é anúncio, já é mensagem. Cada ouvinte da

²¹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 58.

²¹¹ Cf. *Ibidem*, p. 59.

²¹² Cf. *Ibidem*, p. 60.

Palavra é atingido pela ação do Espírito Santo. O homiliasta realça, explica um aspecto do mistério de Cristo, talvez a mensagem pascal central”.²¹³

A homilia deve levar o cristão a uma perfeita atitude orante concentrada numa ação patrofinalizada, cristocentrada e pneuma-amalgamada. Como Diz Leonardo Boff: “A Trindade é a melhor comunidade, a mais perfeita comunhão entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Nossa fé nos faz crer que Deus Trindade é um Deus comunhão”.²¹⁴ E é comunhão exatamente porque é Trindade de Pessoas e é o que vamos refletir a partir da dimensão trinitária da homilia.

3.8.5. A dimensão trinitária da homilia

Sendo que na Liturgia temos sempre a revelação e a ação da Trindade, também a homilia terá uma dimensão trinitária. A Liturgia é *opus Trinitatis*. O Pai revela e envia o Filho; o Filho, por sua vez, revela e envia o Espírito Santo. O Espírito Santo, por sua vez, revela, faz conhecer melhor o Filho e conduz para ele; o Filho vai levando a um conhecimento sempre maior do Pai e a ele conduz. Tudo isso acontece naquele dinamismo divino: ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, próprio da Liturgia.

A homilia, pois, contempla e revela o Pai, que age na ordem da criação e da salvação pelo Filho, no Espírito Santo. A Economia divina da salvação brota da Trindade e manifesta-se na história, realizada pelo Filho, no Espírito Santo. O homiliasta contempla e narra esta maravilhosa economia divina à luz das atribuições às Pessoas da Trindade Santa. Trata-se de um Deus Trindade na história da humanidade e na vida de cada pessoa humana.²¹⁵

Por ser três pessoas, Deus evita toda solidão, separação e exclusão. Como diz Leonardo Boff:

“Se Deus fosse um só, haveria a solidão e a concentração na unidade e unicidade. Se Deus fosse dois, uma díade (Pai e Filho somente), haveria a separação (um é distinto do outro) e a exclusão (um não é o outro) ... A Trindade permite a identidade (o Pai), a diferença da identidade (o Filho) e a diferença da diferença (o Espírito Santo)”.²¹⁶

²¹³ Cf. *Ibidem*, p. 60.

²¹⁴ BOFF, Leonardo. *A trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 44.

²¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 44.

²¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 13.

A perfeita pericórese-comunhão existente entre as Pessoas da Trindade não fica restrita à própria Trindade. Ela se abre para fora, convidando os seres humanos e todo o universo a se inserirem na vida divina. Confirma isto o apóstolo João, quando em seu Evangelho deixa gravadas as palavras de Jesus na chamada Oração Sacerdotal:

[...] a fim de que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que eles estejam em nós, ... para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como tu me amaste²¹⁷.

A homilia é trinitária porque segue o contexto pericorético-litúrgico: A comunhão da Trindade com ação mistagógica celebrada. Justamente por isso é que falamos da Trindade a partir da experiência do Amor que por Ela nos é transmitida. Assim nos aproximamos do Pai, Amante Eterno, que se debruça sobre o Filho, o Eterno Amado, pelo elo amoroso do Espírito Santo, o Amor Eterno (Santo Agostinho)²¹⁸. Somente com esta disposição do coração podemos ousar penetrar na complexidade da Trindade de maneira simples e encontrar o Pai que cria, o Filho que redime e o Espírito que santifica. Três unidos num só ideal de amor: ser comunhão plena e extravasar esta plenitude a todas as criaturas.

3.9. Pressupostos para a realização da homilia

A homilia é ação do seu Espírito. Ele abre a comunidade para compreender, saborear e aceitar a Palavra proclamada, perceber o sentido dos acontecimentos à luz da Páscoa, renovar em ação de graças sua fé, retomar os motivos de sua esperança e se comprometer com a fraternidade, a justiça e o mandamento do amor. Esta ação não se dá automaticamente. É trabalho conjunto do Espírito e da comunidade celebrante.

²¹⁷ Cf. Jo 17, 21-23.

²¹⁸ SANTO AGOSTINHO: *Sobre a Santíssima Trindade*, apud, BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*, Petrópolis: Vozes, 1986, p. 17.

Além de fazer a ligação entre os textos bíblicos e a vida, é função da homilia abrir e conduzir a assembléia para dentro mistério da salvação, acontecendo no momento celebrativo. E a sua dimensão mistagógica, nem sempre é levada em conta em nossas celebrações.

E como fazer isto? Primeiramente, evocando as ações libertadoras que Deus realizou e realiza por nós em Jesus. Ele é o grande motivo da ação de graças que a comunidade faz a seguir na oração eucarística. E, depois, despertando na assembleia a atitude de oferenda e comunhão com Cristo ao Pai.

Na práxis homilética não estão em jogo aspectos meramente instrumentais, mas o perfil de uma comunicação que é sacramental, e na qual se deve poder ouvir Deus que fala.

Viganò explica que a homilia é, antes de tudo, um jogo comunicativo de “*complexidade fascinante*” e ao mesmo tempo de “*cativante excentricidade*”, sobre o qual seria excessivamente redutivo aplicar a típica tipologia da linguagem.

Não faltam estudos empenhados em desenvolver algo sistemático, quase uma metodologia da homilia. Existem há muito tempo os dicionários de homilética, textos que sugerem métodos de preparação a partir de diferentes modelos de homilias, inclusive esquemas já preparados.²¹⁹

Apesar disso, não existe, segundo Viganò, um “*modelo*” de homilia, mas o jogo da homilia deve ser concebido como a escuta comum e compartilhada da Revelação que chega através da Palavra e da história.²²⁰

→ Exemplos de pressupostos para a realização da homilia:

- A homilia deve estar ligada com a vida concreta do povo (realidade social, econômica, política, cultural etc.), pois é aí que acontece no dia-a-dia a Páscoa de Cristo;

- A homilia deve igualmente levar em conta o tempo e/ou a circunstância litúrgica em que a assembleia se encontra (Advento, Natal, Tempo comum, Quaresma, Tempo pascal, Domingo, Celebração dominical da Palavra, Eucaristia, Celebração de bênção etc.), pois, aí Deus vai nos revelando e comunicando as várias dimensões do seu mistério;

²¹⁹ VIGANÒ, DARIO EDOARDO, em um artigo publicado em em L'Osservatore Romano. 13 DE AGOSTO DE 2009, pp. 13-14.

²²⁰ Cf. Ibidem, p. 13.

- A homilia deve também estabelecer alguma ligação entre a Palavra ouvida e o que vem logo em seguida na celebração (Creio, oração dos fiéis, louvação), sobretudo o sacramento, onde, experimentamos a doação total do Deus revelado na Palavra.

A preparação da homilia, pelo estudo, meditação, oração, observação da realidade, dispõe o terreno do homiliasta a vivenciar profundamente, juntamente com a assembléia, o mistério da Aliança do Deus conosco, é o que veremos nos itens seguintes.

3.9.1. Preparação próxima e remota da homilia

Na homilia existe uma preparação remota que são os estudos teológicos que o pregador ou homiliasta faz, sobretudo referente à bíblia, e a formação permanente de que ele não descuida, assim como o estudo da homilética e a atenção constante às circunstâncias da história que estamos vivendo.

Mas, há também uma preparação próxima, que implica, em primeiro lugar, uma leitura dos textos bíblicos do dia, com a preocupação de não ser infiel na homilia ao bom Deus que quer dirigir sua palavra à comunidade. Ele se prepara no que dizem os textos em si mesmo, o que diz o profeta e a quem diz. E no que esta passagem diz a nós hoje.

Esta preparação também implica o acesso a diversos comentários exegéticos e pastorais de outros autores que ele possa ter à mão para a preparação de sua homilia. Nesta preparação também entra a leitura orante da palavra de Deus: *Lectio, Meditatio, Oratio, Contemplatio, Actio*.

De alguma maneira, a leitura e a preparação devem se tornar oração. Este é um ministério sério que não podemos realizar sem a ajuda de Deus.

3.9.2. Elementos pertinentes da homilia

A homilia é como eixo das duas partes integrantes de toda a celebração litúrgica: a Palavra e o rito. Mas não só como um elemento unificador de tipo objetivo, mas profundamente vinculado com os membros da assembléia, que são em definitivo, os que escutam a Palavra e os que celebram o rito.

A homilia reúne as principais características de outros gêneros de pregação, existentes na Igreja. Embora na sua mais íntima essência seja uma exortação a atualizar a Palavra, através da celebração da vida, a homilia deve conservar o poder interpelante do anúncio missionário e a riqueza doutrinal da exposição catequética. Não só exorta, mas também anuncia e ensina e, finalmente, conduz o coração ao Mistério.

3.9.3. Funções da homilia

Todo ato litúrgico lembra um ontem (passado), que e torna presente aqui e agora (presente) e que prepara o amanhã (futuro). A Liturgia torna presentes fatos do passado e anuncia realidades do futuro (cf. SC. 47).

A celebração litúrgica se realiza mediante sinais humanos, quais sejam: a palavra, os gestos, o testemunho..., e mediante sinais sensíveis, como: o pão, o vinho, o óleo, a água... Estes sinais simbolizam, e por vontade de Cristo, aqui e agora comunicam realidades invisíveis, ou seja, as diversas graças que são concedidas através da Liturgia.

Assim o Mistério Pascal torna-se sempre de novo presente e atuante em nós através de sinais. Pelo visível chegamos ao invisível! Cristo se fez o maior de todos os sinais, a ponto de podermos cantar com o Prefácio de Natal: “No mistério da encarnação de vosso Filho, nova luz da vossa glória brilhou para nós, para que, vendo a Deus com nossos olhos, aprendêssemos a amar o que não vemos”.²²¹

A partir destas colocações a homilia, normalmente, compreende as seguintes funções:

- 1) Função apostólica: o anúncio (querigma) que desperta a fé. É a resposta a uma pergunta que poderia soar assim: Qual é a Boa-Nova que a celebração nos prepara hoje?
- 2) Função catequética (didaskalia): introdução na “economia” em sua totalidade, a fim de aprofundar e ampliar a visão da fé. Esta função responde à pergunta: Como este fato se enquadra no conjunto do plano divino, e qual o seu significado?

²²¹ Cf. Missal Romano. Prefácio do Natal do Senhor, I, São Paulo: Paulinas, 1989, p. 410.

- 3) Função profética (parenesi): testemunho corajoso que ajuda a superar o impacto entre a Palavra e a Vida de hoje, estimulando uma resposta. Responde à pergunta: De que modo este anúncio nos interpela hoje, e o que exige ele de nós?
- 4) Função sacerdotal (mistagogia): guia que pega pela mão e conduz ao encontro de Cristo, no mistério da celebração. Responde à pergunta: Que acontece nestes sinais, além daquilo que vemos e sentimos? Que dom de salvação Cristo nos traz hoje, e como devemos acolhê-lo?

É claro que as três primeiras têm relação com a Palavra e a última com o Mistério que celebramos. Todas se relacionam com a situação concreta da assembleia.

A unidade das funções estará assegurada em uma homilia chegada à vida, “existencial”. A vida funde numa unidade aquilo que o pensamento, classificando, tende a separar. Esta unidade terá suas raízes em especial na coerência interior do pastor, que unirá a comunhão da Palavra, fruto de oração, à comunhão com seu povo, fruto da solicitude pastoral.

3.9.4. Linguagem e Comunicação na homilia

Também na homilia devemos distinguir entre a comunicação litúrgica e a arte da comunicação na Liturgia.

Uma vez que a homilia tem as características essenciais da Liturgia, fazendo parte da mesma, é litúrgica, também nela deve realizar-se a comunhão ou comunicação com Deus no homiliasta e na assembleia. O homiliasta comunica Deus à assembleia e comunica a assembleia com Deus. Quem faz homilia ajuda a Deus a comunicar, a encarnar a sua Palavra e ajuda à assembleia a responder à Palavra na celebração e na vida. Desperta a adesão à Palavra, ou seja, levará à conversão.

A arte da comunicação constitui meio preciso para tornar a comunicação litúrgica mais intensa, mais eficaz. O homiliasta dialoga consigo mesmo e comunica-se com Deus e com a assembleia com todo o seu ser. Não só pela palavra, pelo raciocínio, pelo discurso, mas pelo presidente da assembleia, com todo o seu ser e agir: o olhar, a expressão da face, o gesto, a emoção. A assembleia toda se comunica com Deus através da pessoa do homiliasta, confrontando-se com a Palavra de Deus proclamada, arrependendo-se do mal, pedindo perdão,

intercedendo, adorando, bendizendo, renovando a aliança com Deus, comprometendo-se a viver segundo a Palavra proclamada, enfim, rezando. Também na homilia a o povo de Deus reza, ou seja, entra em íntima comunhão com Deus.

Concluindo, podemos dizer que a homilia nesta perspectiva de linguagem e comunicação deve se preocupar em “expor os mistérios da fé”: a pessoa de Jesus Cristo, seu Mistério Pascal, o derramamento do espírito, a vinda gloriosa no fim dos tempos e o Reino de Deus que está crescendo entre nós, renovando toda a humanidade e toda a criação.

4. Considerações finais

O mundo atual apresenta inúmeras características novas, que desafiam o sacerdote em sua missão de anunciar a Palavra de Deus. A mudança pela qual passa o mundo é mais profunda do que pode parecer, pois está atingindo o âmago da atual civilização e não apenas aspectos superficiais.

Particularmente, a novidade dessa mudança na sociedade latino-americana é caracterizada pelo Documento de Aparecida como “mudança de época”, isto é, mudança de civilização, cujo “nível mais profundo é o cultural”, em que se “dissolve a concepção integral do ser humano” (cf. DAp. 44), e sua relação com Deus e com o mundo.

Na evangelização, a Palavra tem a missão primordial de anunciar o Mistério Pascal, revelado em Jesus e confirmado pelo Espírito, continuado pela Igreja. Este é o “primeiro anúncio”, cujo conteúdo se resume no chamado querigma.

Com efeito, está acontecendo a passagem de uma época para outra, ou seja, está em curso a gestação de uma civilização, com características novas, que comportam aspectos positivos e também outros que são desafiadores para a evangelização.

A evangelização é um termo muito rico e resume a missão da Igreja, que tem por destinatária a humanidade. Evangelizar é anunciar a Jesus Cristo por meio das palavras, do testemunho, e das boas obras proporcionando conversão e adesão a ele por meio da fé, vivida na Igreja, nas celebrações sacramentais, na mistagogia do Mistério Pascal celebrado e não somente ensinar uma doutrina. A conversão implica em um ato de mudança do modo de pensar e de agir,

como resposta à novidade do Evangelho. Assim fez, por exemplo, Zaqueu, que, ao encontrar-se com Jesus, transformou-se radicalmente, mudando seu pensamento e sua atitude (cf. Lc 19, 8s).

A homilia não existe somente para nos fazer entender as leituras. É preciso que estes textos escritos venham provocar “eco” de conversão e de atitude de vida, na nossa história, na nossa vida pessoal, comunitária e social. Isto é o envolvimento de cada pessoa com o Mistério Pascal por meio da homilia. Portanto, as homilias façam uma ponte entre ontem e hoje, entre a experiência vivida pelo povo de Israel ou pelas primeiras comunidades cristãs e as nossas próprias experiências.

No próximo capítulo ainda na base do Mistério Pascal abordaremos a homilia com meta de uma perfeita conversão, a sua repercussão na vida comunitária e a exigência da santidade daquele que prega, pois o homiliasta prega o que vive e vive o que prega, jamais pode haver ambigüidade no testemunho daquele que são os dispensadores dos mistérios de Cristo.

CAPÍTULO III:

PALAVRA DE DEUS: FONTE DA CONVERSÃO CONTÍNUA COMO META DA HOMILIA

1. Introdução

Como já insistimos nesta dissertação, a homilia é o momento do confronto entre a Palavra proclamada, no contexto do mistério celebrado e a vida do cristão. Desse confronto brotará, como resposta, a conversão. Esta conversão pode adquirir a forma de arrependimento, de adoração, de intercessão, de louvor, de ação de graças e de compromisso de vida.

A homilia tem por finalidade colaborar com Deus para que sua Palavra se encarne no hoje da vida dos fiéis; ajudar o povo e o próprio homiliasta a darem uma resposta à Palavra ouvida na fé, na esperança e na caridade, na celebração e na vida.

Deve manifestar o desejo de uma conversão permanente, que consiste em voltar-se cada vez mais para Deus e para o próximo no amor; recolher os motivos de ação de graças; despertar as atitudes do sacrifício de Cristo, do seu Corpo dado e do seu Sangue derramado, na liturgia e na vida; levar ao compromisso de viver de acordo com a Palavra ouvida e o Mistério Pascal que celebramos.

Neste terceiro e último capítulo, nosso intuito é mostrar o caminho místico que todo cristão deve tomar em busca de uma vivência profunda e espiritual com a Palavra de Deus, elemento importante para vivermos bem as homilias centradas no Mistério Pascal do Senhor.

Nos dois capítulos anteriores apresentamos a descrição do sujeito e do objeto de nossa pesquisa; no capítulo I: a análise teológico-litúrgica do Mistério Pascal e seu anúncio querigmático e no capítulo II: a análise teológico-litúrgica da homilia como anúncio querigmático do Mistério Pascal. Na verdade, tudo o que fizemos nos dois capítulos anteriores foi a tentativa de construção de base instrumental que nos ajudará, com propriedade teológico-litúrgica,

aprofundar o objeto formal desta dissertação: *O Mistério Pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra.*

A proposta metodológica para o desenvolvimento deste capítulo contempla dois momentos de análise, percorrendo os seguintes passos na dinâmica da reflexão: em primeiro lugar, trata da repercussão da Palavra na vida da comunidade enquanto liturgia e Mistério e o segundo, da exigência da santidade do pregador como elemento na sua formação litúrgica.

2. A repercussão na vida da comunidade

Depois de dois mil anos de cristianismo, muita coisa foi se acumulando em nossa vida de fé: devoções, rituais, documentos, instituições, objetos. Muitas vezes essas coisas são por demais valorizadas tirando o lugar central da Palavra de Deus. Palavra que se fez carne, gente, história, em Jesus de Nazaré.

Para os primeiros cristãos, a Palavra de Deus estava no centro de tudo. Eles viviam anunciando a Palavra (Kerygma). Onde ela era bem acolhida, transformava, renovava, libertava, com resultados impressionantes.²²²

Do lado aberto de Jesus nasce a Igreja, que, guiada pelo Espírito, começa apresentar por escrito a Palavra revelada, que não se esgota nos textos sagrados, mas continua na Tradição. Isso aconteceu, também, no Antigo Testamento, quando a experiência da salvação deu origem, já no povo de Israel, aos textos sagrados. A Palavra, portanto, germina na vida da Igreja e é autenticamente interpretada por meio do Magistério do sucessor de Pedro e dos bispos em comunhão com ele. Esta Palavra, que é vida, continua viva nas comunidades cristãs.

2.1. A Igreja e a Palavra, fundamentos da Sacramentalidade

Ao considerar a Palavra de Deus, como diz São Jerônimo, verdadeira comida e verdadeira bebida, proponho esta temática: a Igreja e a Palavra, fundamentos da sacramentalidade. Este é um caminho que a Igreja já está percorrendo. São muitas as experiências ao redor do mundo de ministros da Palavra, em alguns lugares até chamados de delegados da Palavra. Mas é preciso

²²² Cf. At 2,41; 13,12

fazer com que este ministério ou este serviço não seja apenas de suplência; digamos, se o sacerdote não pode estar presente, então por suplência alguém exerce o ministério da Palavra, no culto da Palavra. Penso que se torna importante estudar e aprofundar a perspectiva de que, numa Igreja toda ministerial, o ministro da Palavra, portanto instituído, oficialmente enviado, possa a ser uma presença agregadora nas comunidades de fé, grupos de pessoas em diferentes ambientes, para que a Palavra de Deus possa ser repartida como verdadeira comida e verdadeira bebida, como verdadeiro e indispensável alimento, poderíamos até dizer uma verdadeira ação sacramental.

É uma Igreja que nasce e vive da Eucaristia, assim como é uma Igreja que nasce e vive da Palavra de Deus. A nossa tradição e a nossa experiência eclesial não permitiriam que se fosse numa direção quase polarizadora. Pelo contrário, isto nos daria uma força maior, enriquecedora, enquanto a Eucaristia e a Palavra nos sustentam e são para nós indivisíveis.

Nesse sentido, a Igreja sente a necessidade de fazer com que a Palavra de Deus tenha na vida de cada cristão católico uma centralidade, ou seja, uma fonte de referência permanente.

As celebrações da Palavra, como verdadeira ação litúrgica, possui força sacramental. Cristo se faz presente e nos faz participantes de seu Mistério Pascal através da reunião da comunidade, da proclamação da Palavra, por meio de cânticos e orações. Ao valorizar as celebrações da Palavra não podemos deixar de salientar que a celebração da eucaristia é a expressão máxima de nossa fé. A Eucaristia é a fonte e o centro de toda a vida cristã.

A Igreja cresce e se edifica ao escutar a Palavra de Deus e celebrar a eucaristia como memorial da paixão-morte-ressurreição de Jesus Cristo. A Palavra proclamada conduz à plenitude do Mistério Pascal. A Igreja se alimenta do Pão da Vida na mesa da Palavra e na mesa do pão eucarístico. Na Palavra se recorda a história da salvação, e na Eucaristia a mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais. A Palavra de Deus conduz e se realiza na Eucaristia. Por outro lado, a Eucaristia tem seu fundamento na Palavra. *“A celebração da Eucaristia é o centro de toda a vida cristã [...]. Os demais sacramentos, bem como os demais mistérios eclesiais e as tarefas, ligam-se estreitamente à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam” (PO, 5).*

2.1.1. Vivência e espiritualidade litúrgica: Meditação e Ação

A liturgia é celebração do mistério de Cristo na Igreja, mistério que é uma realidade perenemente atual. A presença do mistério de Cristo na liturgia não é uma presença estática, mas dinâmica, de comunhão-comunicação que aguarda da assembleia eclesial e de cada um dos seus membros o acolhimento do mistério objetivo na subjetividade da vida teologal.

Nos ritmos e nas vicissitudes dos tempos litúrgicos, recordamos e vivemos os mistérios da salvação, e nos dá de maneira simples e imediata e sentido do “recordar”, “viver”, “meditar” e “agir”. “O tempo salvífico do ano litúrgico tem uma referência essencial à Igreja, é *para* a Igreja. O mistério de Cristo celebrado torna-se assim a vida da Igreja e a mesma, por sua vez, prolonga e completa o mistério de Cristo.”²²³ *Senhor nosso Deus, que nos instruíste com as páginas do Antigo e do Novo Testamento para celebrarmos o Mistério Pascal, abri os nossos corações para compreendermos a vossa misericórdia.*²²⁴

Esta oração da Noite Santa poderia dar início, cada domingo, à liturgia da Palavra. Ela formula a razão de ser dessa liturgia. Quando escutamos a Palavra de Deus na assembleia, é o Senhor que nos ensina através do Livro que Ele confiou aos homens, mas, sobretudo nos ilumina no mais íntimo do nosso ser. As mais belas páginas da Bíblia nada são se o mestre interior não se faz nosso pedagogo. Por detrás do leitor que proclama o texto e do homileta que o comenta, é o Espírito Santo que fala.

Pôr-se à escuta da Palavra, é pôr-se à escuta do Espírito. Na verdade, o seu fim é instruir-nos para celebrarmos o Mistério Pascal, mistério de que a refeição do Senhor é o memorial, e abrir os nossos corações para compreendermos a misericórdia do Pai, que culmina no dom do seu Filho.

Para que a Palavra de Deus produza nos corações uma fecunda espiritualidade litúrgica, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica.

Assim, pois, a atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra

²²³ BROVELLI, F. Liturgia e Spiritualità: storia di un problema recente e suoi sviluppi, in idem (ed), *Ritorno allá liturgia. Saggi di studio sul movimento litúrgico*, CLV, Roma: Edizioni Liturgiche, 1989, p. 271.

²²⁴ Cf. Missal Romano. Oração após a sétima leitura, Vigília Pascal, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 282.

de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo em que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações.

Meditar na Palavra de Deus é atentar para a instrução do Espírito Santo, pois a meditação brota a partir do nosso íntimo, no espírito.

A meditação da Palavra de Deus tem de proporcionar ao cristão a atitude de conversão. Sendo assim, o objetivo que cerca a Palavra fomentará o sentido da espiritualidade litúrgica.

Hoje se fala muito em Leitura Orante da Bíblia ou “Lectio Divina” um meio, um instrumento para aprofundar o que Deus quer da minha vida, é um exercício que nos ajuda, aos poucos, a interiorizarmos as mesmas atitudes e comportamentos que foram do próprio Jesus, que obedeceu ao Pai até o último momento da sua existência terrena.

Costuma-se dizer que a Liturgia é a “Igreja em oração”. Sem a menor dúvida, é uma fórmula feliz. Entretanto, ela corre o risco de acentuar unilateralmente o movimento ascendente do culto. A Igreja, antes de levar seu canto audaz e alegre, humilde e confiante, oferece a Deus suas mãos vazias, e espera dele luz e salvação. Ela sabe que cada ascensão sua exige, anteriormente, um gasto de infinita condescendência por parte de Deus. Por isso, antes de oferecer, recebe; antes de falar, escuta. Ela sente-se *exceptorium bonitatis Dei* (*os recipientes da bondade de Deus*), um vaso que ele deve encher. Portanto, antes de falar de uma Igreja em oração, é necessário falar-se de uma “Igreja em escuta”.

Lectio Divina é um termo caro à antiga literatura cristã. É difícil imaginar algo mais carregado de reminiscências. Nestas duas palavras encontra-se, talvez, o segredo mais fascinante da espiritualidade antiga. Evoca todos os ricos componentes de seu contato vivo com a Palavra de Deus.

O Sínodo sobre a Palavra de Deus realizado em Roma no ano de 2008, propõe, entre os seus objetivos, esclarecer aspectos fundamentais da verdade sobre a Revelação, tais como a Palavra de Deus, a Tradição, a Bíblia, o Magistério, que justificam e asseguram um válido e eficaz caminho de fé; acender a estima e o amor profundo pela Sagrada Escritura, fazendo com que os fiéis tenham amplo acesso a ela; renovar a escuta da Palavra de Deus, no momento

litúrgico e catequético, nomeadamente com o exercício da *Lectio Divina*, devidamente adaptada às várias circunstâncias; oferecer ao mundo uma Palavra de consolação e de esperança.²²⁵

2.1.2. A Celebração da Palavra

A Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus, e os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real; Deus, por sua vez, vale-se da comunidade dos fiéis que celebram a liturgia, para que a sua palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações.

Portanto, sempre que a Igreja, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, se reconhece a si mesma como o novo povo, no qual a aliança, antigamente travada, chega agora à sua plenitude e perfeição. Todos os cristãos, que pelo batismo e a confirmação no Espírito, se converteram em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de sua vida.

Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria.²²⁶

A liturgia é celebração da história da salvação, que tem como centro e plenitude o Mistério Pascal de Cristo (cf. SC. 5-6). A Sagrada Escritura é o anúncio perene do plano divino da salvação (cf. SC. 35,2) e a liturgia é o lugar privilegiado para fazer a experiência da salvação. Por isso, a mesa onde se reparte os tesouros bíblicos deve ser abundante e rica. (cf. SC. 51).

A Celebração Dominical da Palavra é uma alternativa exemplar que possibilita às comunidades que ordinariamente não têm a presença de um presbítero, a viver “segundo o domingo”, como diz o Documento de Aparecida nº 248. O sentido dessas celebrações é dado pelo próprio simbolismo do domingo, dia do Ressuscitado, páscoa semanal. Em um mundo marcado

²²⁵ BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-sinodal: VERBUM DOMINI*: sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja, São Paulo: Paulinas, n. 5, p. 11.

²²⁶ Cf. Oração do XXI Domingo do Tempo comum no Missal Romano, São Paulo: Ed. Paulinas, 1989, p. 389.

pelo sofrimento e pela morte, a memória da ressurreição de Jesus – Mistério Pascal - nos reúne a cada domingo e é uma luz que se acende no meio das trevas, uma nota de alegria, de energia positiva, dom da energia amorosa do Espírito que nos recria para a vida nova de filhos e filhas de Deus. O ato de se reunir prescreve um sinal da sacramentalidade da liturgia da Palavra.

A comunidade reunida no amor de Cristo e na força do seu Espírito manifesta o mistério da Igreja, povo sacerdotal e profeta pelo batismo. Não se reúne por iniciativa própria, mas por uma convocação de Deus, que dá à reunião uma dimensão de gratuidade e de busca da sua vontade, para depois ser enviada em missão.

Na celebração da Palavra, sem excluir a dimensão de instrução, os critérios simbólicos e sacramentais devem prevalecer sobre os aspectos pedagógicos e catequéticos, os critérios litúrgicos sobre os critérios pastorais, o caráter doxológico, sobre o verbalismo e a doutrinação ²²⁷. Por isso recebe destaque na celebração dominical da Palavra a oração da Igreja (preces dos fiéis, orações do início e do final), especialmente a ação de graças pela vida nova que brota da Ressurreição de Cristo e pelos sinais concretos da sua vitória manifestada no dia-a-dia. É o próprio Cristo que se faz presente na voz da Igreja orante (cf. SC. 7).

Assim, a Palavra de Deus, proposta continuamente na Liturgia, é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai, que nunca deixa de ser eficaz entre os homens.

2.2. Escuta da Palavra e Conversão

A verdadeira escuta é sempre um ato sumamente comprometedor, porque, mediante a Palavra, é uma pessoa que entra na minha vida. E se nos diz: “Quero fazer contigo uma aliança eterna” (Cf. Gn 17,7), a resposta é sempre comprometedora (auto-implicadora, diz-se em linguagem técnica), trata-se de uma aceitação ou de uma recusa. Tanto o “sim” como o “não” ao Amor, nos comprometem. E a Bíblia “é toda uma carta de amor, que Deus lhe escreve” ²²⁸. Uma palavra que não nos interpela pessoalmente, mas deixa-nos em atitude de espectador, não nos converte.

²²⁷ Cf. FERNANDEZ, P. *Nuevo Diccionario de liturgia* (edição da Espanha). 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1987, p. 368.

²²⁸ GOMES, Cirilo Folch *Antologia dos santos padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, São Paulo: Paulinas, 1979. p 427.

Converte-se é recomeçar; é abrir-se a uma novidade contínua. O homem sozinho não tem capacidade para tanto. Isto, antes de ser um princípio teológico, é um fato experimental que exige uma força do alto. Que força será esta, senão a Palavra, que depois culmina no Sacramento? A Palavra traz em si um potencial de salvação. Paulo a define: “poder divino para a salvação de cada um que crê” (Cf. Rm 1,16). Não é apenas verdade, é força. Não acrescenta apenas modelos de ação, mas nos faz agir. Não se contenta em ensinar, opera em nós.

A Palavra é, sem dúvida, dirigida a nós. Mas para ser um apelo vivo, devemos encontrar-nos com o *Kyrios* vivo e presente, e devemos colher a Palavra de sua boca. Devemos ouvi-lo. Ora, Jesus vive e age na Igreja, é o *Christus praesens* através dos tempos. Irineu foi muito feliz ao dizer que o Espírito Santo “rejuvenece” continuamente a Palavra. Mas o Espírito e a Esposa são inseparáveis. “Lá onde está a Igreja, está também o Espírito de Deus, e onde este se encontra, lá está a Igreja e toda a graça”.²²⁹

O Espírito se serve da Igreja para fazer as letras mortas falarem. Esta mediação é indispensável. Negá-la significa separar a Palavra do único órgão que pode devolvê-la com vida. Então, teremos um documento histórico. Um documento, porém, não converte ninguém. Para haver conversão é necessário nos encontrarmos com alguém que nos interpele. Este apelo passa pela Igreja. Ela é o lugar onde as Escrituras “são compreendidas mais profundamente e se tornam ininterruptamente operantes” (cf. DV. 8). Na assembleia eclesial, ouvindo o apelo de Cristo, compreendemos melhor a dimensão do perdão e nos colocamos em estado de conversão permanente.

Assim, a Igreja aparece como o lugar onde se escuta e se converte, em lugar de uma “*metanoia*” continuamente alimentada e estimulada pela escuta. Quando, pois, o ministro intervém com o poder de ligar e desligar, fazendo as vezes de Cristo que vive na Igreja, ela aparece como mediadora insubstituível do perdão divino. As palavras essenciais do sacramento que ele pronuncia estendendo as mãos são Palavras de Cristo em uma palavra da Igreja.

²²⁹ GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos santos padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*, São Paulo: Paulinas, 1979. p 115.

2.3. A Palavra na celebração do Perdão

Como a revelação, assim também a liturgia é composta de palavras reveladoras que comunicam a verdade e vida de ações salvíficas: Palavra e Sacramento.

A palavra anuncia, revela, explica e catequiza. O sacramento realiza e atualiza. Todo anúncio da Palavra tende à sua realização sacramental; todo sacramento exige a proclamação da Palavra que revela o sentido pleno da ação sacramental ou precede como anúncio específico da obra sacramental que está a ponto de ser realizada.

Na celebração do perdão, a introdução da liturgia da Palavra em toda a celebração é de grande importância para a revalorização do sacramento e para uma purificação de formas demasiado rotineiras, moralistas ou pietistas de celebrar o sacramento.

Convém que o sacramento do perdão comece com a audição da Palavra, pela qual Deus chama à penitência e conduz à verdadeira conversão interior [...] Pelas leituras, Deus chama os homens à conversão e a uma maior semelhança com Cristo, propõe-se o mistério da reconciliação pela morte e ressurreição de Cristo e também como dom do Espírito Santo; manifesta-se o juízo de Deus sobre o bem e o mal na vida dos homens, para iluminar e examinar a consciência.²³⁰

Na realidade, todo sacramento, no momento culminante de sua realização, está impregnado da “Palavra”; é uma ação que contém explícita ou implicitamente em sua forma (ou fórmula) uma palavra da revelação.²³¹

Exemplo do rito da penitência:

- a) Inicialmente, proclama-se a Palavra. Deus fala, e com isso intervém. Se é ouvido, ilumina, provoca eco e converte.
- b) O homem responde ao Senhor que lhe falou. Iluminado pela Palavra, o homem descobre sua miséria. Mediante uma humilde confissão, reconhece sua miséria diante de Deus e da Igreja: é a *confissio peccatorum*. Mas a Palavra lhe revela também que Deus é bom e encontra sua alegria em perdoar (“Há mais alegria no

²³⁰ Ritual da Penitência. *Introdução Geral*, n. 24, 1ª ed, São Pulo: Paulus, 1999, p. 17.

²³¹ Cf. uma ótima exposição teológica sobre o tema em RAHNER, Karl. Parola ed Eucaristia. In. *Saggi sui sacramenti e sull'escatologia*. Roma: Paoline, 1965, pp. 10-162.

céu ...” (cf. Lc 15,7): que é o céu, senão o coração de Deus?) porque “eterna é a sua misericórdia” (cf. Sm 117, 1). Também isso o pecador “confessa” com alegria comovente e reconhecida: é a *confissio laudis* que cria um clima festivo e eucarístico.

- c) A Igreja, que já interveio na proclamação da Palavra, intervém ainda mais explicitamente na oferta do perdão. Porque a Palavra, se é juízo de condenação do pecado, é mais ainda oferta de graça ao pecador. A Igreja intervém mediante o sacerdote, que ali está como ministro qualificado de toda a comunidade, pronuncia as palavras eficazes do perdão. Quando, pois, é a própria comunidade que se encontra reunida para ouvir e para dar uma resposta penitente a Cristo que a solicita, então fica expresso mais adequadamente o caráter eclesial do perdão.
- d) Do perdão brota uma vida nova, o esforço de vencer o velho Adão, que está sempre de novo ressurgindo em nós. Mas a “vida nova” pede principalmente um empenho positivo para viver como “filhos da luz” (cf. Ef 5,8-9), e “renovar-se na mente” (cf. Rm 12,2) com uma regeneração radical. De acordo com uma bela forma litúrgica, requer-se que sejam “capazes de santa novidade”. Não se trata de obra de um dia, nem de brinquedo para crianças. Converter-se a preço de esforço total, que requer a prova de tempo “esquecendo o que fica para trás, e avançando para o que está adiante” (cf. Fl 3,13). É a *epéktasis* dos Padres gregos. Agora a meta a ser alcançada é constantemente indicada pela Palavra. A escuta da Palavra não se limita por isso ao momento inicial do caminho da conversão, mas a guia e apóia em todo seu curso. É esta a resposta existencial à Palavra: a prova das obras, oferecidas com a vida.

A conversão é uma resposta: resposta do homem a Cristo que o chama a sair da sua miséria. Se o homem ouve e se converte, Deus, de sua parte, corresponde perdoando. E o homem parte para um caminho de “vida nova”, apoiado pelo Espírito e guiado pela palavra, eis é o Mistério Pascal da palavra proclamada.

Considerando que o pregador é aquele que comunica Deus com a assembléia e comunica a assembléia com Deus, e que a homilia tem como fonte a palavra de Deus, achamos por bem

explicitar melhor o que significa a Palavra de Deus na vida e na celebração, donde brota a homilia.

2.4. A Palavra é viva na Igreja

No momento em que redescobrimos o papel insubstituível da Palavra, devemos estar atentos para não repetir o erro que minou pela base o movimento religioso da Reforma: apelaram para a Bíblia, desembaraçando-se de tudo aquilo que é necessário para mantê-la viva. A Igreja é o órgão que a restituiu viva para nós. É a moradia familiar que Deus preparou para a sua Palavra, pronunciada por Jesus Cristo em uma forma absolutamente definitiva. É fácil demonstrá-la, baseado em uma simples reflexão teológica.

A Palavra é viva quando o interlocutor está presente e faz ecoar de sua boca. A presença de Cristo impede a Palavra de transformar-se em um documento histórico. A Igreja tem o privilégio desta presença, porque se identifica com Cristo, é sua continuação, é animada por seu Espírito, pois, onde está a Igreja, lá está Cristo, lá está sua Palavra viva.

Os Santos Padres não concebiam a Bíblia fora do mistério eclesial. Diziam: “Fora do Espírito, que vive na consciência atual da Igreja, a Bíblia é letra morta”.²³²

A Palavra foi confiada à Igreja, como depósito.²³³ Entretanto foi colocada em sua boca para que a proclame. “O termo “depósito” pode dar idéia de algo estático, transmitido invariavelmente. “Proclamar”, ao contrário, significa acontecimento, ação, realidade dinâmica”.²³⁴ Os dois condicionamentos estão associados: a Palavra na Igreja é permanente, como uma coisa, e simultaneamente atual, como uma ação. Jesus disse aos Apóstolos na última ceia: “Dei-lhes a tua Palavra” (cf. Jo 17,14). Naqueles que ele enviou, é Cristo, portanto, que continua a falar: eles não transmitem uma palavra sobre Cristo, mas de Cristo.²³⁵ Proclamada por lábios humanos, permanece a Palavra daquele que os enviou.

É uma necessidade, portanto, sentar-se “no colo desta grande e majestosa mãe” - como diria Claudel - e receber de suas mãos o pão da Palavra que ela parte, como nos parte na Missa o

²³² SEMMELROTH, Otto. *Teologia della Parola*, 1ª ed, Bari: Edizioni Paoline, 1968, p. 215.

²³³ Cf. 1Tm 6,20; 2Tm 1,12.

²³⁴ SEMMELROTH, Otto. *Teologia della Parola*, Bari: Edizioni Paoline, 1968, p. 216.

²³⁵ Cf. Rm 10,17 e 1Ts 2,13.

pão eucarístico.²³⁶ Devemos ler a bíblia com a hierarquia que a proclama e explica; com a fé dos Santos Padres e teólogos que a aprofundam; com o amor dos santos que a leem de joelhos; principalmente com a Liturgia que celebra e atualiza, porque ali palpita a vida total da Igreja. Cada um de nós é muito limitado para compreender a Palavra que é dirigida a toda a *Sancta Dei Ecclesia*, para viver isoladamente a história do povo de Deus. Ela, sim, pode fazê-lo, com seu olhar contemplativo, imerso no abismo dos segredos de Deus.

“Nenhuma profecia da Escritura é interpretação particular” (2Pd 1,20). Quando lemos a Escritura, não estamos sozinhos, nem apenas com o Espírito; mas sabemos que estamos com a Igreja, na qual o Espírito opera incessantemente.

A caminhada da Escritura terminará com a da Igreja. Enquanto peregrinamos em direção à Pátria, neste tempo que se situa “entre os dois adventos de Cristo, sua partida e seu retorno, entre a Páscoa que celebrou conosco e aquela que celebramos com ele, o Espírito Santo atua a fim de fazer crescer e frutificar o alfa até o ômega”.²³⁷

A Igreja, aliás, sabe que, recebendo o dom a Palavra de Deus como o seu maior tesouro, recebe também o que constitui o seu maior dever: passá-la a todos.

2.4.1. A Igreja, comunidade do diálogo com Deus

Apresentamos até então, a Palavra na sua fonte; no ato em que ela brota do seio de Deus. Neste item, apresentaremos a visão de uma Palavra encarnada no seio da ação eclesiológica, pois, onde está a Igreja, está uma comunidade do diálogo com Deus que é expressiva pela Palavra e pela Inspiração.

A Bíblia ocupa um lugar na Igreja como fonte da Revelação que inspira a reflexão teológica, catequética e pastoral. Na Igreja primitiva “a comunidade era perseverante em ouvir os ensinamentos dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (Cf. At 2,42-47).

Como nos diz a *Dei Verbum*: “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar,

²³⁶ SEMMELROTH, Otto. *Teologia della Parola*, Bari: Edizioni Paoline, 1968, p. 217.

²³⁷ CONGAR, Yves. *Le Saint Esprit et le corps apostolique réalisateurs de l'oeuvre du Christ*. In *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, n°. 36, ano: 1952, p. 617.

toma da mesa tanto da Palavra de Deus quanto do Corpo do Senhor e o distribui aos fiéis. Sempre as teve e tem, juntamente com a tradição, como suprema regra de sua fé porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito de uma vez para sempre, comunicam imutavelmente palavras do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos profetas e apóstolos a voz do Espírito Santo” (DV. 21).

É tão grande o poder e a eficácia que se encerra a Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, e, para seus filhos, firmeza da fé, alimento da alma, pura e permanente fonte da vida espiritual.

A Igreja é a autêntica intérprete da Palavra de Deus, mas esta é uma declaração que deve ser corretamente compreendida. Ela não significa que a Igreja se pronunciará, autorizada e positivamente, sobre matérias de crítica e sobre detalhes históricos, se estes não estiverem relacionados com questões dogmáticas e morais, pois a Igreja está interessada em questões de fé e moral e matérias diretamente relacionadas com elas. De fato, a Igreja raramente tem definido de modo solene e positivo o sentido de textos particulares, como por exemplo: Mt 16, 16-19 (a primazia de Pedro) ou Mt 26, 26s (a eucaristia).

A Igreja recebeu de Cristo a missão de evangelizar toda a humanidade e leva a termo esta tarefa no ministério da Palavra. Não se anuncia a si mesma, nem é ela a meta de sua pregação. Cristo é o objeto de seu anúncio, e fazer chegar a sua salvação a todos os humanos, a razão de sua pregação.

Assim, a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura suscita, forma e acompanha a vocação e a missão de cada discípulo missionário de Jesus Cristo e orienta as ações organizadas da Igreja. Dessa forma, além de ser “alma da teologia” (Cf. DV 24), a Palavra de Deus torna-se também a “alma da ação evangelizadora da Igreja.”²³⁸

2.4.2. A Liturgia: lugar privilegiado para a escuta da Palavra

A proclamação eclesial da Palavra não conhece fronteiras nem de espaço nem de tempo. Na celebração litúrgica, por exemplo, ela alcança o seu auge, porque nela o Magistério da Igreja

²³⁸ Cf. DAp . n°. 248.

encontra sua máxima realização: a assembleia litúrgica não só revela a Igreja como *plebs adunata* (povo congregado), mas a realiza de modo pleno. E uma vez que ela é o corpo de Cristo, este arrasta consigo a plenitude da presença do ressuscitado.

Na liturgia, encontramos unidas em síntese viva as várias formas do Corpo de Cristo: a Igreja, corpo místico; a bíblia, corpo verbal e a Eucaristia, corpo carnal. Onde o Corpo místico se une ao Corpo glorioso, presente no sacramento, também o Corpo verbal revela todas as suas dimensões.

Na Palavra, a liturgia realiza:

- Um clima de escuta. A Palavra só pode ser verdadeiramente acolhida na fé e na oração. Ora, no ato litúrgico, a Palavra não é apenas lida: “é celebrada”, no júbilo da fé, em um clima de ação de graças, de meditação e de oração. Isto contribui para que a audição da Palavra tenha o máximo possível de aproveitamento.

- A Palavra anuncia na Liturgia, torna-se realidade atual: é uma proclamação que atualiza. Nela a Palavra é de fato ligada ao sacramento, que é “fato divino”, ação pessoal de Cristo.

- Finalmente a Liturgia é o memorial, no qual se desenrola o diálogo de Deus com seu povo: “Na Liturgia Deus fala a seu povo. Cristo ainda anuncia o Evangelho. O povo responde a Deus, ora com cânticos ora com orações, celebra o Mistério Pascal” (Cf. SC. 33). É o Pai, que “vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala” (Cf. DV. 21). Fala a seu povo: em redor do altar da celebração não está uma massa de indivíduos isolados, mas o “povo santo de Deus”.

A comunidade se reúne para este diálogo, mas é ao mesmo tempo no colóquio divino que ele fortifica seus vínculos. É ali que se constrói a Igreja: como comunidade no diálogo.

A liturgia da Palavra ajuda-nos a mergulhar no sonho, nos valores e nos métodos de Jesus. Sonho que é infalível e torna-se, em cada missa, uma redescoberta fundamental. Nesse sentido, celebrar a Palavra é restaurar o sonho de Jesus na Igreja dos seus seguidores e proclamar que o amor é mais forte do que a morte. Por isso os sonhos pessoais que se alinham na dinâmica do Reino são restaurados na liturgia da Palavra. Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que a proclamação da Palavra de Deus constitui uma contínua restauração do sonho cristão.²³⁹

²³⁹ COSTA, Valeriano Santos. *Celebrar a Eucaristia: Tempo de restaurar a vida*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 39.

O Concílio, ao re-valorizar a liturgia da Palavra, estava consciente de que “é máxima a importância da Sagrada Escritura” na celebração litúrgica (SC. 24), porque a força da liturgia reside na Palavra de Deus, que é alimento da fé (DV. 23) e fonte pura e perene da vida no Espírito, que é quem conduz toda a Igreja (DV. 21). A Palavra de Deus proclamada na liturgia expõe o desenvolvimento da economia divina que o Pai, desde o princípio, fez com que se cumprisse no Evangelho de Jesus Cristo (cf. DV. 2; 4; 7). Na Escritura lida e entendida em sua unidade fundamental, ou seja, tomando Cristo como centro e ponto de referência constante, manifesta-se o estilo e o tipo de salvação que Deus quis realizar, em seu amor por todos os homens, uma salvação preparada e iniciada no antigo Testamento e plenamente realizada na encarnação, vida, obras, palavras, morte e ressurreição de seu Filho.²⁴⁰

O que Deus fala e age, revelando-se através de fatos e palavras (DV. 2; 14), continua falando aos homens para que não lhes falte nunca a notícia dos fatos (já realizados na vida e na morte) nem a explicação ou ilustração desses fatos, à base da lembrança dos acontecimentos que os prepararam ou das profecias que os anunciam.

A celebração da Palavra de Deus, na liturgia, garante também a validade permanente dos fatos e palavras da salvação revelada na Escritura. De fato, Deus dispôs a economia salvífica de tal maneira que esta se desenrolasse eficazmente não apenas em cada um dos acontecimentos históricos que culminaram em Cristo, mas também no tempo que viria depois, para que todos os homens pudessem aceitar e viver com fé aqueles fatos que realizaram a salvação (cf. DV. 25). Vista desse modo a Palavra de Deus na liturgia, compreende-se a condescendência de Deus por todos os homens de todos os tempos (cf. DV. 13); de fato, ele, por meio de seu Verbo – a Palavra que preenche toda a Escritura -, quis iniciar e prosseguir ininterruptamente o diálogo amoroso (cf. DV. 21).

O Deus que falava com Abraão, com Moisés e com os profetas e que, finalmente, quis encontrar-se pessoalmente com todos os homens, por meio de Cristo, é o mesmo que agora dialoga com a Igreja na celebração litúrgica.²⁴¹

²⁴⁰ MARTÍN. Julián López. *No Espírito e na Verdade: Introdução teológica à Liturgia – Vol. I*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 232.

²⁴¹ Idem, p. 233.

A Igreja, aberta a esse diálogo, tem que se aprofundar na Palavra que celebra (cf. DV. 23), porque sabe que tem a missão de tomar o Pão da Vida que lhe é oferecido na dupla mesa – a mesa da palavra e a mesa do Corpo de Cristo –, para dá-lo e distribuí-lo aos homens sob essas duas formas (cf. DV. 21). É fundamental para a vida cristã que os fiéis “participem conscientemente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do Corpo do Senhor e dêem graças a Deus” (cf. SC. 48). E dessa necessidade devem estar imbuídos também os ministros da palavra (cf. DV. 25; PO. 4).

Concluindo, podemos dizer que se a Palavra de Deus é comunicada aos homens especialmente na liturgia, se a palavra dá significado a toda a ação litúrgica, e se a palavra é fonte da prece, não deve surpreender a ninguém a necessidade e urgência de que a leitura da Sagrada Escritura se faça sempre em conexão com a liturgia, ou seja, levando em conta a estreita ligação que há entre a Palavra e o sacramento.

O homilista deve despertar no fiel a adesão à Palavra, a conversão. É o que vamos abordar no item a seguir.

3. Exigência da santidade do Pregador como elemento importante na sua formação litúrgica

Uma primeira observação a ter em conta é a seguinte: a homilia não só dá testemunho do Evangelho, mas também do pregador. Toda pregação é encontro pessoal entre o pregador e os fiéis que o escutam.

O perigo que ameaça esta comunicação é o de que o ministro esconda sua personalidade sob a máscara de seu papel de pregador, de teólogo ou de especialista. Então o testemunho deixa de ser pessoal ou desaparecem o tom e o pano de fundo testemunhal, tão importantes.

Quem prega, durante a homilia, não deve silenciar sua experiência pessoal de fé, pois a mesma, parte da vivência mistagógica que faz em relação ao Mistério Pascal de Cristo e porque necessita partir de experiências vitais, tanto próprias quanto alheias, até chegar a configurar algumas imagens, expressões e linguagem também vitais. Do contrário, deter-se-á em fazer paráfrase da Escritura ou em moralismo.

3.1. Três dimensões do sinal litúrgico na homilia

A homilia abarca sempre três dimensões: ela evoca o passado, indica o presente ou torna presente os fatos comemorados, e prefigura o futuro.

A homilia, assim como os sinais litúrgicos, é comemorativos do passado, demonstrativo do presente e prognósticos ou proféticos do futuro. Como exigência destes aspectos e extensão do futuro, nasce uma quarta dimensão, a empenhativa: o compromisso de se viver conforme o que se celebrou. Desta forma, as dimensões da homilia abarcam todo o tempo.

A homilia narra o plano de Deus e suas maravilhas realizadas no passado até o momento atual. A palavra de Deus proclamada é atualizada no presente. Tudo será colocado numa perspectiva escatológica. A ação litúrgica, da qual a homilia faz parte, ajudará os ouvintes da Palavra a viverem de acordo com o que celebraram.

As características da homilia nos ajudam a entender que ela faz parte de todo o processo litúrgico e, desta forma, não é um ato isolado, mas tem conexão com toda a ação litúrgica. Portanto, as características da homilia estão intrinsecamente ligadas às características da missa e vice-versa.

3.2. O Homiliasta: Pedagogo dos Mistérios Sagrados

Normalmente, a homilia é da responsabilidade do ministro que preside a celebração: o bispo, o padre, o diácono leigo. Ser responsável pela homilia não significa que uma única pessoa deva falar; poderá solicitar a participação da comunidade.²⁴²

Para Silva, o homiliasta “re-presenta” os sentimentos da própria comunidade que reage à voz do Amado. O homiliasta, no fundo, “re-presenta” o ponto de união entre duas paixões (a paixão do Amado Jesus-Palavra que se dá num amor infinito, e a paixão da assembleia cristã que, com admiração e renovados propósitos, acolhe o dom do Esposo).²⁴³ Numa palavra, a pessoa que

²⁴² BUYST, Ione. *Homilia, partilha da palavra*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 29.

²⁴³ SILVA, Frei José Ariovaldo da. *Sentir Deus falando e viver uma aliança de amor quando se faz homilia: Um direito do povo um desafio para o homiliasta*. Site: www.pime.org.br/pimenet/mundoemissao/teologiapaixao.htm. Acesso em 16 de outubro de 2008.

faz a homilia, “re-presenta” o ponto de união de uma aliança de amor e compromisso mútuo entre dois amores (Cristo e a assembleia/Igreja).

O desafio do homiliasta seria atuar de tal maneira que toda a assembleia possa sentir que é o próprio Cristo que, na homilia, “comenta as Escrituras”. Ao mesmo tempo, deve atuar de tal maneira que “represente” os sentimentos da própria assembleia diante da voz do Bom Pastor. A homilia deve ser sentida pela assembleia como expressão viva de uma aliança de amor e compromisso mútuo entre Deus e o povo, que se renova “quando se comentam as Escrituras”.

A maioria das pessoas que têm a responsabilidade de fazer a homilia, não considera fácil esta tarefa. Exige muito da pessoa. Buyst elenca alguns pontos que merecem atenção, quanto ao perfil do homiliasta:

“Que seja uma pessoa de bom senso, com maneira simples de ser e falar tenha humildade e uma atitude de serviço. Que seja uma pessoa de fé, tenha o costume de meditar e orar a Palavra de Deus [...] e dê testemunho de vida. Que tenha suficiente preparação bíblica, litúrgica, teológica e jeito (dom, carisma) para anunciar a Palavra de Deus. Que seja uma pessoa que participa da vida da comunidade e da Igreja local, esteja atenta ao que acontece [...] para poder dar uma palavra profética. Que seja aceita por parte da comunidade e reconhecida por parte dos responsáveis da igreja local (padre, bispo)”²⁴⁴.

Segundo Buyst, é necessário pedir a ajuda indispensável do Espírito Santo durante a preparação e realização da homilia.

O homiliasta comunica Deus com a assembleia e comunica a assembleia com Deus. Quem faz homilia ajuda Deus a encarnar a sua Palavra e ajuda a assembleia a responder à Palavra na celebração e na vida. O homiliasta deve despertar no fiel a adesão à Palavra, à conversão.²⁴⁵ Assim, o homiliasta deve ter sempre em mente alguns princípios:

[...] deixar a Palavra de Deus falar. Entrar numa atmosfera de meditação e contemplação da Palavra de Deus. [...] dirigir-se mais ao coração que a razão. Importa despertar o desejo, animar a vontade para a ação. Lançar mão da arte da oratória que na homilia tem caráter coloquial e narrativo [...].²⁴⁶

²⁴⁴ BUYST, Ione. *Homilia, partilha da palavra*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 30-31.

²⁴⁵ BECKHÄUSER, Alberto, OFM. *Comunicação homilética em Comunicação litúrgica*: Presidência, Homilia, Meios Eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 71-72.

²⁴⁶ Idem, p. 73-74.

Realmente, o papel do homiliasta não é tarefa fácil. Daí a importância da preparação da homilia. O homiliasta deverá preparar a homilia com uma boa antecedência. A primeira fase de preparação, Beckhäuser (2003) denominou de incubação, na qual o homiliasta deverá deixar o assunto germinar no subconsciente durante alguns dias. O mesmo autor propõe que o homiliasta escreva a homilia, porém normalmente a homilia não será lida, com o tempo bastará um esquema com pontos anotados por escrito. É importante a recapitulação antes da celebração, porém, a redação ou esquema poderá ser invertido ou mudado, conforme as circunstâncias do momento, não são necessárias obedecer a um esquema rígido.

Moraes teoriza a Homilética na perspectiva evangélica e indica reflexões acerca do homiliasta (pregador). Para ele, o bom pregador é um estudioso incansável da Palavra de Deus e das técnicas para melhor comunicá-la.²⁴⁷ Além da Hermenêutica e Exegese, o pregador precisa estudar as diversas áreas do saber que oferecem melhor compreensão do ser humano: a filosofia, antropologia, psicologia, sociologia, pedagogia, das ciências da computação, comunicação e marketing. Nesta interdisciplinaridade, as faculdades do pregador aumentam podendo melhorar a coleta de dados, sistematização e alcance da mensagem. “A partir do conhecimento dos ouvintes e de suas necessidades, o pregador tem condições de, diante de Deus, definir o que pregar, como pregar e quando pregar”.²⁴⁸ Entretanto, nenhum conhecimento dispensa a inspiração e a iluminação científica da fé. O pregador deve pregar não apenas com vida, mas com a vida, “pois o pregador que não pode viver as palavras que prega, precisa calar-se e viver antes de falar”.²⁴⁹

Para o mesmo autor, o pregador precisa amar verdadeiramente seus ouvintes, se assim não for, o pregador estará apenas fazendo barulho, ao pregar: “Se os amamos, nosso objetivo não será o de impressioná-los com o nosso conhecimento, mas ajudá-los dentro do conhecimento que eles possuem”.²⁵⁰

O homiliasta precisa ser um homem de seu tempo que, além de ler a bíblia diariamente e com constância, deve ler jornais, revistas, assistir televisão e “procurar conhecer as tendências do mundo contemporâneo: isto é, conhecer teologia, mas também o povo e suas necessidades”.²⁵¹

²⁴⁷ MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 23-24.

²⁴⁸ Idem, p. 25.

²⁴⁹ Idem, p. 24.

²⁵⁰ Idem, p. 26.

²⁵¹ Idem, p. 27.

Portanto, a preparação teórica é indispensável, porém não se resume à simples elaboração da redação. O homilista necessita se preparar espiritual, emocional e fisicamente para comunicar com vida e com a vida, a mensagem capaz de transformar e edificar vidas.

4. Considerações Finais

Converter-se significa voltar-se para o regaço de Deus, para a amizade com o Criador. Conversão também é Mistério Pascal, é morrer com Cristo o homem velho e ressuscitar um homem novo (cf. Ef 4,24), porém, é um caminho muito árduo que precisa e requer penitência e mudança de vida.

Deus é a razão e o primeiro motor de nossa conversão. A conversão é um ato de acolhimento daquilo que o Senhor nos diz e pede de cada um de nós. O voltar-se para Deus implica uma radical mudança no modo de pensar e no modo de agir dos homens e mulheres. Temos que nos comportar, agir e fazer conforme a vontade do Pai (cf. Jo 4,34).

A Palavra de Deus é a primeira e a fundamental realidade à qual se liga todo o desenrolar do mistério cristão. A Palavra não representa apenas certo aspecto secundário da ação de Deus, mas, ao contrário, abrange toda a revelação.

Com a Palavra, Deus cria o céu e a terra; por meio da Palavra, ele se revela aos homens; pela proclamação da Palavra, nossa Salvação se torna ato, se realiza. Deus, falando, cria e opera toda a obra da Salvação, pois provoca um ato de conversão.

A Palavra de Deus é acontecimento, onde o Pai entra na história, onde o Filho prolonga o mistério de sua Páscoa e o Espírito atua com sua força. As celebrações da Palavra de Deus, especialmente aos domingos, fundamentam-se no caráter sacerdotal de cada batizado e batizada. “Ele fez para nós um Reino de sacerdotes”, nos recorda o Apocalipse. “Ele te unge sacerdote”, repetimos em cada celebração batismal. Isso é, cada celebração da Palavra é uma forma do povo consagrado “proclamar as maravilhas daquele que nos chamou das trevas à luz”.

Cristo: centro, mediador e plenitude da revelação.

Jesus Cristo, encarnado na história humana até ao ponto de dar a vida para a salvação do mundo, é o centro e a plenitude da revelação, por isso é o centro das Escrituras. Toda a evocação

da história da salvação gira em torno dele e é a partir dele que é realizada a leitura e interpretação da Sagrada Escritura – Antigo e Novo Testamento.

Em Cristo tudo tem sentido, tudo fica esclarecido e tudo se orienta para ele, pois, principalmente pelo Mistério Pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, completaram a obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus (cf. SC. 5).

A palavra edifica a Igreja, povo de batizados, que reunida em assembleia, movida pelo dom do Espírito Santo, abre o ouvido do coração para escutar, celebrar e mais ainda, para proclamar e anunciar o acontecimento da salvação.

Somente a presença de Cristo impede que a Palavra se transforme em mero documento histórico. A Igreja tem o privilégio dessa presença, porque ela se identifica com o Cristo: ela é a sua continuação. Onde, pois, está a Igreja, aí está sua Palavra viva.

Assim como a Eucaristia, também a Palavra é Pão da Vida. “Eu sou o Pão da Vida: quem vem a mim já não terá fome e quem crê em mim, jamais terá sede... As Palavras que vos tenho dito são espírito e vida...” (Jo 6,35.65).

O único Pão da Vida é partilhado de duas maneiras: à mesa da Palavra e à mesa da Eucaristia, representadas respectivamente pela Estante da Palavra e o Altar. São duas formas diferentes e complementares da presença real de Jesus no meio de seu povo para realizar nele a sua Páscoa.

“Em Jesus Cristo a palavra de Deus não só se tornou audível, mas visível”. “O verbo se fez carne e habitou entre nós”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO

“Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? POR ISSO NOS PÚLPITOS SE TRABALHA TANTO E SE NAVEGA TÃO POUCO. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se não de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar”. (Pe. Antônio Vieira)

Interessou-nos aprofundar a dimensão Pascal da homilia, por isso, no decorrer desse trabalho de dissertação, nos ocupamos em demonstrar que a homilia celebra o Mistério Pascal, núcleo da pregação querigmática. Fazem-nos entender que a palavra proclamada deve ser refletida à luz do Mistério de Cristo, transformando em ação mistagógica, pois nos leva a viver com mais coerência a espiritualidade da celebração realizada.

No desenvolvimento do trabalho, já apresentamos algumas considerações finais, de modo que aqui, faremos um apanhado geral, apresentando-o de uma maneira sintética.

Ao dissertarmos sobre o Mistério Pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da Liturgia da Palavra, partimos do princípio de que tal momento na celebração é um ato litúrgico e, conseqüentemente tem a finalidade de manifestar que a Palavra de Deus anunciada, juntamente com a liturgia eucarística, seja como uma proclamação das maravilhas realizadas por Deus na história da salvação ou Mistério de Cristo.

A homilia pode ser entendida como um prolongamento da palavra da Escritura atualizada. Mas, assume como que a ressonância litúrgica revestida de espiritualidade de cunho orante, porém, não moralizante ou doutrinária.

O termo homilia é uma experiência de estar em companhia, ou seja, algo que gera conversa, visando um relacionamento profundo entre pregador e assembleia. Nesta perspectiva, o pregador deve propiciar um relacionamento mais íntimo e profundo dos fiéis com a Palavra de Deus, objetivando conversão.

Homilia é arte de aproximar as pessoas a Deus e Deus às pessoas. Com esta finalidade, o homilista enche-se de responsabilidade como pregador. Exerce o tipo de um promotor de encontro do humano com o Divino e do Divino com o humano. Por isso, se necessário for, o homilista busque meios pedagógicos para melhor expressar a Palavra de Deus através das homilias.

O objetivo da homilia é atingir o coração dos fiéis, possibilitando conversão, mudança de rumo, e mostrar a assembleia o itinerário a ser percorrido. Portanto, a homilia visa fazer com que os fiéis mudem de vida e avancem para as “águas mais profundas” (Lc 5, 4).

Ela nasce da inteligência e do coração do pregador. Isso acontece quando ocorre uma íntima escuta da palavra, quando ele (pregador) acolhe e medita ardentemente por meio da intuição e análise. O êxito comunicacional da homilia é fruto da familiaridade com os textos bíblicos, do olfato espiritual que aumenta a fé. Sem fé, a homilia se reduz apenas a chavões triviais, moralismo barato e improvisado, repetição de textos e, não poucas vezes, fundamentalismo.

Em suma, a homilia pode até chegar a ser cantiga de ninar para os fiéis dormirem, tipo chá de laranjeira, que não faz nenhum efeito na vida das pessoas. Quando elas (homilias) chegam a este ponto (moralistas e longas), é preciso rasgar o véu da síndrome da auto-suficiência de alguns pregadores que pensam que sabem tudo e se acham o máximo. E, acordar o dom do Espírito que dorme neles (pregadores), que não são nada mais, nada menos, do que simples instrumentos que Deus usa em favor de seu povo.²⁵²

²⁵²LIBANIO, João Batistas. *Como saborear a celebração eucarística?* 3ª ed, São Paulo: Paulus, 2005, pp. 51-55.

Portanto, ao usar destes meios, devemos antes de tudo nos preparar bem para que as nossas pregações não sejam meros discursos retóricos, palavreados, que em nada ajudam na vida dos fiéis. Mas, que sejam verdadeiras experiências pascais, pois o mistério de Cristo, também é o nosso mistério. Para que não sejamos simplesmente funcionários do sagrado, devemos antes de falar de Deus, falar com Deus, pois a falta de experiência d'Ele, no exercício das funções da comunicação homilética, torna nossas pregações, vazias e inconsistentes.

A homilia também se encontra no coração do Mistério Pascal. A Palavra também é vida nova, é experiência, é mistagogia; a Palavra também é partilha daí, surge à contribuição da Liturgia da Palavra para a comunidade. A Palavra testifica a vida, nos retira das trevas e nos faz encontrar a Luz.

Nenhuma fala humana pode exprimir devidamente o mistério de Deus e, contudo, não podemos calar-nos em face daquele que é o fundamento e a possibilidade de toda a nossa fala.

O nosso intuito neste trabalho foi mostrar que a homilia é a extensão do Mistério Pascal de Cristo, onde a proclamação da Palavra de Deus pela Igreja é decisiva para a fé do cristão, já que ela possibilita o acolhimento livre do Kerygma (anúncio) salvífico da pessoa de Cristo, possibilitado pela atuação do Espírito Santo. O kerygma e a acolhida da palavra são, portanto, fundamentais para a vida e a missão da Igreja e ocupam lugar central na liturgia, pois, a proclamação da palavra na liturgia torna-se para os fiéis a primeira e fundamental escola da fé.

A Igreja e o homiliasta deverão ainda abrir-se às amplas possibilidades e estilos intelectuais; enganjar-se no desenvolvimento de uma inteligência coletiva e convencer-se de que a tarefa da homilia, em geral, não se dá no isolamento e que só é viável se realizadora coletivamente na inter-relação, na multi-relação e mesmo na trans-relação entre saberes, competência e experiências tanto cognitivas como vitais.

Enfim, não será desejável uma única homilia, mas várias, interagindo e integrando saberes e sabores, prosas e poesias, palavras e imagem, lágrimas e risos, ou então, se pode aspirar pela concepção de uma única homilia, mas com muitas faces: sensível e polisensorial, afetiva e comunal, dialógica e democrática, multi e co-inteligente, inter-multi-disciplinar, humanizada e humanizante.

Não se pode esquecer, por fim, que a homilia se dá sempre no processo de construção e reconstrução do memorial da Páscoa de Jesus. Portanto, não seria demais repetir: a prédica é, em

parte, expectativa e, em parte, memória: é acontecimento, é instante, é anúncio, é ressurreição, é *status praedicandi*, é sedução em andamento, é silêncio em eloquência e som em persuasão; enfim a homilia é (!). Nisso está o seu fascínio, seu encanto. Por um pouco é palavra esperada, num átimo, torna-se palavra encarnada, para logo a seguir submergir e ressurgir como memória sagrada, pela magia da misteriosa dança das palavras.

Finalmente, queremos nos valer da hermenêutica para deixar esse texto aberto a novos olhares, críticas e possibilidades. “Deve-se lembrar que a ciência litúrgica opera com graus de probabilidade e não com verdades acabadas”²⁵³

Temos consciência dos limites e da polissemia deste, enquanto texto, por isso a possibilidade de outros olhares contribui poderosa e decisivamente para que haja um exercício dialógico e de grande crescimento acadêmico e pessoal.

²⁵³ BUYST, Ione. *Pesquisa em Liturgia: Relato e análise de uma experiência*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 67.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONTES BÍBLICAS

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição. São Paulo: Paulinas, 1989. 2366 p.
- BÍBLIA sagrada edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. 1631 p.
- BÍBLIA tradução ecumênica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995, 2480 p.
- BÍBLIA do peregrino. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2000. 747 p.

2. DOCUMENTOS DO CELAM

- CONFERENCIA DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio: conclusões de Medellín. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1977. 168 p.
- _____. Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III conferência geral do Episcopado Latino Americano. Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979. 448 p.
- _____. Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã: Santo Domingo, conclusões. São Paulo: Loyola, 1992. 222 p.
- _____. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1ª ed, São Paulo: Paulus, 2007, 302p.
- _____. A Homilia. Paulinas: São Paulo, 1983, 438p.
- _____. A Celebração do Mistério Pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos, São Paulo: Paulus, 2005, 438p.

3. DOCUMENTOS DA CNBB

- CNBB. Animação da vida litúrgica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1989, 102p. (Documentos da CNBB, 43).
- _____. Celebração da Palavra de Deus: subsídio para as comunidades. São Paulo: Paulus, 1995. 183 p. (Subsídios da CNBB, 3).
- _____. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2008-2010, nº. 60, São Paulo: Paulinas, 2008. 184p.
- _____. Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar. São Paulo: Paulinas, 1986. 172 p. (Estudos da CNBB, 42).
- _____. Orientações para a celebração da Palavra de Deus. São Paulo: Paulinas, 1994. 52 p. (Documentos da CNBB, 52).
- _____. Rumo ao novo milênio: projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1996. 93 p. (Documentos da CNBB, 56).
- _____. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário, Texto Oficial, 1ª ed, Brasília: CNBB, 264p.
- _____. Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental, Brasília: Edições CNBB, 2009, 64p.

4. LIVROS

- ALDAZÁBAL, Jose (Org.). El arte de la homilía (= Dossiers CPL 3). Barcelona, Centre de Pastoral Litúrgica, 1986, 234 p.
- _____. A Eucaristia, 1ª ed, Petrópolis: Vozes, 2002, 488p.
- _____. ALDAZABAL, José; ROCA, Josep. A arte da homilia, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 2006, 118p.
- ARGÁRATE Pablo. A homilia. *In*: A Igreja celebra Jesus Cristo. Introdução à celebração litúrgica (Liturgia e Participação). São Paulo, Paulinas, 1997, 172p
- ARANA, Pedro. Bases bíblicas da missão integral da Igreja a serviço do Reino. Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja. 1ª ed, Belo Horizonte: Missão Editora. 1992, 200p.

- ARENAS, Luis Maldonado. Mistério Pascal na Celebração, in: Dicionário de Catequética, 1ª Ed, São Paulo: Paulus, 2004, 1144p.
- AUGÉ, Matias. Liturgia: História, Celebração, Teologia, Espiritualidade. 1ª ed, Editora Ave-Maria, São Paulo, 1996, 366p.
- _____. Espiritualidade Litúrgica. 1ª Ed, São Paulo: Ave-Maria, 2002, 134p.
- BABIN, Pierre. A Era da Comunicação, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1989, 142p.
- BASURKO, Xavier/ GOENAGA, Jose Antonio. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica. In: BOROBIO, Dionisio. A Celebração da Igreja. Vol 1: Liturgia e Sacramentologia Fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, 480p.
- BECKHÄUSER Frei Alberto. OFM. A homilia à luz da Sagrada Liturgia. In: HACKMANN Pe. Geraldo L. B. (Org.). Sub umbris fideliter. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 158p.
- _____. Comunicação Litúrgica: Presidência, homilia, meios eletrônicos, 1ª ed, ed. Vozes, Petrópolis, 2003, 104p.
- _____. Os fundamentos da Sagrada Liturgia, 1ª Ed, Petrópolis: Vozes, 2004, 99p.
- BOFF, Leonardo. A trindade, a sociedade e a libertação. Petrópolis: Vozes, 1986, 296p.
- BROVELLI, F. Liturgia e Spiritualità: storia di un problema recente e suoi sviluppi, Roma: Edizioni Liturgiche, 1989, 328p.
- BUYST, Ione. Homilia, partilha da Palavra - (Coleção "Rede Celebra"). 5ª ed. São Paulo, Paulinas, 2004. 53p.
- CARRIKER, Timóteo Charles. Missão Integral: Uma Teologia Bíblica. São Paulo: SEPAL. 1992, 318p.
- CARVALHO Dirce de. Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral, São Paulo: Paulinas, 1993. 348p.
- CANTALAMESSA, Raniero. I più antichi testi pasquali della chiesa: Le omelie di Melitone di Sardi e dell'Anonimo Quartodecimano e altri testi Del II secolo, 1ª ed, Roma: Edizioni Liturgiche, 1972, 150p.
- CENTRO DE LITURGIA. Ano Litúrgico com realidade simbólico-sacramental. Cadernos de Liturgia, São Paulo: Paulus, 2002. 64p.

- COSTA, Valeriano Santos. Celebrar a eucaristia: Tempo de restaurar a vida, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 2007, 104p.
- _____ . Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 2005, 123p.
- _____(org). Liturgia: Peregrinação ao coração do mistério, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 2009, 232p.
- CASEL, Odo. El Mistério del Culto Cristiano, 1ª Ed, São Sebastián: Ediciones Dinor, 1953, 216p.
- DEISS, Lucien. A Palavra de Deus Celebrada. 1ª ed, Petrópolis: Vozes, 1998, 189p.
- DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO CELAM. A homilia. O que é? Como se prepara? Como se apresenta? São Paulo: Paulinas, 1983. 438p.
- DONGHI, Antônio. Gestos e Palavras: Iniciação à Linguagem Simbólica, 1ª ed, São Paulo: Paulus, 1995, 126p.
- FRIEDRICH, Gerhard Libri e KITTEL, Gerhard. Grande lessico del Nuevo Testamento. 18º Vol. Brescia: Paideia, 1969, 1110p.
- FOURNIER, E. La Homilia, 1ª ed, Barcelona: Ed. BAC, 1965, 428p.
- FOX, H. Eddie & George E. Morris. Anunciemos o Senhor. A Evangelização na Virada do Século. São Paulo: Imprensa Metodista. 1994, 192p.
- GILSON, Etienne. João Damasceno: De Fide Orthodoxa, trad: Eduardo Brandão, 2ª Ed, São Paulo: Martins Fontes, 1995, 98p.
- GIRAUDO, Césare. Admiração Eucarística. Para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia Eucharistia. São Paulo: Loyola, 2008, 198p.
- GOMES, Cirilo Folch, OSB. Antologia dos santos padres, São Paulo: Edições Paulinas, 1979. 458p.
- GUTHRIE, Shirley C. Sempre se Reformando: A Fé Reformada em um Mundo Pluralista. São Paulo: Pendão Real. 2000, 174p.
- KIVENGERE, Festo. A Cruz e a Evangelização Mundial: A Missão da Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: ABU, 1982, 242p.
- LATOURELLE, R. Teologia , Ciência da Salvação. São Paulo: Paulinas, 1981, 168p.

- LUBAC, Henri de. Que significa El que La Iglesia sea um mistério? - Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II, Barcelona: Flors, 1972, p. 27.
- MAGGLIONI, Sandro. La Predicación en la Vida de la Iglesia - Moral y Pastoral, 1ª ed, Barcelona: Ed. Madri, 1996, 170p.
- MALDONADO, Luis. A Homilia: pregação, liturgia, comunidade. 2ª ed, São Paulo: Paulus, 1997. 198p.
- MIRANDA, Mário de França. Libertados para a Práxis da Justiça: A Teologia da Graça no Atual Contexto Latino-Americano. São Paulo: Loyola, 2002, 160p.
- MOECH, Olavo. O anúncio da Palavra de Deus, 1ª ed, Petrópolis: Vozes, 1980, 194p.
- MARSILI, Salvador, OSB. A Liturgia, momento histórico da salvação. Anámnesis 1. São Paulo: Paulinas, 1987, 268p.
- MARTÍN, Julián Lopez. No espírito e na verdade: Introdução teológica à Liturgia – v. 1, 1ª ed, Petrópolis: Vozes, 1996, 448p.
- MORAES, Jilton. Homilética: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Editora Vida, 2005, 154p.
- NEUNHEUSER, Burkhard. Storia della liturgia attraverso le epoche culturali, CLV, 3ª Ed, Tivoli: Edizioni Liturgiche, 1983, 325p.
- PATE, Larry. Missiologia: A Missão Transcultural da Igreja. 1ª ed, São Paulo: Vida. 1987, 402p.
- ROSA, Guillermo. O que celebramos? *In*: CELAM. Manual de Liturgia I: A celebração do Mistério Pascal – Introdução à celebração litúrgica. São Paulo: Paulus, 2004, 304p.
- SAENZ-BADILLOS, Angel, S. J; MARCOS, Natalio, F. S., Selecciones actuales de Precación Homilética, 3ª ed, Madrid: Ed. De Lubac, 1967, 68p.
- SEMMELROTH, Otto. Teologia della Parola, 1ª ed, Bari: Edizione Paoline, 1968, 326p.
- STOTT, John. A Cruz de Cristo. 1ª Ed, São Paulo: Vida, 1990, 360p.
- VV.AA. A EUCARISTIA. Teologia e História da Celebração – Anamnésis 3. 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1986, 352p.
- ZANLORENZI, Ivo. A Pregação na renovação da Igreja, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1965, 139p.

5. LIVROS LITÚRGICOS:

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium (04.12.1963); AAS 56 (1964) 97-138. *In*: VIER, Frederico (coord).COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. 27ª ed, Vozes: Petrópolis, 1998, p. 257-306.
- INTRODUÇÃO geral do elenco das leituras da missa (25.05.1969). *In*: MISSAL Romano. Lecionário dominical a-b-c. Tradução Portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e aprovada pela Sé apostólica. São Paulo: Paulinas/Paulus, 1994, pp. 13-48.
- RITUAL DA PENITÊNCIA, Ritual Romano renovado por Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica. São Paulo: Paulinas, 2000. 484p.
- MISSAL ROMANO, Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Tradução Portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 1992, 1088p.

6. MAGISTÉRIO:

- BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal: VERBUM DOMINI: sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja, São Paulo: Paulinas, 224p.
- CATECISMO da Igreja Católica (11.10.1992). Petrópolis: Co-edição Vozes/ Paulinas/ Loyolas/ Ave-Maria, 1997. 744p.
- CÓDIGO do Direito Canônico. 1ª ed, São Paulo: Loyolas, 2001, 504p.
- COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA (da Espanha). Partir el Pan de la Palabra. Orientaciones sobre el ministerio de la homilía. *In*: Notitiae, Vaticano, n. 209 (1983), 814-834.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório Geral para a Catequese, São Paulo: Paulinas, 1997, 296p.
- JOÃO PAULO II. Dies Domini (31.05.1998), Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do Domingo. 4ª ed, São Paulo: Paulinas, 1998. 96 p.
- _____. Ecclesia de Eucharistia (17.04.2003). Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a

todos os fiéis leigos sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003. 88p.

- _____ . Carta Encíclica Redemptoris Missio. São Paulo: Paulinas, 1997, 152p.
- PAULO VI. Exortação Apostólica Evangelii Nunciandi. 14º ed. Paulinas: São Paulo, 2000. 104 p.
- _____. *Mysterium Fidei* (03.09.1965). Carta Encíclica de sua santidade o Papa Paulo VI sobre o culto da Sagrada Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1965. 56p.
- PIO XII, *SEMPITERNUS REX CHRISTUS*, Carta Encíclica sobre o XV Centenário do Concílio Ecumênico de Calcedônia, nº. 32, São Paulo, Paulinas, 1951. 128p.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Diretório sobre piedade popular e liturgia: princípios e orientações*. São Paulo: Paulinas, 2003. 296p.

7. ARTIGOS DE REVISTAS E DICIONÁRIOS:

- S. AGUSTÍN. La cuidad de Dios glorioso doctor de La Iglesia, apud, KASPER, Walter. *Que significa El que La Iglesia sea um mistério?* - Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II, Barcelona: Flors, 1972, p.157.
- ALDAZÁBAL, José. La liturgia de la palabra educa al pueblo de Dios. *Phase*, Barcelona, v. 27, n. 160, p. 339-342, jul./ ago. 1987.
- _____. Los religiosos comunidade orante. *Phase*, Barcelona, v. 26, n. 54, p. 331-345, jul./ ago. 1986.
- BERNAL, J. M. La celebración liturgica como experiencia intima de Dios. *Phase*, n.114, p. 486-487.
- BROVELLI, F. Liturgia e Spiritualità: storia di um problema recente e suoi sviluppi, in idem (ed), *Ritorno allá liturgia. Saggi di studio sul movimento litúrgico*, CLV , Roma: Edizioni Liturgiche, 1989, p. 271.
- BUYST, Ione. Homilia, experiência orante. *In: Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 107, 1991, p. 136-137.
- CASEL, Odo. El mistério del culto em el cristianismo. Barcelona: CPL, 2001, cuadernos *Phase*, nº. 129, 70p.

- CASEL, Odo. Que significa El que La Iglesia sea um mistério? - Actas Del congreso Internacional de Teologia Del Vaticano II, Barcelona: Flors, 1972, p.32-35.
- COSTA, Valeriano dos Santos. A Homilia em sua dimensão simbólico-sacramental: na busca inda de acertar 40 anos depois da Sacrosanctum Concilium, *in*: Revista de Cultura Teológica, n.º. 41, Ed. Paulinas, São Paulo, 2002, pp. 31-46.
- COLDEBELLA, Silde. Liturgia em mutirão. Um exemplo típico de homilia. *In*: Revista de Liturgia, São Paulo, n. 107, 1991, p. 138-139.
- CONGAR, Yves. Lê Saint Esprit et lê corps apostolique réalisateurs de l'oeuvre du Christ. *In*: Revue des Sciences philosophiques et théologiques, n.º. 36, ano: 1952, p. 617.
- DELLA TORRE, Luigi. Homilia. *In*: TRIACCA, Achille M. & SARTORE, Domenico. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, 1292p.
- ELENCO das leituras da missa. Introdução geral, n. 24-27. *In*: Palavra do Senhor I: Lecionário dominical A-B-C. São Paulo, Paulinas, 1994, p. 20-21; II: Lecionário semanal. São Paulo, Paulus, 1995, p. 20-21; III: Lecionário para as missas dos santos, dos comuns, para diversas necessidades e votivas. São Paulo, Paulus, 1997, p. 18-19 (Homilia).
- ESCOBAR, Francisco. A Celebração do Mistério de Cristo. *In*: CELAM. Manual de Liturgia II: A Celebração do Mistério Pascal – Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005, pp. 13-84.
- FESENMAYER, Gebhard. A Homilia na Celebração Litúrgica. *In*: BARAUNA Guilherme(Org.). A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio. Petrópolis, Vozes, 1964, p. 405-427.
- FERNANDEZ, P. Nuevo Dicionario de liturgia (edição da Espanha). 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1987, 198p.
- GOENAGA, José Antônio. La homilía: acto sacramental y de magisterio. *In*: Phase, Barcelona, n. 95 (1976), 339-358.
- LEHMANN, Karl, MALDONADO Luís & GRASSO Domenico. Situação presente, e meios de atualização da pregação: Nota Introdutória. *In*: Concilium, Petrópolis, v. III, n. 33, 1968, p.106-136.
- LEME. Jair de Abreu. A Homilia à luz da Constituição "De Sacra Liturgia". *In*: REB (Revista Eclesiástica Brasileira), Petrópolis, v.25, fas. 98, 1965, p. 244-256.
- LLOPIS, Juan. O Anúncio da libertação na liturgia. *In*: Concilium, Petrópolis, v.10, n. 92, 1974, p. 210-217.

- MALDONADO, Luis. Cuestiones actuales sobre la homilía. *In: Phase*, Barcelona, n. 237-238, 2000, p. 247-254.
- MACKENZIE, John L. Mistério. *In: Dicionário Bíblico*. 5ª ed, São Paulo, 1983, 618p.
- NEUNHEUSER, Burkhard. Mistério – *in: Dicionário de Liturgia*, 1ª Ed, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 978.
- PIKAZA, Xabier. Dicionário Teológico: O Deus Cristão, 1ª ed, São Paulo: Paulus, 1998, 970p.
- RAHNER, Karl. Parola Ed Eucaristia. *In: Saggi sui sacramenti e sull'escatologia*. Roma: Paoline, 1965, pp. 110-162.
- ROBERTI, Carlos. O Espírito Santo na Obra de Lucas. *Revista Estudos Bíblicos* 45 – O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes, p. 57.
- SEPAC. Oratória: técnicas para falar em público, coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática, São Paulo: Paulinas, 2006, p. 26.
- SILVA José Ariovaldo da. Homilia, uma entrada para o mistério da vida. *In: Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 107, 1991, p. 134-135.
- _____. Sentir Deus falando. Um direito do povo, um desafio para o homiliasta. *In: Mundo e Missão* 83 (junho 2004), p. 34-35.
- _____. Sentir Deus falando e viver uma aliança de amor quando se faz homilia: Um direito do povo um desafio para o homiliasta. Site: www.pime.org.br/pimenet/mundoemissao/teologiapaixao.htm. Acesso em 16 de outubro de 2008.
- S. GREGÓRIO MAGNO, *Evangelium Homiliae*. *In: Revista Quadrante*, nº: 222, Ed. Agir, Rio de Janeiro, 1989, pp. 22-45.
- SÖHNGER, Gottlieb. La sabiduría de la teología por el camino de la ciencia, *in: Mysterium Salutis I*, Madri: Cristandad, 1969, p. 100-102.
- SORCI, Pedro. Mistério Pascal, *in: Dicionário de Liturgia*, 1ª ed, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 771.
- _____. O Tempo na Liturgia. *In: CELAM. Manual de Liturgia II: A celebração do Mistério Pascal – Fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005, pp. 381-406.
- VIGANÒ, Dario Edoardo, em um artigo publicado em em L'Osservatore Romano. 13 DE AGOSTO DE 2009, pp. 13-14.